

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE FÍSICA, INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS; INSTITUTO DE
CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS.

**A DANÇA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO SOBRE
SISTEMA ÓSSEO: UMA PROPOSTA DE INCLUSÃO PARA
ALUNOS SURDOS.**

JOSUÉ SHIMABUKO DA SILVEIRA JUNIOR

EDNA LOPES HARDOIM

Orientadora

CUIABÁ-MT, MARÇO DE 2015

JOSUE SHIMABUKO DA SILVEIRA JUNIOR

**A DANÇA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO SOBRE
O SISTEMA ÓSSEO: UMA PROPOSTA DE INCLUSÃO PARA
ALUNOS SURDOS.**

*Dissertação apresentada ao PPG Ensino
de Ciências Naturais, da Universidade
Federal de Mato Grosso, como parte dos
requisitos necessários para a obtenção do
título de Mestre.*

Orientadora:

Profa. Dra. Edna Lopes Hardoin

Universidade Federal de Mato Grosso

CUIABÁ-MT

2015



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS NATURAIS
Avenida Fernando Corrêa da Costa, 2367 - Boa Esperança - CEP: 78060-900 - Cuiabá/MT
Tel : (65) 3615-8737 - Email : ppecn@fisica.ufmt.br

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO : "A Dança como Recurso Pedagógico no Ensino do Sistema Ósseo: uma proposta de inclusão para alunos surdos"

AUTOR : Mestrando Josué Shimabuko da Silveira Junior

Dissertação defendida e aprovada em 02 de Junho de 2015

Composição da Banca Examinadora:

Presidente Banca / Orientadora Doutora Edna Lopes Hardoim
Instituição : Universidade Federal de Mato Grosso

Examinadora Interna Doutora Débora Eriléia Pedrotti Mansilla
Instituição : Universidade Federal de Mato Grosso

Examinadora Externa Doutora Nilce Maria da Silva
Instituição : Universidade do Estado de Mato Grosso

Cuiabá, 02 de Junho de 2015.

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

S556d Shimabuko, Josué Buracof Junior.
A DANÇA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO SOBRE O
SISTEMA ÓSSEO: UMA PROPOSTA DE INCLUSÃO PARA ALUNOS SURDOS.
/ Josué Buracof Junior Shimabuko. -- 2015
154 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Edna Lopes Hardoim.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Física,
Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais, Cuiabá, 2015.
Inclui bibliografia.

1. EJA. 2. Ciências. 3. Inclusão. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a **Deus** pela oportunidade de dar mais este passo importantíssimo em minha vida;

Aos meus familiares e em especial a minha mãe **Jussara Shimabuko**, minha irmã **Fabiana Shimabuko** pelo apoio incondicional em minhas escolhas e meu pai, **Josué Silveira**, que mesmo não estando mais neste plano com certeza deve estar contente com mais esta conquista;

Ao meu marido **Lucas Buracof** pelo amor, presença, auxílio, apoio nas horas necessárias e principalmente compreensão da necessidade dos momentos de estudo;

A Universidade Federal de Mato Grosso por possibilitar o estudo e por me acolher sempre como estudante e agora como profissional;

Ao PPGECON/UFMT, nas pessoas de seu coordenador, Prof. Dr. **Marcelo Paes de Barros** e de seu corpo docente, peças fundamentais para minha formação bem como a querida secretária **Neuza Cabral** pelo auxílio nas questões burocráticas;

À Banca Examinadora, Prof^ª. Dr^ª. **Debora Eriléia Pedrotti-Mansilla**, Prof^ª. Dr^ª. **Nilce Maria da Silva** e Prof. Dr. **Carlos Rinaldi** pelas contribuições ao trabalho;

A minha orientadora Prof^ª. Dr^ª. **Edna Lopes Hardoin**, um exemplo de pessoa e uma profissional ímpar, certamente uma de minhas referências para toda vida pessoal e profissional;

A Prof^ª. Esp. **Francilene Machado**, colega de profissão, pelo auxílio com as transcrições e a Prof^ª. Ms. **Naiana Leotti** pela contribuição na oficina de dança;

A todos os envolvidos do CEAADA e da EE Pascoal Moreira Cabral em especial aos alunos surdos, as intérpretes de LIBRAS bem como a professora de Biologia por oportunizar as observações e aplicação da metodologia em sua aula;

Ao Prof. Ms. **Anderson Duarte** e a Prof^ª. Ms. **Suammy Rodrigues** pelas contribuições e auxílio sempre que solicitados bem como por serem minhas eternas referências no ensino de LIBRAS;

A minha amiga e parceira de trabalho Prof^ª. Esp. **Vanessa Costa** pelos seis anos atuando juntos gerando muito aprendizado na prática do ensino, além de segurar as pontas e possibilitar a flexibilidade de horários quando necessário;

A todos meus amigos e colegas de profissão que contribuíram direta e indiretamente para a execução deste trabalho e acreditaram em mim para desenvolvê-lo.

MUITO OBRIGADO!

*Uma palavra que não representa uma ideia
é uma coisa morta, da mesma forma que
uma ideia não incorporada em palavras
não passa de uma sombra.*
Lev Vigotski

Lista de Siglas

AEE- Atendimento Especializado Educacional

ASL-Língua Americana de Sinais

CAPES-Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEAADA-Centro de Apoio ao Deficiente Auditivo

CENESP-Centro Nacional de Educação Especial

EJA-Educação para Jovens e Adultos

EE – Escola Estadual

L1-Primeira Língua

L2-Segunda Língua

LIBRAS-Língua Brasileira de Sinais

LSF-Língua Francesa de Sinais

PCD-Pessoas Com Deficiência

SECUC-MT-Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso

SEM- Sala de Recursos Multifuncionais

UFMT-Universidade Federal de Mato Grosso

Lista de Figuras

Figura 1- Retrata as quatro fases do ensino para alunos com necessidades educacionais especiais por meio dessa figura	10
Figura 2- Esquema das etapas da pesquisa.	23
Figura 3- Os alunos observam atentamente as instruções do professor para o início da pratica, sobre o tablado.....	31
Figura 4- Posicionamento de alguns alunos para o início da prática no chão de cimento	31
Figura5- Tipos de receptores cutâneos.....	35
Figura 6- A interação entre os alunos acontecendo por meio de explicação de um passo.	37
Figura 7- Organização da sala da aluna Carla.....	48
Figura 8- Paródia musical utilizada pela professora para o ensino do conteúdo de tipos sanguíneos.	55
Figura 9- A organização da sala de Pedro.	66
Figura 10- A organização da sala de Júlia.....	85
Figura 11- Exemplificando a diferença de tamanho das caixas amplificadoras, tendo como ponto referencial um lápis e um pen drive.	104
Figura 12- Organização da sala para a aplicação da metodologia diferenciada.....	113

Lista de Tabelas e Gráficos.

Tabela 01: Sujeitos da pesquisa.....	25
Tabela02 : Referente as observações feitas nas salas de aula.....	40
Gráfico 01: parâmetro geral de respostas dos alunos.....	116

Sumário

Lista de Figuras.....	8
Lista de Tabelas e Gráficos.....	8
1 - Introdução.....	1
2 - Objetivo Geral.....	5
2.1Objetivos Específicos.....	6
3 - Fundamentos Teóricos.....	7
3.1 - Revisão de Literatura.....	7
3.2 Inclusão.....	9
3.3 A Língua Brasileira de Sinais.....	13
3.4 Educação dos Surdos No Brasil.....	16
3.5 O Ensino de Biologia para Surdos.....	19
3.6 A Dança para os Surdos.....	20
4 - Percurso Metodológico.....	22
4.1 As Escolas e os Sujeitos da Pesquisa.....	23
4.2 A Oficina de Dança.....	26
4.3 As Observações em Sala de Aula.....	27
4.4 Entrevistas.....	27
4.5 A Produção da Aula Diferenciada.....	28
4.6 Aplicação da Aula Diferenciada: o Produto.....	28
5- Resultados e Análise dos Dados.....	29
5.1 A Oficina de Dança.....	29
5.2 As Observações e Entrevistas na Escola Inclusiva.....	38
5.2.1 Entrevista com a professora Carolina.....	40
5.2.2 Observações na sala de Carla.....	48
5.2.3 Entrevista com a estudante Carla.....	56
5.2.4 Entrevista com a intérprete Sueli.....	61
5.2.5 Observação na sala do aluno Pedro.....	65
5.2.6 Entrevista com o estudante Pedro.....	69
5.2.7 Entrevista com a intérprete Marcia.....	76
5.2.8 Observação na sala da aluna Julia.....	83
5.2.9 Entrevista com a estudante Julia.....	89
5.2.10 A Entrevista com a intérprete Juliana.....	93

6 - A Produção e Aplicação da Aula Diferenciada	102
6.1- Roteiro de Aula Diferenciada: O Produto.	107
6.2 - Aplicação do Produto Educacional.....	112
7 - Considerações Finais	120
9 - Referências Bibliográficas	123

RESUMO

A inclusão de pessoas diversas em escolas regulares foi um ganho quando olhamos pelo prisma da interação entre os alunos, com necessidades educacionais especiais ou não, a compreensão de uma educação que percebe a existência das diferenças, respeitando-as e convivendo com estas de forma não excludente é fundamental para a inclusão. Porém alguns requisitos precisam ser revistos para que possamos dar continuidade a estas mudanças de forma que a qualidade de ensino contemple a todos os alunos. Historicamente, a educação de surdos esteve voltada para questões linguísticas, em específico, para a discussão do ensino da Língua Portuguesa, oral e/ou escrito, e do uso da língua de sinais. Pouco se tem falado em relação à aprendizagem de outras áreas do ensino, como as Ciências. Pesquisar e compreender metodologias que facilitem o ensino para esses alunos torna-se muito importante, visto que passamos por um período escolar onde o processo inclusivo inicia-se, e a atenção deve ser redobrada, já que de forma igualitária todos tem direito a aprendizagem. A interação entre os diferentes no intuito de que percebam os outros e ocorra um auxílio mútuo, trazendo o olhar para a educação não apenas conteudista, mas visando o desenvolvimento humano, de compartilhamento de saberes/experiências. Esta pesquisa foi realizada na educação básica, mas de pessoas surdas. Trabalhamos com uma metodologia que envolveu elementos culturais como a dança e a música. Este trabalho discutiu a interatividade e a aprendizagem de alunos surdos em uma sala inclusiva de uma escola pública na modalidade da Educação para Jovens e Adultos- EJA. Objetivou ainda, despertar um olhar diferenciado nos professores quanto ao ensino para esses alunos, na tentativa de desmistificar a incapacidade de surdos na aprendizagem diferenciada que envolva elementos dos quais achamos necessária à audição, obtendo como produto uma proposta de aula diferenciada para o ensino do Sistema Ósseo tendo a dança como elemento introdutório e motivador.

Palavras-chave: EJA, Ciências, Inclusão.

ABSTRACT

The inclusion of several people in regular schools was a gain when we look through the prism of interaction between students with special educational needs or not, the comprehension of a differentiated education that realizes the existence of differences, respecting it and dealing with it in a non exclusive way is crucial for inclusion. However some requirements need to be reviewed to go on with these changes in a way that a quality education could achieves all students. Historically, the deaf education was focused on linguistic questions, in particularly, in discuss the education of the Portuguese language, oral and/or written, and the use of sign language. In the history, shortly was said in relation to learning of other areas of education, such as science. Researching and comprehending the methodologies to facilitate the education for deaf students becomes very important, since we are going through a period where the school inclusive process begins, and attention should be reinforced considering that all the students has education rights an equal form. The interaction between the different in order to realize the existence of the other, and happen a mutual aid, not only in a formal education, but aiming the human development of sharing knowledge/experiences. This research was conducted in the basic education, only with deaf students. The methodology used involved cultural elements, such as dance and music. This paper discussed the interactivity and learning of deaf students in a inclusive class of a regular public school in the modality of Education for Youth and Adults - EJA. Moreover, this study also aimed awaken a different view of the teachers to teach these students, in attempt to demystify the disability of the deaf in differentiated learning that involves elements which is thought the audition is essential, obtain as product a proposal to one differentiated lesson to the teach of Skeletal and Muscle System, having the dance as a introductory and motivator element

Keywords: EJA, Science, Inclusion.

1 - Introdução

A escola regular inclusiva é para todos e se constitui em espaço de múltiplas identidades, que traz um ganho quando olhamos pelo prisma da interação entre as Pessoas Com Deficiência- PCD e aqueles ditos normais¹. Se considerarmos que também é a partir das relações que as pessoas conseguem construir conceitos, o diálogo entre os diferentes é essencial ao desenvolvimento cognitivo. A efetivação de uma educação de forma diferenciada permite perceber a existência das diferenças, respeitando-as e convivendo com estas de forma natural e de forma não excludente. Porém alguns requisitos precisam ser revistos para que possamos dar continuidade a estas mudanças de forma que a qualidade de ensino contemple a todos os alunos.

A publicação de Sasaki(2009) sobre as nomenclaturas na área inclusiva objetivou esclarecer o uso das terminologias, bem como fortalecer o uso do termo surdo para referir-se as pessoas que não possuem audição alguma e até os dias de hoje são taxadas com termos pejorativos e errôneos como surdo-mudo, por exemplo.

Especificamente para os alunos surdos, o foco do nosso trabalho, é necessário levar em consideração todo um desenvolvimento cognitivo que ocorre de forma diferenciada, já que os mesmos percebem o mundo por meio da visão, não possuindo recursos auditivos como referência, o que torna esse grupo de pessoas perceptíveis de um mundo diferente dos ouvintes, com algumas peculiaridades, a começar por sua língua natural ² que tende a ser viso-espacial e não oral-auditiva. Strobel (2008) nos coloca que é preciso levar em conta toda esta especificidade em relação a sua língua, sua cultura e, principalmente, atentar para sua forma de aprendizagem, afinal, o surdo é mais uma entre as tantas outras identidades presentes no espaço escolar inclusivo.

Historicamente, a educação de surdos esteve voltada para questões linguísticas, em específico, para a discussão do ensino do português, oral e/ou escrito, e do uso da língua de sinais (QUADROS, 2004). Por tempos o ensino do surdo versou sobre possibilita-lo a fala de varias maneiras diferentes, buscando o aperfeiçoamento para aproximar o

¹ Considerando o indivíduo biologicamente.

² Língua natural é uma língua que pode ser adquirida de maneira natural e até mesmo inconsciente. Ou seja, é uma língua que a criança surda adquire através do diálogo contextualizado. Deve ser adquirida em primeiro lugar e a partir dela serem feitas as demais aquisições linguísticas (Slomski 2010 pag. 49).

sujeito surdo do que a sociedade considerava normal. Muito pouco se falou em relação à aprendizagem de outras áreas do ensino e como estas ocorriam. Desta forma, faz-se necessário ressaltar a importância de pesquisa em outras áreas do conhecimento referente à aprendizagem do aluno surdo, como na área de Ciências da Natureza motiva o aluno a buscar respostas a questões e fenômenos, do cotidiano ou não, pode deixar o sujeito curioso, interessado e, por vezes, aguçam o desejo de explorar aquilo que lhe parece diferente. Por quê? Essa é uma pergunta frequente, se não diária, na vivência do ser humano.

Poucos são os estudos sobre o ensino de ciências para surdos no Brasil (MACHADO, 2003; LEMOS NETO et al., 2007; PEREIRA BENITE & BENITE 2011), se tornando assim um dos nossos desafios enquanto educadores, a busca de métodos e instrumentos pedagógicos que nos permitam trabalhar com os diversos, posto que possuem cultura e ritmo próprios mas que cotidianamente são submetidos a fenômenos e processos iguais ou semelhantes aos dos ouvintes.

Quando falamos de ensino de ciências, e a biologia pertence a esta grande área, torna-se muito importante pesquisar e compreender metodologias que facilitem a aprendizagem de temáticas por alunos com deficiência visto que passamos por um período escolar onde se inicia o processo de inclusão.

Entendemos inclusão como Sasaki (1997, p. 41) define ser:

O processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente estas se preparam para assumir seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas, ainda excluídas, e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos.

Outro fator determinante para uma educação de qualidade para os alunos surdos é assumir que a Língua Brasileira de Sinais- LIBRAS deve ser a primeira língua (L1) dos sujeitos em questão, e a Língua Portuguesa como segunda língua (L2), sendo sua modalidade escrita insubstituível, como consta na legislação (Lei Nº10.436 do art. 1º ao 7º de 24/04/02), por ser fundamental neste processo.

Este trabalho pretendeu discutir a interatividade e a aprendizagem de alunos surdos em uma sala inclusiva de uma escola regular pública de alunos da modalidade da Educação para Jovens e Adultos- EJA, despertando um olhar diferenciado nos professores quanto ao ensino para esses alunos.

Segundo a Declaração de Hamburgo, a EJA perpassa a aprendizagem formal. Inclui a educação formal e a não formal e o espectro da aprendizagem informal e incidental disponível numa sociedade multicultural, onde os estudos baseados na teoria e na prática devem ser reconhecidos. (UNESCO, 2008).

A interação entre os diferentes no intuito de que percebam os outros e ocorra um auxílio mútuo, trazendo o olhar para a educação não apenas conteudista, visando o desenvolvimento humano e o compartilhamento de saberes/experiências. Uma educação que percebe a importância do aspecto cultural e social no processo de ensino-aprendizagem e, em especial, na Educação de Jovens e Adultos, pois a faixa etária não é o supremo vilão das dificuldades, é a peça-chave e devemos redirecionar nossa atenção levando em consideração no momento de produção do saber (MARQUES 2007).

Na tentativa de desmistificar a incapacidade de surdos na aprendizagem que envolva elementos os quais achamos necessária a audição, precisamos estar cientes que o espaço onde a Educação de Jovens e Adultos se inscreve, como ressalta Marques (2007), é um espaço que permite a participação de um público tão heterogêneo, diversificado e complexo, para a produção / propagação / emancipação do saber, cujos elementos abarcam uma incomensurável gama de multiplicidades de modos.

O interesse pelo ensino de alunos surdos iniciou-se ainda quando cursava a graduação em Ciências Biológicas. Na mudança da matriz curricular do curso, na qual a disciplina LIBRAS foi inserida, eu a cursei com muita curiosidade, visto que sempre tive vontade de aprender a língua, mas, ao meu ver, esta sempre esteve associada a uma determinada religião da qual eu não fazia parte.

Ao perceber o quanto a língua era rica e importante, começaram minhas indagações, que resultaram em um trabalho científico que teve como objetivo compreender como os surdos percebiam as matérias ensinadas no ensino médio de uma escola estadual de Cuiabá. A surpresa veio ao saber que a disciplina de Biologia estava entre uma das mais difíceis de compreender sendo que um dos motivos alegados pelos alunos surdos era o uso excessivo de nomenclaturas científicas que não tinham sinais

correspondentes tornando-se complicada a aprendizagem de tais termos. Este foi o ponto de partida para me interessar pelos estudos da área.

A proposta da pesquisa do mestrado surgiu da minha realidade como pesquisador cujas frentes de ensino versam em três diferentes esferas: A formação em Ciências Biológicas, a experiência com Dança de Salão por 11 anos (sendo 5 como professor de um projeto de Qualidade de Vida voltado para servidores da rede estadual de educação) e o interesse pessoal que me levou a atuar na área de LIBRAS mergulhando em um universo que inicialmente era desconhecido e que na atualidade faz parte do meu cotidiano.

Uma das propostas de meu trabalho foi a de discutir algumas barreiras impostas pelas escolas como a de acreditar que alunos surdos não podem ou não precisam fazer aulas de música por serem surdos e nesta mesma direção entende-se que também não poderiam danar. Perguntamos: será que realmente estes alunos não teriam esta capacidade? Para Hardoim et al. (2013, p.2), os talentos e potenciais das PCDs não foram considerados ao longo da história, pois sempre foi mais fácil prestar atenção à aparência e aos impedimentos do que às suas capacidades. Para essas autoras:

Ainda vivemos numa sociedade que começa a dar pequenos passos no sentido da inclusão dos diferentes e, principalmente, na proteção dos direitos humanos, considerando o humano como um ser portador de potencialidades na promoção do bem comum.

Quando nos propomos a estudar métodos ou didática que envolvam elementos culturais como a dança ou a música, neste contexto geralmente os alunos surdos são deixados de lado por relacionarem que a audição está diretamente ligada a tais atividades, desconstruindo todo um processo inclusivo na escola que barra seus alunos por possuírem “limitações”. Então, perguntamos novamente: será mesmo que surdos não são capazes de dançar, desenvolver rítmica, lateralidade, consciência corporal por meio da dança pelo fato de não escutarem a música da forma como os ouvintes a escutam? Em geral, esta indagação nos leva a uma reflexão de que não podemos considerar esse momento da utilização destas dinâmicas em salas com crianças surdas para não torná-las excluídas do processo educacional, a não ser que sejam dispensadas das atividades a fim de não prejudicar os demais colegas. Não é de se espantar que as restrições das atividades e as dispensas sejam mais comuns do que se pensa.

A dispensa geralmente prevalece, favorecendo um ambiente desestimulante, excludente e, na pior das hipóteses, proporcionando ao aluno surdo a sensação de incompetência diante dos colegas de classe, da incapacidade por sua limitação física, quando o certo seria proporcionar aos alunos inclusos, em especial aos surdos, a possibilidade de mostrarem que também são capazes tanto quanto os ouvintes, mesmo com sua diferença, levantando sua autoestima, explicitando que o mesmo é um integrante ativo da turma como qualquer outro aluno. Metodologias diferenciadas são necessárias em aulas inclusivas, e para trabalhar conteúdos biológicos não deve ser diferente.

Assim o problema que nos acompanhou na pesquisa foi como explicar conteúdos complexos como o sistema ósseo para os alunos de forma vivenciada por meio da dança, saindo um pouco dos recursos de ensino tradicional, como o quadro e giz?

Não podemos esquecer que na sala inclusiva temos os demais alunos ouvintes que não podem ser prejudicados, visto que o foco da aula não deve ser somente o aluno surdo, mas a sala como um todo e diversas são as metodologias que incluem, principalmente a música em seu cotidiano como o uso de paródias para fixação do conteúdo e o grande desafio do professor é pensar em como articular um ensino que seja atrativo e com qualidade para todos.

Ao pensar nestas problemáticas nos arriscamos a propor uma metodologia diferenciada para auxílio do professor de Biologia tendo como aporte teórico, inicialmente, o interacionismo de Vigotski (2008), o auxílio da interpretação dos diálogos de Bakhtin (2003), tentando mostrar um novo olhar sobre os surdos inclusos, a começar por desmistificar alguns pré-conceitos sobre estes.

Propormos a dança como um instrumento didático e se por meio desta vivência eles conseguem inter-relacionar a dança com a aprendizagem do sistema ósseo, no intuito de verificar se esta proposta possibilita uma aprendizagem significativa (AUSUBEL & NOVAK, 1980) para esse alunado, em especial.

2 - Objetivo Geral

Na tentativa de desmistificar a incapacidade de alunos surdos na aprendizagem diferenciada, este trabalho pretendeu discutir a aprendizagem de alunos surdos de uma escola inclusiva, em uma classe de Educação de Jovens e Adultos, por meio da

produção de um roteiro de aula diferenciada tendo a dança como elemento introdutório motivador.

2.1Objetivos Específicos

Estes foram constituídos em :

- Investigar se há limitações quanto a ritmo, lateralidade, coordenação motora, destreza no movimento de alunos surdos em relação aos ouvintes;
- Promover a interação entre os alunos da sala - surdos e ouvintes - da escola inclusiva e perceber como esta se dá - se de forma natural ou forçada;
- Permitir que o professor de Biologia visualize e compreenda as capacidades do aluno surdo de perceber a música a partir da proposta inclusiva desenvolvida;
- Compreender a percepção dos envolvidos, professor, intérprete e alunos, em relação à surdez como barreira ou não para atividades que teoricamente dependem do sentido da audição;
- Possibilitar uma aprendizagem significativa por meio da experimentação do conteúdo;
- Elaborar e aplicar um roteiro de aula diferenciada para o ensino sobre o sistema ósseo voltado aos alunos do programa Educação para Jovens e Adultos- EJA de uma escola inclusiva.

3 - Fundamentos Teóricos

3.1 - Revisão de Literatura

Consultamos diversos artigos dispostos em revistas de publicação periódica, nos principais periódicos dispostos na web como no Portal Periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), no site da Scielo, bem como no Google Acadêmico, além de livros, que contemplem a investigação de metodologias no ensino de Biologia e educação de surdos (QUADROS 2008; DALLÁCQUA e ZANOLLO 2009; LACERDA et al. 2013 entre outros) que tenham dinâmicas que envolvam dança.

Vale ressaltar ainda que existem varias limitações em nível de precisão das informações publicadas, dentre outro aspectos, entendemos que o banco de teses e dissertações da CAPES se trata de uma fonte de consulta de caráter oficial, uma vez que constitui uma das instituições brasileiras em nível federal reguladora, por exemplo, da qualidade da educação de nível superior do país.

Quando pesquisamos sobre inclusão as teorias de Levi Semiovitch Vigotski são fundamentais, visto que elas nos apontam a importância da interação dos envolvidos para a aprendizagem e nos trazem valores que devem ser considerados como a interação entre professor e aluno, aluno e colegas, As interações precisam ser motivadas pelo professor, possibilitando metodologias de ensino que proporcionarão um maior contato com os colegas, gerando a aprendizagem. Não podemos esquecer que ainda nestas relações temos a presença de um mediador da comunicação entre o aluno surdo e os demais ouvintes - o Intérprete de Libras-ILs, e sua relação neste processo de ensino-aprendizagem precisa ser levada em consideração.

Vigostki (1989) defende o interacionismo como sendo uma das bases para a aprendizagem e desenvolvimento da linguagem dentro do processo inclusivo, a interação entre os diferentes no intuito de que uns percebam os outros e ocorra auxílio mútuo, trazendo o olhar para a educação não apenas como um local preocupado com a formação conteudista, mas com uma visão de desenvolvimento humano, compartilhamento e produção de saberes.

A escola inclusiva, dentro das concepções de Vigotski (2008),:

Privilegia as mediações culturais, que caracterizam sua visão do homem enquanto ser social, atribuindo o exercício da humanidade à possibilidade de o indivíduo estabelecer trocas culturais por meio da linguagem.

Portanto, a falta de compreensão de uma linguagem, independente de qual seja, acarreta em especial na criança atraso em seu desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem, comprometendo, também sua capacidade de interação com outros sujeitos no seu meio.

O professor precisa atuar orientando e facilitando a aprendizagem. Para isso deve estar atento aos pensamentos dos alunos, para que este envolva intensa atividade mental, desenvolvendo uma aprendizagem significativa e não baseada na simples memorização, criando significados e a construção de conhecimento, propiciando à criança o desenvolvimento de ideias, conceitos e relação entre fatos e ideias (CAMPOS, e NIGRO, 2009). Ausubel(1978) nos diz que:

A essência do processo de aprendizagem significativa é que ideias simbolicamente expressas sejam relacionadas de maneira substantiva (não-literal) e não arbitrária ao que o aprendiz já sabe, ou seja, há algum aspecto de sua estrutura cognitiva especificamente relevante para a aprendizagem destas ideias (AUSUBEL 1978, p 41).

Ausubel acredita que esta aprendizagem ocorre quando uma nova informação relaciona-se com um aspecto especificamente relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo, ocorrendo a interação entre a nova informação e o conhecimento específico já assimilado, o que ele denomina de *subsunção*³.

Outras condições são necessárias para que tal aprendizagem ocorra como um material potencialmente significativo bem como uma disposição do aluno para relacionar de maneira substantiva o novo material. Independente do quão o material seja potencialmente significativo, se não for interessante para o aluno, se o mesmo não estiver disposto a aprendê-lo tal aprendizagem será de forma mecânica, arbitrária não tendo significado para o aprendiz.

³O termo correto é “subsumer”, palavra inglesa que não possui tradução fiel, equivalente a inseridor, facilitador ou subordinador (MOREIRA, 1999)

3.2 Inclusão

É necessário compreender que o atual modelo de inclusão é resultante de um processo histórico que foi constituído ao longo de anos. E que ainda está em constante construção.

Para termos o que chamamos de inclusão passamos por diversos caminhos, os quais Sasaki (1997) resume em quatro fases:

A sociedade em todas as culturas atravessou diversas fases no que se refere às práticas sociais. Ela começou a praticar a **exclusão** social de pessoas que por causa das condições atípicas- não lhe pareciam pertencer a maioria da população. Em seguida, desenvolveu-se o **atendimento segregado** dentro das instituições, passou para a prática da **integração social** e, recentemente, adotou a filosofia da **inclusão** social para modificar os sistemas sociais gerais (SASSAKI, 1997, grifos meus).

Nas quatro fases divididas, na concepção de Sasaki, a primeira foi a de maior duração, uma fase onde era natural pensar em abandono e morte para as pessoas ditas com deficiência. Em seguida veio a segregação⁴, em que as pessoas eram retiradas de suas comunidades de origem e segregadas em instituições residenciais ou escolas especiais de preferência localizadas com uma certa distância da família; eram educadas, mas de forma segregada. Nesta fase, ocorre o surgimento das escolas especiais. De fato foi uma fase muito importante conforme nos coloca Beyer (2005) que diz que de certa forma pela primeira vez as crianças com deficiência tinham contato com um sistema escolar.

As escolas especiais vieram no intuito de possibilitar uma educação de qualidade para as pessoas com deficiência dando uma oportunidade negada até então, entretanto como parte de um processo logo foram desconsideradas como modelo ideal. Iniciou-se o processo de desinstitucionalização⁵ que ganha força com a reunião que aconteceu em Londres em 1978 dando origem a comissão de Warnock. Essa apoia o princípio da integração distinguindo em três formas:

⁴Segregação ou Separação visto que o termo vem no sentido de segregar os alunos mas ao mesmo tempo exclui-os do convívio social.

⁵Processo que marcou a transferência gradual das pessoas com deficiência das instituições especiais para as escolas regulares

- Situacionais: Unidades ou turmas especiais ligadas a escolas regulares;
- Sociais: convívio entre os alunos, e se possível com partilha de atividades extraclasse;
- Funcionais: Alunos que têm necessidades educacionais especiais assistem as aulas da escolaridade regular em regime integral ou parcial.

A comissão da origem ao Relatório de Warnock(1978), a publicação gerou uma visão diferenciada com relação ao termo usado para definição sendo adotado então o termo inclusão. A inclusão foi entendida na época como um termo que reconhece que todos estão abrangidos. Desta forma a prática educativa inclusiva se aplica a todos os alunos.

A figura elaborada por Beyer (2006) ilustra as quatro fases citadas anteriormente.

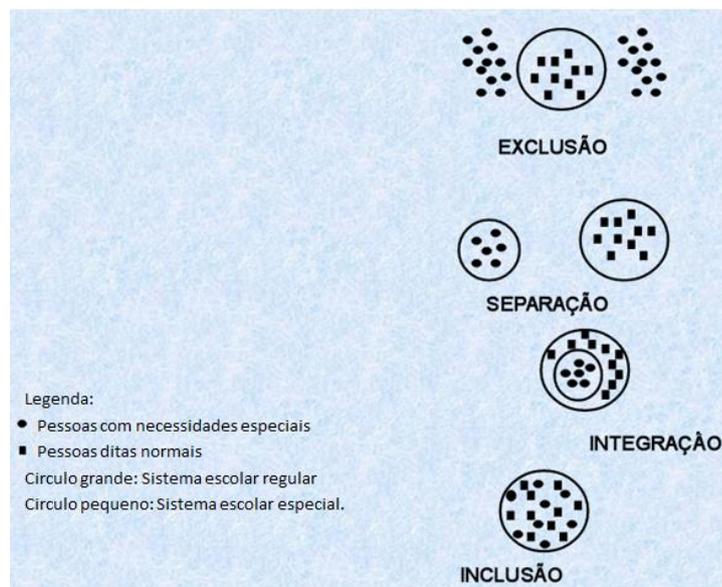


Figura 1-Retrata as quatro fases do ensino para alunos com necessidades educacionais especiais por meio dessa figura.Fonte: Beyer (2006. p. 279)⁶

No Brasil, se embasando no modelo de Beyer (2006), o período da integração iniciou-se na década de 1970 com as reivindicações de grupos de profissionais da área bem como de pais e as pessoas com necessidades educacionais especiais. Estes movimentos resultaram na criação do Centro Nacional de Educação Especial-CENESP em 1973, atuando até 1986 e transformando-se em Secretaria da Educação Especial-

⁶ BAYER, C. A. M. **Educação inclusiva:** atendimento educacional especializado para a deficiência mental. 2. Ed. Brasília: MEC-SEESP. 2006

SEESP, que objetivava coordenar ações de política educacional voltadas para pessoas com necessidades especiais.

Esses movimentos intensificaram nos anos seguintes após a publicação da Constituição Federal de 1988, que em seu art. 206 inciso I determinou como um dos pontos principais para o ensino “a igualdade de condições de acesso e permanência na escola”.(BRASIL, 2014). O termo utilizado “igualdade” refere-se a todos, e desta forma, todos passam a ter direito de frequentar a escola. Ainda traz a Constituição em seu inciso III do artigo 208 , “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. Ressaltando ainda mais o direito da permanência dos mesmos em ambientes sociais comuns.

No ano de 1996 após assumir o compromisso com a Declaração de Salamanca (1994) que, conforme nos coloca Gil (2005, p.18), “reconhece a necessidade de providenciar educação para pessoas com necessidades educacionais especiais dentro do sistema regular de ensino”. O Brasil promulgou o Centro Nacional de Educação Especial-CENESP n. 9.394/96. Esta Lei vem nortear as diretrizes referentes à educação e causa certa polêmica em um dos seus artigos visto que dá margem a interpretação errada, como nos coloca Hort (2009 p.41):

Em seu capítulo V art. 58. O referido artigo, ao determinar que o atendimento educacional especializado seja feito em escolas ou serviços especializados permite o entendimento de que a substituição do ensino regular pelo especial seja possível, o que constitui uma interpretação equivocada, tendo em vista somente o atendimento educacional especializado, pode ser oferecido fora da rede regular de ensino.

Desta forma, algumas interpretações errôneas entendiam que o ensino especial poderia ser uma possibilidade, quando na verdade trata-se apenas do apoio fora do horário escolar.

No ano de 2001, o Brasil torna-se adepto ao documento elaborado pela Convenção Interamericana para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Pessoa Portadora de Deficiência realizada na Guatemala em 1999. Este documento foi aprovado pelo Decreto nº198, de 2001 (BRASIL, 2014). Desta forma a Convenção contribuiu para dar um rumo aos desconformes legais entre a Constituição Federal que respalda e garante a educação para todos no ensino regular e a LDBN que sugere a substituição do ensino regular pelo ensino especial seja possível visto que nossa

legislação traz em suas linhas que *“toda lei nova revoga as disposições anteriores que lhes são contrárias ou complementa eventuais omissões”*. Se as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos que as não deficientes como prevê a Convenção, logo podemos interpretar que este direito também está relacionado ao estudo em escolas regulares.

No ano de 2003 o Ministério da Educação, por meio da Secretaria de Educação Especial se compromete a auxiliar e apoiar estados e municípios em proporcionar nas escolas brasileiras a inclusão criando o programa: Educação Inclusiva: Direito à Diversidade cujo objetivo é compartilhar, com todos os estados novos conceitos, informações e metodologias que afirmam uma educação através de uma concepção de educação especial, tendo como pressupostos os direitos humanos.

O que é importante salientar é que por mais que existiram movimentos a favor da inclusão, sua proporção em relação ao tamanho de nosso país foi muito pequeno, podendo considerar, como nos coloca Beyer (2008), que tal proposta veio das políticas públicas para a sociedade e não ao contrário, não foram pensadas pela sociedade para atender a necessidade reivindicada pela mesma, mas sim impostas no país por meio de leis e acordos.

Em vez de se constituir como um movimento gradativo decisões conjuntas entre pais e educadores, com imediata reversão em ações de implementação e adaptação das escolas e dos professores na direção do projeto inclusivo, ocorreu um movimento deslocado das bases para o topo. (BAYER, 2008 p. 08).

A inclusão em escolas regulares foi um ganho quando olhamos pelo prisma da interação entre os alunos, a compreensão de uma educação de forma diferenciada que percebe a existência das diferenças, respeitando as e convivendo com estas de forma natural e não excludente.

Strully (1986) mostra-nos que as relações entre os alunos ajudam no desenvolvimento de amizades e no trabalho com os colegas, todos aprendem a ser sensíveis, a compreender, a respeitar e a crescer confortavelmente com as diferenças e semelhanças individuais entre seus pares.

Espera-se que as pessoas ouvintes estejam dispostas a entender a cultura do surdo e vice-versa, caso contrário a inclusão não ocorrerá de fato. Nesse sentido, a deficiência

cultural do grupo em que estão inseridos os surdos, e demais alunos PCDs, dificultam o acesso à educação, provocando mais isolamento e exclusão na sociedade (SILVEIRA & SOUZA, 2008).

Capovilla & Capovilla(2002) afirmou que era perceptível que nosso sistema educacional ainda não havia conseguido alcançar uma adaptação das escolas inclusivas. Tendo claro que este não é um processo rápido e radical, hoje ainda encontramos dificuldades que demandaram tempo e muito estudo para atingir níveis aceitáveis de satisfação. Contudo, a dificuldade quanto à aprendizagem dos alunos inclusos faz com que seus pais e os próprios alunos surdos lutem em defesa da permanência das escolas especiais, sendo esta uma atitude retroativa na aprendizagem e história dos mesmos, alegando ter um ensino de melhor qualidade quanto à aprendizagem conteudista, desconsiderando outros tipos de aprendizagens envolvidas no processo inclusivo.

Atitudes como estas são reflexos da crença na política estabelecida de cima para baixo. Entretanto, precisamos estar cientes que a inclusão está vigente em nosso país há pouco tempo, ainda temos que melhorar muito e estamos no caminho, mas para que isso aconteça precisamos que todos os envolvidos tenham claro que os benefícios dos arranjos inclusivos são múltiplos para todos os envolvidos com a escola- todos os alunos, professores e a sociedade em geral.

A facilitação programática e sustentadora da inclusão na organização e nos processos das escolas e das salas de aula é um fator decisivo no sucesso.(STAINBACK&STAINBACK 1999, p.22). É preciso acreditar na possibilidade da mudança e se dispor a mudar para que a inclusão de fato aconteça.

3.3 A Língua Brasileira de Sinais

As línguas sinalizadas tiveram seu reconhecimento a partir dos estudos de Willian Stokoe no início de 1960, tendo publicado em 1965 o primeiro trabalho referente ao estudo e comparação da Língua Americana de Sinais- ASL com as línguas oralizadas.

O pesquisador comprovou que a mimica ou linguagem de sinais, termos que eram utilizados para defini-la e que permeiam até os dias atuais em nossa sociedade, não

condiziam com a realidade do meio comunicativo utilizado visto que o mesmo possuía regras e estruturas gramaticais sintáticas e pragmáticas como qualquer outra língua.

Estes estudos desencadearam pesquisas nas demais línguas sinalizadas pelo mundo e no Brasil não foi diferente, porém, os estudos ganham forças nos anos 90 quando pesquisadores da língua de nosso país começaram a publicar suas pesquisas referentes a LIBRAS (Ferreira-Brito 1995, Barros 1997, Capovilla, Quadros 1999, Campello 2000 entre outros).

Mesmo com as publicações, a LIBRAS só foi reconhecida no ano de 2002 por meio de uma manifestação feita em Brasília que reuniu surdos do país todo. Eles marcharam até o Palácio do Planalto reivindicando o reconhecimento da língua resultando na aprovação da Lei 10.436 sancionada em 24 de abril de 2002 que traz em seu art. 1º “É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL 2014).

Após a aprovação, intensificaram as pesquisas na área surgindo diversos materiais de extrema relevância como o Deit. Libras- dicionário trilingue (CAPOVILLA 2009), hoje na sua terceira versão, bem como livros de gramática considerados referencia para a aprendizagem da língua (QUADROS e KARNOOP 2004, FERREIRA, 2010).

Porém, a Lei faz uma ressalva importante, ela expõe que a LIBRAS deve ser a primeira língua-L1 dos sujeitos em questão, enquanto a Língua Portuguesa aprendida como segunda língua-L2, sendo sua modalidade escrita insubstituível, acredito ser um ponto que merece atenção nas escolas inclusivas sendo a base para o aprendizado desses alunos, como consta na legislação (Lei Nº10.436 do art. 1º ao 7º de 24/04/02).

Considerando a legislação,

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa. (Lei Nº10.436, art.4º, Parágrafo Único) (BRASIL, 2002)

A falta de conhecimento da língua por parte dos professores faz com que este profissional estabeleça pouco ou nenhum tipo de comunicação com o aluno surdo de forma direta (GUARINELLO et al, 2006), comunicando-se apenas com o intérprete,

transparecendo a visão de uma inserção⁷ deste aluno na sala, e não de inclusão. Ele precisa aprender a vivenciar múltiplos contextos e a conviver com as diferenças por estar diante de uma nova realidade social, respaldada em legislação específica,

como o Art. 58 e Inciso III do Art.59 da Lei Nº 9.394/1996 – LDBEN que:

Dispõem sobre a necessidade de professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes regulares, reforçado pelo Decreto 5626/2005, que dispõe sobre o ensino de LIBRAS nos cursos superiores. (BRASIL, 1996)

Neste processo de mudança de visão e de paradigma frente à questão de como a humanidade – com toda sua diversidade – pensa sobre si mesma e seu mundo, constrói conhecimentos e verdades, impõe-se a necessidade de nos superarmos (SILVA, 2007).

Esta superação sendo parte do processo inclusivo dos alunos no ensino regular das escolas públicas nos possibilita um olhar crítico para o ensino destes alunos, que já possuem dificuldade na interação com ouvintes devido à barreira linguística e o sistema de ensino, no qual a produção das atividades escolares, geralmente, precedida pela interação verbal entre professores e alunos, é conduzida pelas intervenções do professor no desenvolver do conteúdo temático. Essa prática traduz uma pedagogia delimitada pela onipresença da língua oral-auditiva, o que causa um distanciamento entre escola e alunos surdos.

A barreira linguística coloca o surdo em um patamar inferior em relação aos outros e se o professor não tem um olhar diferenciado para ela, sua aprendizagem fica comprometida. Mesmo a escola trazendo o profissional intérprete para sala de aula no intuito que ocorra a interação, como possibilidade da comunicação entre ambos, se o professor não possuir esta visão da inclusão, de nada adiantará.

Caso as metodologias e o modelo de professor tradicional⁸ não mude só a presença do intérprete não será suficiente e a inclusão continuará sendo um mero processo de inserção do aluno com necessidades especiais em um espaço físico escolar.

⁷Inserção no sentido de estar no lugar, mas não participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem, mas apenas estar presente no espaço físico.

3.4 Educação dos Surdos No Brasil

Em 1855 a convite de Dom Pedro II o ex-aluno surdo do instituto de Paris H Ernest Huet (1822-1882) trouxe consigo o alfabeto manual francês bem como a Língua Francesa de Sinais - LSF, dois anos após sua chegada funda o Instituto dos Surdos-Mudos- INES. É importante ressaltar que até a chegada de Huet os surdos nunca foram tratados como possíveis educandos, eram ignorados, ficando á margem da sociedade, sem direitos civis e sem possibilidade de educação (DUARTE 2011 p.22). A educação acontecia através da língua de sinais e o instituto possuía 100 vagas sendo somente 30 custeadas pelo governo, a idade dos alunos variava de 9 a 14 anos e os mesmos participavam de oficinas de encadernação, sapataria dentre outras.

No decorrer de todo o tempo referente ao ensino de surdos os questionamentos sempre se voltavam ao modo de como ensina-los, se através do oralismo, da língua de sinais ou de ambos, foi então que no ano de 1878 aconteceu o I Congresso Internacional de Surdos-Mudos em Paris, onde foi instituído que o melhor método para ensina-los consistia na articulação com leitura labial e no uso de gestos nas series iniciais, porem, esta determinação durou pouco tempo.

Em 1880 aconteceu o II Congresso Mundial dos Surdos-Mudos onde foi promovida uma votação para definir a melhor forma de ensinar, como resultado a maioria decidiu que o melhor método para educar as pessoas surdas seria o método oral puro, conhecido como oralismo, abolindo o uso da língua de sinais, é importante ressaltar que nesta votação apenas um surdo participou mas não teve o direito de voto. Soares define oralismo como:

Oralismo, ou método oral, é o processo pelo qual se pretende capacitar o surdo na compreensão e na produção de linguagem oral e que parte do princípio de que o indivíduo surdo, mesmo não possuindo o nível de audição para receber os sons da fala pode se constituir em interlocutor por meio da linguagem oral. (SOARES, 1999, p. 01).

⁸É uma tendência onde o professor é o dono do conhecimento e cabe a ele a função de transmitir informações, os conhecimentos já existentes, não se preocupando com a construção de novos saberes.

É importante frisar que quando falamos sobre o método da leitura labial segundo Martins (2004) os surdos só conseguem captar 20% da mensagem sendo que o locutor deve falar com palavras simples, pequenas ou frases curtas, caso contrário a leitura não ocorre. Quando a leitura ocorre sem interrupção de forma contínua impossibilita a captação de todas as informações, desta forma acabam por deduzir ou tentar adivinhar a mensagem.

Em seguida estabeleceu-se a metodologia da comunicação total para o ensino, seria o uso de todo o espectro dos modos linguísticos: libras, gestos criados pelas crianças, fala, leitura orofacial e escrita no intuito de proporcionar a comunicação de alguma forma com as mesmas. Para Ciccone, a Comunicação Total.

(...) é uma proposta educacional, cujos critérios básicos se constroem a partir de uma visão do surdo como pessoa, em quem não se pode isolar uma privação sensorial; a partir de uma conceituação de pessoa-que-não-ouve como portador de uma diferença; a partir de um entendimento do surdo como alguém que, como tal, será aceito e, portanto, respeitado em suas necessidades e capacidades.(CICCONE, 1996, p. 07).

O uso da comunicação total deu uma falsa compreensão por alguns que começaram a usar a Língua Portuguesa e a LIBRAS simultaneamente dando origem ao Bimodalismo ou popularmente conhecido como “português sinalizado”. Esta prática mistura as regras das línguas causando uma falsa impressão aos aprendizes de LIBRAS que a língua é apenas a substituição das palavras pelos sinais dentro das regras da Língua Portuguesa. Esta fase aconteceu apenas como transição do oralismo para o modelo que temos como ser o ideal nos dias de hoje, o Bilingüismo.

Com os estudos na área da surdez como estudos linguísticos, estudos culturais, estudos surdos bem como eventos da área em todo o Brasil, apresentou-se uma nova proposta educacional, entretanto com grande preocupação em relação à questão linguística por ter pouca pesquisa sobre a língua de sinais e poucos profissionais capacitados para a demanda. Vejamos como Goldfeld (1997, p. 39), caracteriza o Bilingüismo da seguinte forma:

O Bilingüismo tem como pressuposto básico que o surdo deve ser Bilíngüe, ou seja deve adquirir como língua materna a

Língua de sinais, que é considerada a língua natural dos surdos e, como segunda língua, a língua oficial de seu país (...) os autores ligados ao Bilingüismo percebem o surdo de forma bastante diferente dos autores oralistas e da Comunicação Total. Para os bilingüistas, o surdo não precisa almejar uma vida semelhante ao ouvinte, podendo assumir e aceitar sua surdez.

Muitos autores argumentam que a educação bilíngue é necessária para que “a criança surda possa ter um desenvolvimento cognitivo-linguístico paralelo ao verificado na criança ouvinte” (MOURA, LODI, PEREIRA, 1993). Já existem resultados científicos de que a educação bilíngue proporciona mais habilidades para percepções mentais, cognitivas, visuais e proporciona uma melhor capacidade de analisar os conceitos de modo subjetivo e objetivo as informações processadas.

A pedagogia bilíngue ainda é recente e possui grandes desafios, no Brasil não temos uma proposta bilíngue de fato, temos escolas que utilizam a proposta bilíngue mesclando com outros métodos como a comunicação total e o auxílio do intérprete previsto em Lei.

Percebemos em algumas escolas que o fato de alunos surdos, por serem minoria em sala de aula e terem - por força de lei, um profissional para ajudá-los na comunicação (intérprete de LIBRAS), acaba ficando de lado na visão do professor, que precisa atender aos ouvintes, que são a maioria. Essa postura, inconsciente ou não, torna o profissional intérprete responsável pelo processo de aprendizagem dos alunos surdos.

Notamos que os professores, que alegam não terem sido preparados para tal ensino e se encontram sem recursos para buscar metodologias e estratégias para orientar a aprendizagem de tal aluno, um certo desespero e estes acabam por transferir a responsabilidade da educação para o profissional intérprete, o que é errado, considerando sua função que é apenas intermediar a comunicação entre o aluno surdo e os ouvintes.

Tal necessidade aparenta adquirir proporções maiores quando se deposita um olhar sobre áreas específicas do conhecimento tais como a Biologia, que possui um amplo e complexo vocabulário na Língua Portuguesa e no Latim, que não é contemplado na Língua de Sinais.

3.5 O Ensino de Biologia para Surdos

Preocupamo-nos em como está se dando o ensino de Biologia para os alunos surdos nas escolas regulares inclusivas, há pouca literatura ou referencia nesta área que os professores podem buscar para norteá-los para um ensino de qualidade do conteúdo para todos os alunos.

A autora Souza (2014) nos coloca que os objetivos do ensino passaram nas ultimas década, da simples transmissão de informações para a necessidade da construção do conhecimento pelo próprio aluno partindo sempre do seu contexto social e histórico, buscando relacionar ciência, tecnologia e sociedade para contemplar uma aprendizagem efetiva e à formação de pessoas cidadãs críticas e conscientes de seu papel na sociedade, capazes de analisar, julgar e compreender as mais diversas situações tendo como base o conhecimento científico. Acredito que ainda existem escolas que não conseguem alcançar tais objetivos com os alunos surdos inclusos, devido o uso das aulas expositivas que não favorecem a aprendizagem do aluno surdo.

A exposição do conteúdo por si só não é capaz de prender a atenção dos alunos por muito tempo, causando a dispersão, as conversas paralelas e conseqüentemente a perda de parte essencial do processo de aprendizagem que é o interesse em aprender. (Souza2014, p.130).

E neste contexto inclusivo percebemos como nos coloca Skliar (1997) que diversas mudanças devem ocorrer nos pressupostos epistemológicos, ideológicos e metodológicos que subsidiam as propostas curriculares circulantes, mas com intuito de refletir sobre os projetos político-pedagógicos dos cursos de licenciatura e das escolas, além da mentalidade da comunidade envolvida (técnicos, gestores, educadores, funcionários, pais, estudantes ouvintes) (FÁTIMA; OLIVEIRA, 2009), para um ensino diferenciado de fato que inclua tais alunos.

Os surdos em escolas inclusivas possuem enorme dificuldade em aprendizagem de Biologia por vários motivos, dentre eles o fato dos professores não se atentarem para utilização de mecanismos que possam fazer a diferença no ensino para uma classe inclusiva, como aponta Reily (2003) ao mencionar a necessidade que as escolas devem ter ao organizar o currículo, partindo de uma perspectiva viso-espacial; e, se o processo

educacional ocorre mediante a interação linguística, deve ocorrer, portanto, na Língua Brasileira de Sinais juntamente com outras experiências visuais, tais como Língua Portuguesa escrita, mímica/dramatização, figuras, recursos tecnológicos (vídeo/TV, slides, computador, retroprojetor) e leitura, desenvolvendo, nos alunos, a memória visual e o hábito de leitura.

A modalidade utilizada para o ensino deve ser escolhida pelo professor, sendo esta determinada pelo conteúdo a ser apreendido, pelo tempo e instrumentos disponíveis e também pela necessidade dos alunos a qual será ministrada a aula e cabe ao professor adaptar suas práticas a utilização destas ou daquelas metodologias, que se enquadrem melhor com cada conteúdo e objetivo a ser alcançado com a aula (SOUZA 2014).

3.6 A Dança para os Surdos

Nossa sociedade compartilha um ponto de vista clínico médico em relação as pessoas com surdez. Os que desconhecem a cultura surda bem como a LIBRAS em sua maioria não cogitam a possibilidade de pessoas surdas dançarem por relacionar a audição como sentido fundamental para a execução dos movimentos, entretanto como nos coloca Skliar (2013) se considerarmos outra possibilidade de ouvir, o escutar no sentido metafórico, a escuta que solicita uma atitude de disponibilidade de todos os sentidos, ainda que “o ouvir” não se materialize como sentido fisiológico. Podemos dizer que as pessoas surdas escutam sem ouvir. Sendo assim são aptas a desenvolver práticas culturais que envolvam tal atividade física.

Em 1989, o pesquisador Mauerberg-deCastro por meio de um programa de dança de 12 semanas para surdos concluiu que a atividade influenciava significativamente a discriminação auditiva de frequências tonais bem com da duração de sons apresentados aos pares (MAUERBERG-DECASTRO, 1989 apud MAUERBERG e MORAES, 2013).

A pesquisa nos leva a uma reflexão quanto ao fato de algumas pessoas relatarem a não percepção da música devido ao fato de não serem expostas ou por ter passado por algum tipo de educação musical, normalmente adquirida no berço familiar.

Para os surdos, acredito que aconteça como Maurerberg e Moraes(2013) expõem, a percepção de ritmo, amplia-se por meio da interação entre múltiplos sistemas

perceptivos, onde dicas visuais, estímulos vibrotáteis em contato direto com o corpo e sensações de esforço culminam em estruturação rítmica, seja ela expressa na fala, seja ela expressa no movimento dançado. Sendo assim desconhecem ou não conseguem inter-relacionar tais conhecimentos, mas, quando expostas e de certa forma orientadas, a aprendizagem relacionada a música começa a ser significativa, possibilitando um novo conhecimento.

A pesquisadora Karin Strobel, relata em seu livro que mesmo não sendo parte significativa para os surdos, ainda sim existem surdos que gostam de realizar a atividade cultural. Em uma passagem de sua obra relata

Nos bailes e festas promovidos pelas associações de surdos, geralmente, no salão há poucos sujeitos surdos dançando... Aqueles que dançam no salão... Dançam livres, a sua maneira, afinal, nesses bailes e festas de cultura surda não haver regras de ritmo musical correto e muitas vezes acontece que quando acaba a música, eles continuam dançando(STROBEL, 2013 p. 78).

É comum no dia a dia encontrar surdos exibindo preferências por estilos musicais bem como frequentando festas e casas noturnas que muitas vezes realizam eventos específicos para o público surdo, informação que causa espanto para muita gente.

A dança para os surdos é mais comum do que se pensa, em escolas e instituições inclusivas ou especiais que atendem esses alunos usam como prática pedagógica extracurricular (LUIZ & ARAÚJO, 2003; LOPES & ARAÚJO, 2009; GONÇALVES, 2009; MAUERBERG-DECASTRO, 1989). O Gallaudet Dance Program é uma companhia de dança constituída por dançarinos surdos de todo o mundo, vinculado a Gallaudet University nos Estados Unidos. A instituição registra e promove atividades profissionais de dançarinos surdos há mais de 50 anos (HOTTENDORF & GILL-DOLEAC, 2005).

No estado de Mato Grosso temos como exemplo a escola CEAADA que possibilita aos alunos como práticas extra-curriculares, o projeto intitulado A Fanfarra Ritmos do Silêncio⁹, tem alunas em seu corpo de frente, denominadas balizas, desenvolvendo

⁹<http://www.seduc.mt.gov.br/Paginas/Estudantes-surdos-participam-de-Fanfarra-.aspx>

coreografias compassadas enquanto os demais alunos tocam os instrumentos regidos pelo professor de música da escola.

Tais atividades nos levam a entender que há um campo de intersecção entre dança e educação que pode ser entendido tanto na educação inclusiva quanto na especializada. Tal afirmativa desvela que o universo artístico educativo presente na dança, justifica sua presença na escola, também como agente transformador de sua dinâmica (Zanolo,2009).

4 - Percurso Metodológico

Esta pesquisa segue a linha da pesquisa participante e especialmente no Brasil ela ocupa um espaço crescente na área de pesquisa educacional, inclusive com apoio institucional. Ela é principalmente concebida como metodologia derivada da observação antropológica e como forma de comprometimento dos pesquisadores com causas populares relevantes (THIOLLENT, 2009). Ela pressupõe um caráter educacional, mas também social, embora num nível microssocial, posto que envolverá um pequeno grupo de investigados, mas com possibilidades de alcance macrossocial. Tem uma natureza qualitativa baseando-se no sócio-interacionismo e na aprendizagem significativa, tendo como suporte para pesquisa a metodologia proposta por Bogdan e Biklen(1992).

Para tais autores, neste tipo de pesquisa, a fonte direta de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; é descritiva, pois os investigadores interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos; a análise de dados é feita de forma indutiva e o significado é de importância vital na abordagem (BOGDAN & BIKLEN, 1992).

A investigação qualitativa estabelece estratégias que permitem considerar as experiências do ponto de vista do informador, sendo o processo de condução da investigação uma espécie de diálogo entre o investigador e os respectivos sujeitos envolvidos na pesquisa, considerando-se ainda que sujeitos não são neutros.

O trabalho desenvolveu-se em seis etapas: A primeira uma oficina de dança em uma escola especial de ensino para alunos surdos visando compreender como eles percebiam a música e a dança; a segunda observações das aulas na escola inclusiva onde a aula diferenciada foi aplicada; a terceira entrevista com os envolvidos da escola inclusiva; a quarta produção da aula diferenciada; a quinta aplicação da aula diferenciada e, por fim, a sexta sendo as considerações sobre a aplicação.



Figura 2 - Esquema das etapas da pesquisa. Fonte: Elaborada pelo autor.

4.1 As Escolas e os Sujeitos da Pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida em duas instituições públicas: No Centro Educacional de Apoio ao Deficiente Auditivo, Professora Arlete Pereira Miguelletti-CEAADA uma escola especial e na EE Pascoal Moreira Cabral, escola inclusiva, ambas sobre a supervisão da Secretaria Estadual de Educação de Mato Grosso- SEDUC-MT.

O CEAADA está situado na região central do município de Cuiabá-Mato Grosso. A instituição atende alunos no ensino fundamental, sendo constituída por alunos surdos, com baixa audição e com múltiplas deficiências (surdo-cego, síndrome de Down, surdo com problemas mentais dentre outras). Todo o ensino é ministrado em LIBRAS, em alguns casos os professores que desconhecem a língua tem auxílio de um intérprete. A escola atende salas vinculadas a modalidade EJA ensino fundamental, no período matutino e noturno.

A estrutura da escola não suporta a dimensão e expansão de suas atividades, é um prédio antigo com poucas salas, entretanto o coordenador nos relata que a mesma ira mudar para um prédio que está no prazo final da reforma e que no próximo ano a

instituição estará em um local mais adequado para o desenvolvimento das atividades escolares .

A Escola Estadual Pascoal Moreira Cabral situa-se na zona leste, a mesma atende por meio de uma proposta de educação inclusiva desde o ano de 2007. Atualmente atende alunos nos três turnos do sexto ano do ensino fundamental até o terceiro ano do ensino médio. No período noturno trabalha com a proposta de ensino de EJA. Além de alunos surdos, a escola atende ainda outros PCDs como déficit de atenção, cadeirantes e tetraplégicos em seus três turnos. O ensino é realizado por meio da Língua Portuguesa e nas salas com alunos surdos existe a presença do intérprete de LIBRAS.

Conta com um prédio que foi recentemente entregue para a comunidade do bairro, contudo as obras ainda não estão concluídas, falta a construção da quadra poliesportiva bem como outras bem feitorias, porém, a estrutura modelo não é suficiente para a demanda de alunos da região que mesmo contando com o novo prédio precisam procurar escolas próximas visto que esta não comporta a quantidade de alunos da região, pois a quantidade de salas das escolas “ditas modelos¹⁰” é reduzida.

Quando fazemos referência a salas modelos é porque todas são climatizadas com ar-condicionados novos, carteiras conservadas, boa iluminação, todas adaptada com rampas e banheiros para deficientes. A escola ainda atende o projeto Mais Educação, possui laboratório de informática e biblioteca e observamos que a comunidade escolar cuida bem do patrimônio público. Algo que me chamou a atenção foi a identificação nas portas das salas principais como diretoria, secretaria, biblioteca e etc. com um cartaz tendo a datilologia bem como o sinal correspondente ao local em LIBRAS.

Partindo para uma observação mais focada hoje estudam três alunos surdos em salas diferentes. Uma aluna cursa o primeiro ano do ensino médio na modalidade EJA e dois cursam o terceiro ano do Ensino Médio sendo uma aluna no período matutino no ensino regular e o outro no período noturno sendo EJA. Todos tem o acompanhamento de um tradutor intérprete nas aulas.

Na pesquisa desenvolvida nesta escola, tivemos como sujeitos os três alunos surdos, as três tradutoras intérpretes envolvidas no processo bem como a professora de Biologia que leciona para os envolvidos.

¹⁰Os prédios novos das escolas construídas no Mato Grosso são padronizados.

Tabela 1: Sujeitos da pesquisa¹¹

Sujeito da pesquisa	Nome fictício
Professora de Biologia	Carolina
Aluna do 3º Ano Matutino	Carla
Aluno do 3º Ano Noturno EJA	Pedro
Aluna do 1º Ano Noturno EJA	Julia
Intérprete de LIBRAS da Carla	Sueli
Intérprete de LIBRAS do Pedro	Marcia
Intérprete de LIBRAS da Julia	Juliana

Fonte: Elaborada pelo autor.

A seguir passaremos a descrição dos nossos sujeitos de pesquisa.

Carla tem 17 anos de idade, filha única, está concluindo o Ensino Médio no tempo correto. Ela nos conta que nasceu ouvinte na cidade de Juara mas que contraiu meningite aos três anos de idade deixando a surdez como sequela; ela nos relata que está na escola desde 2007.

Pedro tem 21 anos estuda o terceiro ano do Ensino Médio na modalidade EJA, tem um irmão ouvinte, nasceu no interior do Paraná e aos seis anos mudou-se para a cidade de Nova Mutum, interior do Mato Grosso. Conta que sua mãe era muito jovem quando engravidou e que ele nasceu de sete meses, a surdez profunda foi uma sequela de sua vinda prematura ao mundo que ele atribui ao fato de ter permanecido na incubadora saindo somente após dois meses para então ir para casa.

Julia tem 22 anos e estuda o Primeiro ano do Ensino Médio na modalidade EJA. Ela nasceu surda e tem mais dois irmãos, uma ouvinte e outro surdo, ela diz que não sabe o porquê de ter nascido surda. Explica ainda que sua avó, que foi quem a criou, não

¹¹ O quadro relaciona os entrevistados no processo da pesquisa, bem como seus respectivos nomes fictícios para preservar suas identidades.

consegue se comunicar em LIBRAS com ela, Julia nos diz que a comunicação em casa é por mimica e de difícil compreensão.

A intérprete Sueli tem 35 anos é formada no Curso de licenciatura em Geografia, tem certificação estadual para atuar na área bem como uma especialização em tradução e interpretação. Ela conta que há treze anos está na área da educação, os primeiros cinco como professora e oito como tradutora intérprete.

Marcia tem 29 anos trabalha seis anos como intérprete. É formada em Pedagogia e chegou a Mato Grosso esse ano, era de Mato Grosso do Sul e já atuava na área não só como profissional intérprete, mas também como professora de Atendimento Educacional Especializado-AEE.

Juliana tem 28 anos e atua na área há seis anos é formada no curso de Licenciatura em Música pela UFMT. Ela nos conta que seu interesse pela LIBRAS surgiu por influencia do irmão e que atua como professora efetiva do município em um período e como intérprete em outro.

A professora Carolina tem 32 anos, é formada em Ciências Biológicas com especialização em Educação Ambiental e tem 11 anos de profissão. Sempre atuou em escolas públicas, é efetiva desde 2007, ocupa o cargo de professora de Biologia na escola nos três períodos visto que a mesma é concursada com 60h, logo ela consegue preencher toda sua carga horaria na escola atendendo os três períodos. Ela nos conta que seu primeiro contato com alunos surdos aconteceu nesta escola.

4.2 A Oficina de Dança

Em um primeiro momento realizamos uma pesquisa exploratória, como parte integrante da pesquisa principal. Este estudo preliminar foi realizado no CEAADA-MT, uma oficina de dança com dois ensaios de três horas para compreender como os surdos percebem o som. A oficina foi ministradas em LIBRAS, com a finalidade de melhor adequar o instrumento pedagógico, partindo do pressuposto de que o comportamento humano é melhor compreendido no contexto social onde ocorre e não como o pesquisador pensa que seja (PIOVESAN; TEMPORINI.1995).

Do ponto de vista científico a pretensão com a oficina foi entender como os integrantes realizam os movimentos da dança nas três frentes: Movimentos de

coordenação, equilíbrio e ritmo; expressão corporal utilizando recursos audiovisuais e estimulação auditiva com amplificação sonora.

Além da percepção sonora musical dos alunos havia a necessidade de entender como se dá a relação dos estudantes surdos com a música e a dança, visto que culturalmente alguns surdos acreditam que a dança não faz parte de sua realidade (STROBEL 2013).

Para tal utilizamos os equipamentos DVD e caixa amplificadora de som bem como fizemos uma pré-seleção musical e escolhemos um ritmo específico que possuísse sua rítmica musical marcada por meio de instrumentos que emitissem só um grave bem marcante.

Os registros das aulas foram feitos por meio de filmagens posteriormente utilizados para análise servindo para compreensão da vivência sendo base para a continuidade do projeto investigativo.

4.3 As Observações em Sala de Aula

Observamos as aulas de biologia ministradas nas salas inclusivas que tinham alunos surdos, compreendendo as relações entre os alunos: a) se os alunos ouvintes aceitavam e auxiliavam os alunos surdos como qualquer colega de sala ou se havia rejeição;b) se haveria superproteção com os surdos pelos colegas, professor ou intérprete;c) se a existência da barreira linguística influenciava no convívio entre eles. Entender como se dão as dinâmicas interativas neste contexto de ensino. Posteriormente, as anotações foram organizadas e analisadas.

4.4 Entrevistas

Por meio de narrativas, apresento a etapa de diagnose a partir de entrevistas com os alunos surdos da escola; com os tradutores intérpretes e com a professora regente da disciplina da Biologia que atuavam nas respectivas salas dos alunos. Esses dados permitiram a organização da aula diferenciada, empregando a dança para o estudo do sistema ósseo.

As entrevistas foram realizadas na forma oralizada, para os ouvintes e sinalizada, para os surdos, pensando na possibilidade de todos se expressarem da forma mais

confortável possível. Foram feitas individualmente, no horário de aula em ambientes da própria instituição (sala de computação, biblioteca ou sala dos professores), e transcorreram num clima de diálogo entre entrevistador e entrevistados. Durante as entrevistas os participantes foram instigados a emitir sua opinião sobre algumas questões abertas previamente estabelecidas para dar uma sequência lógica na tentativa da não dispersão quanto ao foco do assunto principal.

Foram registradas por meio de filmagem, posteriormente transcritas, analisadas e discutidas, visto que, como nos coloca Bogdan e Biklen (1992), a entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspectos do mundo. Possibilita-nos compreender mais detalhadamente atitudes, valores e motivações em relação à atividade aplicado bem como o contexto no qual cada um se encontra inserido.

4.5 A Produção da Aula Diferenciada

Tomamos por base as considerações quanto a execução da oficina bem como todas as observações feitas para preparar um roteiro de aula diferenciado com enfoque no ensino sobre o sistema ósseo juntamente com o professor da turma que tinha como proposta introdutória uma dinâmica com dança.

Esperamos que a partir da percepção de seu corpo, os alunos - surdos e ouvintes, possam compreender como se dá sua locomoção facilitando, por conseguinte, a aprendizagem sobre a estrutura que compõe o sistema locomotor, possibilitando uma aprendizagem significativa já que a dança faz parte do cotidiano da juventude.

Os componentes da metodologia versaram sobre: uma dinâmica introdutória com dança; uma aula dialogada com auxílio do *power-point*, bem como uma forma avaliativa para verificar se contribuiu de forma significativa para a aprendizagem de todos, além de ser utilizada como material de coleta de dados sobre a percepção dos colegas ouvintes envolvidos no processo.

4.6 Aplicação da Aula Diferenciada: o Produto

A metodologia foi aplicada em uma sala inclusiva do período noturno que trabalha na modalidade da Educação de Jovens e Adultos e que tem alunos surdos. O conteúdo deveria fazer parte do ensino da disciplina para a turma em questão. Levando em conta a realidade de nossas escolas públicas, desenvolvemos do roteiro em 50 minutos, sendo esta a carga horária equivalente a uma aula na rede pública de ensino.

5- Resultados e Análise dos Dados

Após a coleta e aplicação do roteiro e todo o levantamento dos dados necessários discorremos sobre o que encontramos na pesquisa bem como nossas impressões sobre os dados. Os trabalhos encontrados por meio da pesquisa de revisão bibliográfica contribuíram com a discussão dos resultados em geral, abordam os temas de forma isolada como a dança ou a música para surdos, bem como o ensino de outros conteúdos em uma sala inclusiva para surdos e ouvintes. A busca nos periódicos resultou em:

Sessenta e dois artigos sobre **Educação inclusiva de alunos surdos**, foram encontrados nesta pesquisa; a maioria versando sobre o ensino das Línguas Português/LIBRAS.

Dois trabalhos referentes ao **Ensino de Biologia para surdos foram registrados**. Eles versam sobre a criação de sinais na LIBRAS para auxílio da compreensão do aluno sobre a matéria e o outro sobre uma experiência de alunos de graduação lecionando a matéria em LIBRAS, correlacionando suas dificuldades e anseios quanto a experiência.

Seis trabalhos versando sobre o **ensino de dança para surdos e suas percepções rítmicas** e etc. foram registrados. Contudo, nenhum com foco no Ensino de Biologia, todos versavam sobre modalidades de danças diferentes, mas com o olhar clínico da percepção do aluno surdo por meio da dança. Nesse quesito ainda encontramos uma tese de doutorado que usa de inspiração a língua de sinais para criar movimentos de dança (Recompenza et al.,2010).

5.1 A Oficina de Dança

Consideramos a oficina de Dança de Salão muito produtiva e bem aceita pelos alunos surdos que se prontificaram em participar e terminaram demonstrando interesse em dar continuidade as atividades.

No CEAADA os alunos que participaram estudavam no período matutino e desenvolviam atividades extracurriculares no período vespertino, turno escolhido para a realização da oficina.

O auditório da escola, sendo uma sala ampla e fechada com piso de cimento batido e um tablado de madeira que ocupava um terço da sala geralmente utilizado para elevar os palestrantes, foi o local escolhido para realizar a atividade.

A caixa de som foi equalizada de forma que o som pudesse sair de forma mais grave, considerando o que diz Couto (1989) que, em geral, uma surdez profunda atinge as frequências agudas, permanecendo apenas as graves, na maioria das vezes, só até 1.000Hz. Desta forma, deve se procurar sons que tenham frequências mais graves, de 250 Hz, se opondo a outros com 1000Hz, mais agudos. Como exemplos, temos instrumentos de percussão e o contra baixo.

As músicas escolhidas tiveram como prioridade a produção de elementos mais graves em destaque, o que teoricamente proporciona a vibração no ambiente, e em nossa caixa torácica, facilitando a percepção rítmica musical.

De início os alunos foram instruídos de como deveriam ser os passos básicos e a postura com relação à dança. Nesta etapa todos se saíram muito bem visto que, como nos coloca Strobel (2013), o surdo é um sujeito que apreende o mundo por meio das experiências visuais. A identificação dos surdos situa-se culturalmente dentro das expectativas visuais.

O professor-pesquisador explicou os movimentos básicos ao passo que os alunos observavam atentamente para executa-los, na sequência conforme a foto expressa.



Figura 3- Os alunos observam atentamente as instruções do professor para o início da prática, sobre o tablado. (Fonte: Acervo do autor).

Foi perceptível que sua aprendizagem está ligada diretamente com o canal visual e, tendo o professor como orientador, ocorreu uma facilitação em relacionar a lateralidade e a assimilação dos movimentos por meio da aprendizagem visual.

No segundo momento, foram introduzidos a prática; posicionados no chão de cimento e o som foi ligado, começaram a praticar a dança, porém era nítido que os mesmos não acompanhavam o ritmo da música, por esta não estar em uma frequência vibratória suficiente para que eles pudessem senti-la no ambiente.



Figura 4- Posicionamento de alguns alunos para o início da prática no chão de cimento. (Fonte: Acervo do autor).

É importante salientar que quanto maior o espaço, mais intensa deve ser a música para que a vibração possa ser sentida de forma nítida. Algo que percebi é que quando se trata de dança nós ouvintes utilizamos da audição como sentido majoritário para percepção musical e damos pouca importância para as percepções vibratórias, que ficam em segundo plano e os surdos por se importarem com o visual percebem a vibração com mais facilidade e de forma mais intensa e, a meu ver, mais facilitada visto que nossa audição nos confunde um pouco, o que não acontece com o surdo. Sá (2008) afirma que a sensibilidade das pessoas surdas é um pouco mais aguçada que a dos ouvintes.

As vezes, o que achamos ser uma vibração pouca intensa, para eles pode ser suficiente, entretanto para que pudéssemos compreender essa questão seriam necessárias muito mais aulas para que não só o professor-pesquisador, bem como os alunos pudessem se autoconhecer e compreender como essa vibração age em seu organismo e identificá-la de forma a compreender o ritmo musical, sendo fundamental neste momento do experimento que o professor-pesquisador reconhecesse a vibração em seu próprio corpo tomando esta por base para o ensino dos alunos.

Como a vibração no espaço estava muito fraca, foi proposta que a prática fosse executada em cima do tablado, a caixa amplificadora foi posicionada bem próxima as madeiras e, ao ser ligada, proporcionou uma vibração intensa, tornando perceptível ao professor o ritmo musical, possibilitando o ensino com mais clareza para os alunos surdos.

Para nós professores pesquisadores, os surdos não aproveitam eficientemente a informação acústica via sistema auditivo de estímulos musicais para detectar e acompanhar ritmos por meio da dança. Quando dançam, os surdos parecem detectar estruturas rítmicas via visão e via estímulo vibrotátil.

Para falar um pouco sobre esse assunto precisamos lembrar que o som e as demais informações relacionadas ao ambiente são perceptíveis por meio dos órgãos sensoriais e enviados para o encéfalo como impulsos.

O som é tido como uma onda mecânica propagada apenas em meios materiais, como a água, ar ou objetos sólidos, possui a intensidade e frequência necessárias para ser percebida pelo ser humano. Vejamos a posição de Cervellini.

Olhando do ponto de vista da física, temos a concepção de que o som é onda, movimento, resultado de um corpo que vibra. Essa vibração se transmite pela atmosfera, atingindo nosso ouvido. Este, ao captá-lo envia-o ao cérebro, central interpretadora que lhe dá sentido (CERVellini 2003 pg 73).

O corpo humano é dotado de matéria tanto sólida quanto líquida, o que o torna um meio favorável à propagação do som. A vibração que ocorre em nosso organismo provocada pela propagação da onda deve-se também ao fato de que somos constituídos

por moléculas que vibram. Essas moléculas vibrando em conjunto determinam uma frequência natural de vibração e quando a onda sonora passa, não arrasta as partículas de ar, faz com que estas vibrem em torno de sua posição de equilíbrio proporcionando a percepção da música. (SONZA, 2014)

No caso da dança o que nos importa é apenas considerar os sons a partir de sua intensidade, parte ligada à quantidade de energia transportada pelo som. Desta forma, conforme a intensidade do som dizemos que ele é mais forte, quando a onda possui maior amplitude, ou fraca, ondas com menor amplitude, proporcionando vibrações diferenciadas.

Precisamos levar em conta que a percepção sonora acontece naturalmente pelo sentido da audição, e que cada caso é um caso quando discorremos sobre a surdez visto que a percepção vibratória pode ocorrer ou não, dependendo de onde o aparelho auditivo do surdo foi lesionado. Entretanto, se ainda assim desconsiderarmos toda a percepção auditiva, a vibração ocasionada pelo estímulo do som pode ser assimilada pelo sentido que conhecemos como “tato”, que não ocorre somente pela pele, mas também internamente no corpo humano.

Como nos coloca Cervellini.

O ser humano dificilmente permanecerá impassível perante uma banda ou uma escola de samba desfilando na avenida. O ritmo musical mexe com os ritmos internos, com o pulsar do coração, com a respiração, com o andar. Diante de um ritmo marcante surge o movimento espontâneo dos pés, o tamborilar dos dedos, o balanço da cabeça ou do corpo, o cantarolar. Ritmo é vida e quem está vivo não escapa dele. (CERVellini 2003 pg 76).

O corpo humano não é dotado apenas do que conhecemos como os cinco órgãos sensoriais, tato, visão, audição, olfato e paladar; existem outras estruturas relacionadas ao sensorial humano e para o caso da percepção sonora falaremos um pouco sobre o sistema sensorial somático, a condição que permite ao ser vivo experimentar sensações nas partes distintas do corpo humano.

Para Cervellini (2003) o surdo reage a musica e expressa sua musicalidade. O uso de aparelhos de amplificação sonora facilita a percepção do mundo sonoro. Mas não é exclusivamente por esta via que o sujeito surdo pode ter acesso ao som. Por todo seu corpo é possível captar vibrações das ondas sonoras. Estas podem ser percebidas pela pele e pelos ossos.

Os receptores desse sistema se encontram repartidos por todo corpo que servem para detectar os estímulos mecânicos, químicos e físicos. Para o caso da dança entendemos que os receptores citados na tentativa de corroborar com a hipótese seriam os: Mecanorreceptores- o Tato; Proprioceptores - localizados no músculo; Pressão - localizados nos vasos; Equilíbrio - labirinto, localizado no ouvido; Auditivos - cóclea, localizado no ouvido. No caso dos surdos descartando a hipótese do uso dos receptores auditivos, focamos na percepção tátil como a mais aguçada. (SONZA, 2014)

Costumamos chamar de “tato” a sensação evocada pela estimulação de receptores mais superficiais, contidos na epiderme, de “pressão”, e a estimulação dos mais profundos, contidos na derme de “vibração”. Assim, para um mesmo estímulo mecânico cutâneo, os grupos de receptores respondem de maneira peculiar. A qualidade da informação mecânica dependerá do tamanho do campo receptivo do receptor e da densidade. Isso significa que não possuímos a mesma sensação em toda superfície corporal.

Dentre os mecanorreceptores do tato encontra-se os *Corpúsculos de Pacini*, que localizam-se profundamente na pele, medem menos de 4 mm, são ovóides e percebem os estímulos de pressão, vejamos a ilustração a seguir.

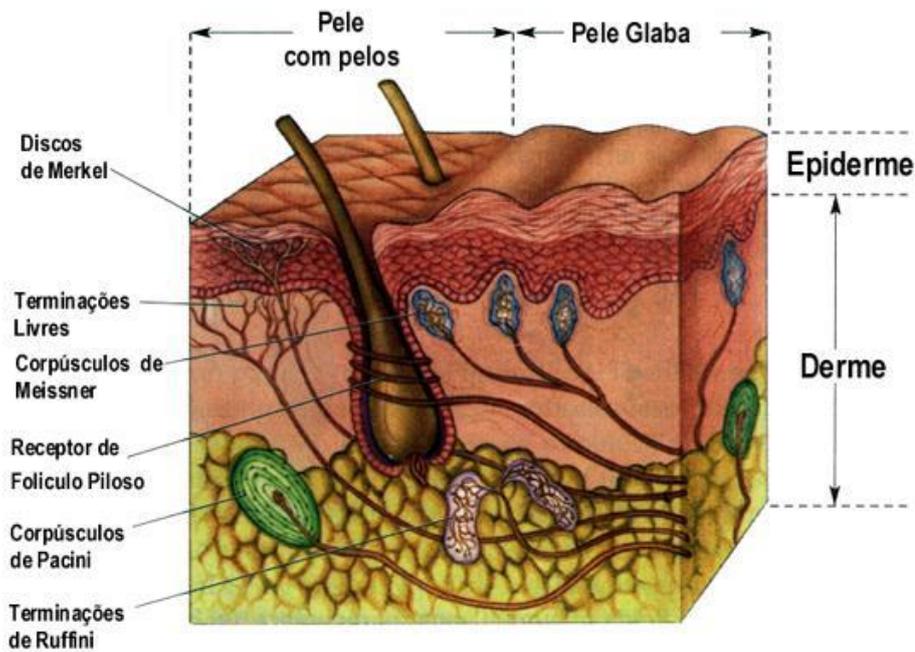


Figura 5- Tipos de receptores cutâneos. (Fonte: Nishida, 2012, p.62 .¹²)

Estão distribuídos em regiões do tecido subcutâneo, no tecido conjuntivo próximo a tendões e articulações, nas membranas inter-ósseas do antebraço e da perna, no perimísio de músculos, no pâncreas e seu mesentério, em diversas serosas, sob membranas mucosas, nas glândulas mamárias e na genitália de ambos os sexos (VEJA et al., 2009). Ou seja, em todo organismo interno humano, abrangendo cabeça, tronco e membros.

Segundo Nishida(2012), são receptores de adaptação rápida à deformações teciduais, portanto, ótimos detectores de vibração mecânica. Os corpúsculos de Pacini detectam vibração na faixa de 30 a 800 Hz.

As frequências audíveis pelo ouvido humano ficam entre 16 Hz e 20000Hz (20kHz). Dentro desta faixa encontra-se a voz humana, instrumentos musicais bem como alto-falantes. A faixa de frequência que melhor estimula os corpúsculos de Pacini encontra-se nas ondas mais graves, geralmente produzem sons abaixo de 300Hz, o que nos causam a sensação de uma vibração que ocorre internamente, como se algo vibrasse dentro de nós (NISHIDA, 2012)

¹²Disponível em:<http://www.ibb.unesp.br/Home/Departamentos/Fisiologia/Neuro/06.somestesia.pdf>

No indivíduo surdo esta vibração é perceptível em uma escala maior visto que a falta da audição faz com que os mesmos compensem a falta deste sentido aguçando os outros. Não é a toa que, em muitos casos, em sala de aula com alunos surdos seja usado como recurso para chamar sua atenção uma batida forte no chão, para que esta proporcione uma vibração no solo no qual o aluno percebe rapidamente.

Esta percepção vibratória ao ser captada detecta um evento no meio ambiente, absorvendo energia. Esta energia é convertida em energia elétrica, por um receptor apropriado, que leva ao desencadeamento de um potencial de ação, que transmitirá informações ao Sistema Nervoso Central, informando que algo está acontecendo que, no caso da dança, existe uma vibração ocasionada pela música.

Além da percepção tátil é preciso considerar também uma percepção espacial. Envolve a percepção de distância e do tamanho relativo dos objetos. Nós não possuímos órgãos específicos para esta percepção que se utiliza de outras percepções como a auditiva, a visual e a temporal. Esta percepção nos permite distinguir se um som procede especificamente de um objeto visto e se esse objeto está se aproximando ou se afastando, muito útil no caso da dança. No caso dos surdos a falta da noção auditiva faz com que a percepção seja compensada por meio da visão e do tato.

É preciso deixar claro ainda que existam exceções quanto a percepção musical como os casos de *sinestesia* (RAMACHANDRAN; HUBBARD, 2003). As pessoas percebem a música de forma visual, enxergam cores ou números ao escutar as notas musicais, passível de acontecer com surdos também, mas não entraremos nesta questão.

Cervellini (2003) afirma que ouvir com todo o corpo, entrar em sintonia com as vibrações sonoras mediante toda extensão pericorporal é possível ao surdo, bem como ao ouvinte. O conjunto perceptivo multissensorial permite-lhe a vivência musical e, assim, cria canais para a manifestação de sua própria musicalidade. Um fato constatado por minhas vivências como professor pesquisador.

Tendo em vista as teorias de Vigotski e Bakhtin, que compreendem a linguagem como um processo de interação e constituição das relações sociais, diversos foram os momentos interativos percebidos durante a oficina proporcionando uma aprendizagem intermediada entre colegas e não só por influência do professor.



Figura 6-A interação entre os alunos acontecendo por meio de explicação de um passo. (Fonte: Acervo do autor).

Esta vivência foi muito importante, por meio dela foi possível perceber que a vibração é essencial para a compreensão do ritmo musical sendo a percepção facilitada por meio de sons mais graves e do chão, bem como a referência visual do professor sempre como espelho para os movimentos dos alunos.

Apesar da ressalva de Strobel (2013) de que nos bailes da comunidade surda, a maioria dos surdos que se empenha em praticar a atividade procura imitar os passos dos outros, tentando adivinhar o ritmo musical, observando os outros dançando, essa prática não foi observada em sala quanto ao ritmo da música, mas quanto aos passos ensinados, em alguns momentos percebemos os alunos prestando atenção uns nos outros para saber se estavam executando de forma correta o que haviam acabado de aprender.

As facilidades relacionadas a ritmo, lateralidade, coordenação motora, destreza no movimento dos alunos surdos em relação à aprendizagem com dança, comparada com as de alunos ouvintes são extremamente parecidas, da mesma forma que existem alunos com certa predisposição facilitada para a aprendizagem da dança, existem outros com extrema dificuldade. Alguns alunos percebiam o ritmo com facilidade e executavam os movimentos marcados pela música, já outros iniciavam na marcação rítmica musical, mas se perdiam no decorrer da prática, ainda registramos um em que o aluno encontrava extrema dificuldade com a coordenação motora e lateralidade, perfis normalmente encontrados em aulas com alunos ouvintes.

Para Laban (apud Zanolo 2009, p 93) a dança na educação tem por finalidade propiciar que o ser humano estabeleça uma relação corporal com a totalidade da existência e nesse sentido, a escola tem como papel, oferecer a possibilidade de acesso ao conhecimento que a atividade criativa da dança proporciona, assim a dança na Educação permite a integração entre o conhecimento intelectual e as habilidades criativas do estudante.

Esta oficina teve grande contribuição para dar seguimento ao trabalho bem como proporcionou ao professor-pesquisador, que é professor de dança de salão, uma enorme satisfação quanto às possibilidades do ensino para este público. Os alunos participantes da pesquisa saíram satisfeitos desejando que a oficina tivesse continuidade no próximo ano letivo.

5.2 As Observações e Entrevistas na Escola Inclusiva

Para as observações acontecerem entre o período de 15 de agosto a 25 de setembro de 2014. Ao chegar à escola no dia 15/08 para propor o projeto, a coordenadora foi bem cordial e sua equipe pedagógica aceitou o desenvolvimento da pesquisa de imediato, salientando que a escola possuía uma boa relação com a UFMT visto que muitos projetos já passaram pela escola bem como estagiários de Licenciatura, que sempre são bem vindos. Entretanto, alertaram para um contato prévio com a professora Carolina, pois tal atividade iria interferir diretamente nas aulas da mesma e caso ela não quisesse aceitar, as coordenadoras não iriam se opor a vontade dela. Fui orientado a procurá-la na manhã do dia seguinte para uma conversa informal e, no caso dela concordar, que conversasse com a outra coordenadora para cumprir com as formalidades.

Ao contatar no dia seguinte, a docente foi muito cordial, bem receptiva ao projeto e demonstrou ter experiência, não estranhou o fato da metodologia envolver dança, ressaltou que existia uma turma na qual ela acabara de iniciar o conteúdo do sistema ósseo e, posteriormente, trabalharia o sistema muscular, ambos sistemas que compõem o sistema locomotor, objetivo inicial de nosso trabalho. A professora propôs, então, que o fizesse como fechamento da explicação do conteúdo, sendo a proposição aceita.

A Professora Carolina relatou que na escola ministrava aula para três turmas que tinham alunos surdos e que percebia uma grande diferença entre os três. Explicou-me que a aluna da manhã teve um desenvolvimento desde sua infância na língua de sinais,

acompanhamento com psicólogos, fonoaudiólogos e oraliza quando necessário. Fiquei curioso para conhecer a aluna visto que acabava de vir de observações feitas na escola CEAADA aonde a realidade dos alunos que chegam a escola quanto ao conhecimento da língua é muito diversificado sendo a maioria com pouca fluência em LIBRAS devido contextos familiares, que não utilizam a língua.

Ela prosseguiu o diálogo informando que com a outra aluna, do período noturno da EJA, tinha dificuldade de comunicação, pois ela não compreende com facilidade. Alegou que a aluna tem dificuldade com a língua de sinais, reafirmado pela interprete que a acompanha, não faz leitura labial e nem oraliza, contou ainda que a aluna possui uma história intrigante, por ter sido criada por um Tio e a comunicação familiar acontecia por mimica e não por LIBRAS, cresceu em um sítio no perímetro urbano onde mora até a data desta pesquisa.

A professora entrevistada ainda destacou que o nível entre as turmas do Ensino médio (3º ano matutino e EJA-noturno) é muito diferente bem como o tempo para a explicação. A professora disponibilizou o livro no qual se baseia para montar as aulas e o conteúdo (período noturno não conta com livro didático como apoio) o livro “Ciências o corpo humano” de CARLOS BARROS E WILSON PAULINO. Este livro, para ela, é melhor que o adotado pela escola para o ensino médio, mas não especificando qual era.

Ressaltou a facilidade da aprendizagem da aluna do período matutino diversas vezes e ainda disse que quando a intérprete falta ela se posiciona o tempo todo de frente para a aluna surda, visto que a mesma faz leitura labial. Ela ressaltou que em uma aula ela passa o conteúdo e na outra ela explica.

E, por fim, completou contando sobre a existência do terceiro aluno que também estuda na EJA noturno e segundo a professora entrevistada compreende com facilidade os conteúdos, mas falta muito e se atrasa bastante em suas aulas as quais acontecem sempre as quintas feiras no primeiro horário.

O primeiro contato com uma das intérpretes aconteceu em paralelo com a professora. Sueli me disse que trabalhar com a aluna do matutino é muito bom porque ela é muito inteligente e aprende com facilidade, ainda diz que na sala existem coleguinhas que sabem Libras e que quando ela falta uma das colegas ajuda na comunicação.

Ela nos conta que a mãe da aluna do matutino pediu para que trabalhasse com a filha a prática da oralização e não a LIBRAS, no entanto a intérprete perguntou a aluna o que ela desejava para facilitar sua aprendizagem e a mesma respondeu “*somente LIBRAS*”. Sueli desconsiderou o pedido da mãe e respeitou a vontade da aluna.

Quanto às observações em sala, foram realizadas apenas nas aulas de Biologia da professora Carolina, nas salas inclusivas com alunos surdos, totalizando 10 observações nas datas apontadas na Tabela 2.

Tabela 2. Datas das observações feitas nas salas de aula

Sala de aula	20/08	21/08	27/01	28/08	03/09	04/09	11/09	18/09	25/09
3º EM. Matutino	X		X		X				
3º EJA. Noturno		X		X		Evento	X		
1º EJA. Noturno		X		X		exta- classe ¹³	X	X	Aplicação

Fonte: Elaborada pelo autor.

5.2.1 Entrevista com a professora Carolina

A professora Carolina tem 32 anos de idade e 11 anos de profissão, sempre atuou em escolas públicas e é efetiva desde 2007, ocupa o cargo de professora de Biologia na escola nos três períodos por ser concursada em dois períodos consegue preencher toda sua carga horaria na escola e atende os três períodos.

Ela nos contou que o primeiro contato que teve com uma aluna surda aconteceu com a Carla ingressou na escola em 2007. Entretanto, a professora só lecionou para a aluna um ano depois, na extinta sexta série (hoje é ensino ciclado). O ingresso da aluna era algo novo e os professores ficavam apavorados e diziam: “*Como eu vou fazer? como que eu vou trabalhar? como que é?*”. Contudo, ela ressaltou a importância de ter o profissional intérprete em sala. No caso da Carla, “*todos falam que ela é uma*

¹³ Concertos Didáticos 2014 levam estudantes para o Cine teatro Cuiabá. Disponível <http://www.cineteatrocuiaba.com.br/TNX/conteudo.php?sid=44&cid=1026>

exceção”, alegavam ser fácil trabalhar com a aluna devido o interesse que ela tem, “*ela busca, ela quer aprender, ela pergunta, tira dúvida, ela não fica com dúvidas, mas no início...*”. Nesta última frase a professora deixar transparecer uma expressão de muita dificuldade.

Peço que a professora nos conte como foi sua primeira aula com a Carla.

“Na primeira aula eu pensei: Meu Deus do Céu, como eu vou fazer? Só que na escola, desde quando a Carla entrou, sempre tivemos estudos na sala do educador a respeito da inclusão”.

A primeira vez que você entra em uma sala, você nunca teve contato, não sabe como é, você se assusta, mas aí depois é tranquilo”.

Carolina ressaltou a importância dos profissionais intérpretes neste início visto que, ela nos conta, os mesmos participavam e aconselhavam como deveria agir, com orientações básicas de como precisavam fazer. Esta afirmação nos remete as falas das intérpretes que desenvolveram as ações na sala do educador e que ao meu ver foram bem significativas para a professora e auxiliaram em seu desempenho profissional na sala inclusiva.

*“Mas é complicado quando o intérprete não está com o aluno, aí é complicado, eu sinto dificuldade porque por mais que você se volte para a pessoa, fale de frente, repita várias vezes, você nunca sabe se ela está **entendendo ou não**, a maioria não faz a leitura labial então isso me incomoda porque eu fico: Meu Deus do céu e agora? está entendendo, não está entendendo? Como, por exemplo, no dia em que a intérprete Marcia estava dando a entrevista e o Pedro estava na aula comigo eu perguntava: você está entendendo? e ele me respondia: Mais ou menos!*

Mas a gente sabe que esse “mais ou menos” é só para não te desagradar, mas você sabe que não”.

Quando a professora usa o *entendendo* é no sentido de compreensão do conteúdo do qual ela ministra, ela sabe que algo está sendo assimilado, mas não encontra meios de se comunicar com o aluno surdo para saber se sua compreensão vai ao encontro do conteúdo correto.

Os professores devem tomar cuidado em acreditar que a presença do intérprete seja suficiente para a aprendizagem do aluno. Marques(2007) alerta que muitos professores mantêm uma relação de distanciamento do aluno, idealizando que eles estejam entendendo tudo sem nenhuma objeção por meio do intérprete. Esta atitude põe em risco o processo de ensino e aprendizagem, constrói uma barreira entre ambos, o profissional é de extrema importância para a aprendizagem, contudo, não é onipotente.

Ao ser questionada sobre quais as maiores dificuldades encontradas para se trabalhar com os alunos surdos, Carolina contou que com a Carla não sentiu dificuldade alguma, porque ela faz leitura labial e oraliza, mas com a Júlia e o Pedro se não houver a presença do intérprete em sala causa-lhe um incômodo por achar que eles não estão entendendo a explicação, ela não atribui ao fato de não estar conseguindo passar a matéria visto que só seria possível passar o conteúdo em LIBRAS, conta que causa certo incômodo o fato de saber que eles estão ali, tentando aprender e ela não conseguir estabelecer uma comunicação para auxiliá-los.

Ela assumiu que sem um profissional intérprete é muito complicado ensiná-los, com exceção da aluna Carla, por conta do contato com aluna de longo período e estudar no ensino regular com carga horária maior que a do EJA. Logo o convívio com a Carla contribuiu para o entendimento entre as duas em sala. Com os demais ela alega:

“Não vou falar que é fácil porque tem coisas que não dá, mas eu consigo dar um jeito dela entender o básico do conteúdo. Eu trabalho com a Carla desde a sexta série com algumas pausas, mas até hoje, então, sempre foi normal. Com os outros sinto dificuldade quando não há intérpretes, mas com a Carla eu me viro bem até porque existem alunos que sabem se comunicar em LIBRAS e quando eu tenho dificuldade eu recorro a eles e eles me ajudam”.

Para a professora lecionar em uma sala inclusiva, hoje em dia é algo normal. Os estudos realizados na sala do educador com as instruções das intérpretes contribuíram muito para tal visão.

Entende que os alunos surdos aprendem de forma visual. Entretanto, relata que o mesmo desenho que usa para os ouvintes, usa para eles e as dúvidas são as mesmas e esclarecidas da mesma forma. A escola ainda atende outros tipos de PCDs e nos casos de tetraplegia, a professora alega que o problema maior é o fato de que ela não consegue mensurar se o aluno aprendeu ou não, porque como ele não fala ela não consegue tal retorno a ATI que o acompanha diz que ele entende tudo que falamos, mas alega não ter como saber se ele realmente entendeu o conteúdo, e diz: *“então a gente não tem como saber”*.

Uma pergunta que causou certa inquietude na professora foi com relação à visão que a mesma tinha com relação à educação inclusiva. Para responder, a professora, respirou fundo. Refletiu e se expressou por meio da frase: *“Isso daí é um problema!*

essa pergunta...*Eu até tinha comentado que essa pergunta vai vir e eu tenho que pensar muito bem no que eu vou responder*”, após alguns segundos de organização mental das ideias ela explica:

“Eu tenho uma opinião formada e eu não sou contra a inclusão. Eu acho que ela veio justamente para que estas pessoas tenham contato com outra realidade, para poder ver como as coisas acontecem, mas eu não acho que seja uma inclusão totalmente. Vou citar um exemplo de quando a Carla ingressou na escola. A sala dela era uma sala com 35 alunos e os portadores de necessidades especiais têm direito de ter uma sala reduzida. Na quinta série ela estudou com a turma inteira e na sexta também, já na sétima, eu não sei se veio a Lei ou se já tinha, eu não me recordo, mas aí a escola teve que tirar cerca de dez a quinze alunos da sala para a sala ficar inclusiva para a Carla e nesse ponto eu não concordei, porque a partir do momento que a sala se tornou inclusiva para ela, excluiu os outros dez.

Teve alunos que tiveram que ir para outras escolas e outros tiveram que estudar a tarde, então nesse ponto eu não concordo, eu acho que você inclui um e exclui dez eu não acho isso certo, nesse ponto da inclusão eu não concordo.

Essa parte é muito complicada, teve muito aluno que teve que ir para outra escola, outro período, quer dizer: e o direito deste aluno que já estudava na escola? onde que esse direito foi parar? por causa de um tira um monte?!

E eu não concordo, também, com as escolas que não têm intérprete, porque o intérprete está ali para te auxiliar, mas muitas vezes tem escolas que não tem e isso eu acho totalmente errado porque o professor não tem que saber a LIBRAS, até porque se ele for dar aula para trinta alunos e ter que trabalhar a LIBRAS com um, isso é inviável, até na Sala do Educador as próprias intérpretes falaram que isso não existe, tem que ter o intérprete, só que acontece que nós sabemos que a realidade da nossa escola não é a realidade de outras, aqui todos nossos alunos têm, os outros tipos de deficiência também”.

Pergunto se a professora já teve contato com a língua em algum momento e ela explica que tinha uma amiga da igreja que a convidou para fazer um curso, porém na primeira aula ela chegou a conclusão que o curso não era para ela visto que exigia certa coordenação e destreza com as mãos, algo que a professora alega não ter:

“Eu não dava conta, aqueles dedos para lá, pra cá, minha mão não tem coordenação motora para isso, pelo menos eu achei que não tinha. Eu fui umas duas ou três vezes na aula, era muita informação. Eu não sei se a didática do professor não era boa porque ele jogava um milhão de informações na sua cabeça ao mesmo tempo, ele falava cachorro e daqui a pouco já falava o sinal de gato, então pra mim, isso daí foi bem difícil.

Eu até falo e a intérprete Sueli que brinca comigo, eu digo a ela “eu não sou obrigada a aprender LIBRAS, não é uma coisa que eu me identifico [risos]” e eu acho que você tem que fazer o que você gosta, o que você se identifica e eu não me identifico com a LIBRAS, até gostaria de saber porque eu fico incomodada quando o Pedro ou a Julia têm dúvidas e eu me sinto incomodada de não saber, mas eu não me identifico e não sinto vontade de fazer.”

Esta é a real necessidade da aprendizagem de LIBRAS pelo professor, não para que o mesmo ministre aulas usando a língua, mas para que possa estabelecer uma comunicação mínima com o aluno quando necessário e compreender sua forma diferenciada de perceber o mundo. O papel do professor tem sido bastante enfatizado no que envolve a inclusão de alunos surdos no ensino regular. O Decreto 5626,/2005, em seu Art. 3º determina que :

“A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.”
(BRASIL, 2005),

Não é esperado o domínio da língua de sinais pelo professor regente, tarefa esta que seria reservada ao intérprete, não se pode negar que um aprofundamento em LIBRAS é de grande proveito para que o professor possa auxiliar o aluno surdo na compreensão dos conteúdos (LACERDA e SANTOS 2013) e evitar, principalmente os ruídos de comunicação. Do professor é esperado criar situações para que os alunos com necessidades educacionais especiais possam contribuir para que essas limitações não se evidenciem (STAINBACK; STAINBACK, 1999),

[...] na ocasião do planejamento e execução de suas atividades didáticas, com atenção à organização da sala de aula, aos materiais didáticos, à sequência e ao ritmo de exigência de realização das atividades, de modo a contemplar as diferenças apresentadas pelos alunos presentes em sala de aula, bem como interagir com os alunos com NEE, de modo a orientar seu processo de aprendizagem e promover sua socialização com os colegas de turma (VITALIANO e MANZINI, 2010, p.54).

Embora saibamos que para os professores essa tarefa possa parecer, a princípio, quase inultrapassável e por essa razão, muitos até rejeitem a inclusão de alunos PCDs devido à sua falta de conhecimento para superar as reais dificuldades que esses alunos têm, por estarem em uma sala de aula regular, onde todos os alunos devem receber oportunidades iguais, que podem ser desafiadoras, mas adequadas às suas habilidades e necessidades.

E Carolina continua seu raciocínio:

“A questão de falar que o professor tem que se virar, tem que dar jeito, não é assim. Nós temos uma sala com trinta e cinco ou trinta e quatro alunos, não tem como você se dedicar a um e deixar os outros trinta. Então, nesta parte da inclusão eu não concordo”.

“Agora o governo precisa construir mais salas, contratar mais mão de obra especializada. Quanto aos alunos virem para a escola dita “normal” (fez aspas com os dedos) eu não vejo problema algum, eu acho que o governo precisa dar o suporte necessário para que isso aconteça, não é simplesmente falar inclusão, jogar o aluno lá na escola e a escola que se vire, porque geralmente é isso que acontece. Então eu não sou contra os alunos inclusos, sou contra a forma como o governo faz a inclusão acontecer.”

Complemento a fala da professora, dizendo que esta situação que a mesma descreve aconteceu há uns cinco anos e que as coisas vem mudando, e a quantidade reduzida de alunos vem no intuito de contribuir para uma aula de melhor qualidade para o professor que precisa tomar conta de muitos alunos, e Carolina concorda.

Ao questionar a professora se ela acredita que a escola é inclusiva e o que poderia melhorar, ela nos responde.

“Eu acredito. Melhorar?!... Eu não faço a mínima ideia, porque do jeito que a gente trabalha, a gente faz o máximo que a gente pode para incluir todos os alunos, agora, tem alunos que não são deficientes auditivos, como no caso da Carla, do Pedro e da Julia, que eles não participam porque eles não querem, é uma dificuldade maior”.

“A Carla participa de todas as atividades que a escola oferece. Temos outros tipos de deficiência na escola, tem um aluno com tetraplegia que eles mesmos tentam se excluir. Por exemplo, nós temos um menino no primeiro ano, não vou citar nomes, que a menina que o acompanha esta falando para gente que a sala quer inclui-lo mas ele não quer ser incluído, ele quer ser o diferente porque sendo assim, ele não tem a responsabilidade de fazer a tarefa; ele não tem a responsabilidade de apresentar o trabalho. Então, assim, o professor tenta de todas as maneiras incluir, inclusive quando o outro aluno que é cadeirante chegou, e a deficiência dele e física ele não fala, mas ele entende, a intérprete (no caso a acompanhante) falou : Olha o fulano esta se sentindo meio excluído na sala. Mas foi no início, aquilo também era novo para os alunos, eles nunca haviam tido um colega naquela situação e, então, fomos trabalhando com os alunos em sala de aula esta questão e hoje é normal.”

Ao ser questionada sobre quais conteúdos na disciplina biologia Carolina tem dificuldade de lecionar, pensando em uma sala inclusiva com alunos surdos, ela pensa

um pouco e disse que tem alguns que são complicados principalmente àqueles que você não pode usar recursos visuais para ensinar, que é o que eles precisam.

Carolina acredita que o desenho ajuda bastante, como exemplo citou o conteúdo de genética, atual conteúdo trabalhado com as turmas do terceiro ano, tem o quadro de Punnett¹⁴, auxilia a explicação da teoria por ser visível. Contudo, conteúdos que não possuem esse recurso visual, a professora alegou serem mais complicados.

Conforme Almeida (2012 p.),

“Denari (2006, p.37) considera importante a identificação das necessidades educacionais especiais, enfatizando que se não houver o devido cuidado em relação às adequações curriculares, “a seleção dos materiais educativos de apoio e a escolha das estratégias metodológicas e didáticas podem não corresponder ao que realmente o aluno requer”

Para finalizar, questionei Carolina quanto ao uso da dança e da música para salas que têm alunos surdos e ela nos disse.

“É possível, não só a música como todas as outras metodologias que são utilizadas, agora a música é como aquele dia que fizemos a aula com a música na sala da Carla, ela mesma já me disse que ela não sente a música, ela gosta, mas não percebe, mas como é uma música voltada para o conteúdo que ela tinha que saber o que é sangue A e o que é sangue B, naquele sentido aquilo lá ajudou, não só ela como os outros. É lógico que eu já sei que a Carla compreende que eu entreguei a letra para a Sueli, ela interpretou a música, esse cuidado a gente tem, mas não que seja específico para ela como se eu estivesse parado para pensar “será que a Carla vai conseguir?” eu não paro para pensar, para mim ela vai conseguir porque eu trato ela como qualquer outro aluno normal”.

E aí é que é a questão. Eu não vejo que isso só ajuda a aluna; eu vejo que ajudou a sala inteira e ela é uma consequência de estar naquela sala, a aula seria dada daquela maneira independente dela estar ou não na sala, não foi feito por causa dela, foi feito porque é uma metodologia da aula.

A fala da professora Carolina transparece a inclusão real, quando se percebe a diversidade dentro do espaço da sala de aula, entretanto, o processo do ensinar é natural, o professor reconhece que as estratégias pedagógicas escolhidas não devem ser extinguidas por uma condição física e sim necessitam de algumas adaptações para que o aprendizado ocorra visto que cognitivamente todos estamos aptos a aprender.

¹⁴Diagrama desenvolvido para estudar os cruzamentos genéticos simples criado pelo cientista Reginald Punnett.(<https://www.youtube.com/watch?v=IEubMW8y3ug>).

Na opinião de Carolina todo esse processo inclusivo no início foi um choque para todos, inclusive para os alunos da escola. Entretanto, com o tempo todos aceitaram muito bem e hoje o processo de inclusão de alunos com deficiência é algo normal.

Para a professora Carolina, a necessidade de uma estratégia visual é clara para aprendizagem dos alunos surdos, porém, em suas palavras me parece que é algo inconsciente visto que ela em nenhum momento deixa claro em suas falas que se precisa pensar diferente para uma sala inclusa de alunos surdos, sempre está em suas entrelinhas como quando fala sobre o uso necessário da imagem, do cuidado de trabalhar em conjunto com a intérprete e dá seu posicionamento na hora de explicar de frente para aluna quando precisa copiar no quadro. Sobre esse aspecto, Zordan diz que *“Não há como desvincular um método de ensino das concepções epistemológicas que o embasam, mesmo quando estas, ao invés de se fundarem sobre aportes teóricos consistentes, espalham-se nos discursos educacionais que contaminam as salas de aula.”*(ZORDAN, 2015, p.1)

Estas questões ficaram claras nas falas dos demais entrevistados, mas quando questionadas de forma direta, a mesma não transpareceu que tais elementos são importantes, deixando subentendido em sua fala e neste último trecho é perceptível que ela compreende os alunos surdos inclusos como iguais aos ouvintes com relação à cobrança de atividades e afazeres escolares, que sua metodologia de ensino corrobora para uma aprendizagem que faça sentido para esses alunos visto que quando possível a professora se empenha em trazer figuras que possibilitem o entendimento de conceitos, estando em constante busca de recursos visuais facilitadores da aprendizagem.

Blanco (2004 p. 293) nos diz que

“Responder a diversidade significa romper com o esquema tradicional em que todas as crianças fazem a mesma coisa, na mesma hora, da mesma forma e com os mesmos materiais. Expressar os diferentes aspectos a serem considerados para responder à diversidade é de extrema complexidade caracterizando os processos de ensino e de aprendizagem que ocorre na sala de aula.”

5.2.2 Observações na sala de Carla

A primeira observação aconteceu no dia 20 de agosto de 2014. Observo que a estrutura da sala é muito boa, com ar condicionado, prédio novo, lousa de vidro. Estavam presentes 21 alunos. Carla estava sentada ao lado esquerdo, próximo a porta da sala mais para o fundo, o que me intrigou visto que geralmente os alunos surdos são colocados nas primeiras fileiras, próximos ao quadro para melhor enxergar, estava sentada com mais duas amigas em carteiras coladas e com mais colegas sentados próximos a frente e atrás de sua mesa.

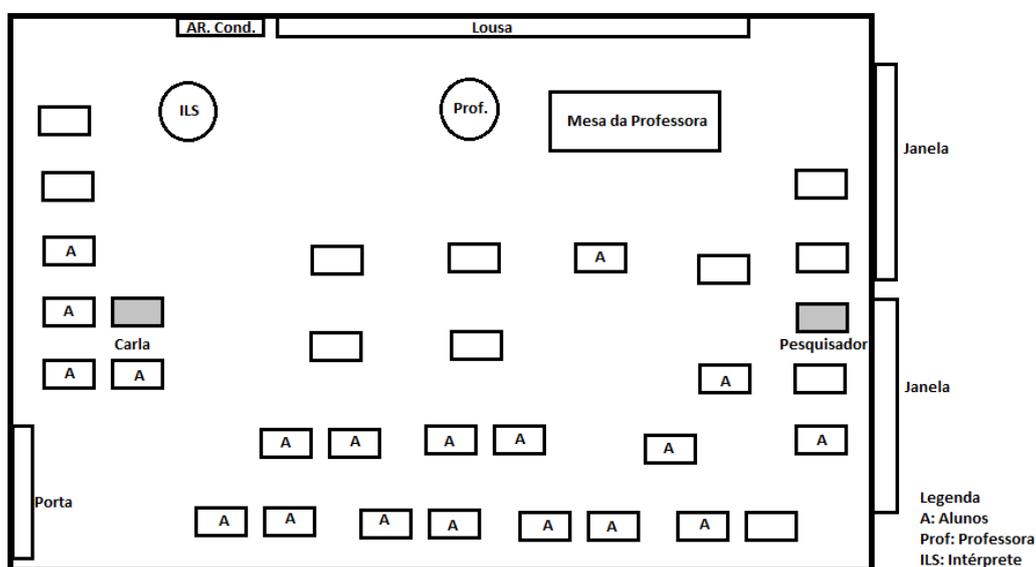


Figura 7- Organização da sala da aluna Carla.(Fonte: Elaborada pelo autor).

Quando Carla chegou a reconheci de um projeto no qual fazia parte na UFMT, que ensinava Português para alunos surdos do Ensino Médio; ela era uma das alunas e eu participava dando suporte para os alunos. Ela me reconheceu e me cumprimentou de longe, todavia minha presença em sala não causou curiosidade e nem estranhamento para ela.

A professora antes de iniciar a chamada me apresentou e explicou o porquê de minha presença no local para os alunos, que pareceram não se incomodar com minha presença. Em seguida ela fez chamada e comentou que os alunos da turma têm o costume de se atrasar um pouco.

A intérprete Sueli posicionou-se na lateral esquerda do quadro, um pouco a frente e interpreta tudo que acontece na sala para a aluna, não só a fala da professora mas as conversas paralelas também, achei uma atitude interessante, pois a deixa sempre informada do que está acontecendo ao seu redor.

A professora iniciou a explicação do conteúdo sobre Genética e percebo que ela, de fato, toma cuidado para estar sempre com o corpo virado para o lado da aluna surda. A intérprete faz seu trabalho e, constantemente, pergunta se a aluna entendeu. O uso da língua de sinais pela intérprete, a meu ver, é muito correto, sua postura e vestimenta profissional estão condizentes com tal profissão.

Na sala existia uma aluna sentada próxima de Carla que comunicava-se com ela em LIBRAS o que me chamou a atenção foi o fato de a aluna prestar atenção na interpretação ao invés de ter seu olhar focado na professora, como os demais ouvintes.

A professora concluiu a explicação e avisou que iria passar uns exercícios no quadro. Nesse momento, a aula é interrompida pela professora de Espanhol para dar um recado com relação a uma feira de espanhol que a mesma está organizando cujo tema da turma é o México.

Todos começam a fazer muito barulho com conversas paralelas perto de Carla que está sentada próxima à porta e a aluna então resolve sentar perto de mim que estou do lado oposto próximo às janelas. No caminho ela sinaliza para mim que estão fazendo muito barulho perto dela, o que isso a incomodava. Nesse momento, percebo que ela a mesma faz uso do aparelho auditivo, o que lhe permite perceber as ondas sonoras.

A professora deixou um recado com relação à apresentação no dia que todos precisam falar um mínimo de espanhol, cumprimentos e etc.. a intérprete repassa a informação do recado para Carla que rapidamente responde: *“Eu não preciso praticar, eu sou surda”*. Essa atitude me fez refletir como se dá o ensino de línguas estrangeiras para os surdos que estão previstas nas grades curriculares das escolas públicas visto que nem todos os surdos oralizam.

Neste momento, a professora lembrou que precisava explicar algo e para de copiar para dar a explicação, ao se virar para a sala imediatamente ela procura a aluna Carla para saber onde a mesma se encontra para começar a falar. Essa atitude da professora deixa claro que a mesma tem essa preocupação, como havia referido no primeiro

contato, percebi que foi algo inconsciente e não pelo fato da minha presença, mas por já estar habituada com tal situação. Vale ressaltar que no momento em que a professora se virou para explicar, a intérprete Sueli, que estava aguardando o fim da cópia do outro lado da sala, rapidamente posicionou-se em nossa frente, também trocando de lado, e a professora Carolina aguardou o deslocamento para então começar a falar. Esta relação professor/intérprete é de extrema importância.

Na perspectiva da educação inclusiva de alunos surdos, o professor precisara ser parceiro do intérprete de LIBRAS para que se ampliem as possibilidades de construção de conhecimento desses alunos (LACERDA e SANTOS 2013, p . 85).

Na primeira aula de professora Carolina observo alguns cuidados com relação ao respeito a profissão do intérprete, entretanto sei que ainda existem professores que não compreendem o papel do profissional em sala.

Neste primeiro contato com a sala em relação à interação com os colegas achei interessante o fato dela sentar atrás com os colegas e não na frente. Sabemos que nesta idade os alunos preferem acomodar-se no fundo da sala e Carla não é diferente; apesar de sentar rodeada de colegas não percebi momentos interativos da aluna com exceção da amiga que sabe LIBRAS a não ser para pegar uma borracha emprestada uma ou duas vezes. Percebi que a aluna é muito dedicada ao estudo, nos momentos de explicação ela estava muito focada na interpretação e na professora, diferente de alguns colegas que estavam em conversas paralelas.

A segunda observação aconteceu dia 27/08. Ao entrarmos em sala a professora já pede ajuda para Bruna, nome fictício por razões éticas, outra amiga que tem conhecimento da LIBRAS, visto que a intérprete estava atrasada. Surpreendeu-me que esta colega não é a mesma que sentou próxima de Carla na aula passada e comunicava-se com aluna, até o momento tal amiga não havia chegado também. Para facilitar, também nomearei ficticiamente Laura.

Bruna, que hoje sentou-se perto de Carla, me conta que estuda com ela há 11 anos e, desta forma, aprendeu a língua de sinais com a amiga aos poucos por meio da convivência. Percebo que a mesma usa a língua de forma básica, contudo existe uma forte presença das regras do português em sua sinalização, ela me conta ainda que no

início do ano começou a estudar LIBRAS em um curso de extensão oferecido na UFMT e está bastante empolgada.

Hoje a aluna surda senta do outro lado da sala, próximo as janelas e um pouco a minha frente, para ficar próxima de Bruna. Esse fato me deixa claro que ela se sente muito confortável entre os colegas que também não a percebem como diferente no sentido de estranha-la, ou seja, ela não se torna um peso para turma ou algo negativo do tipo e baseando-me na fala de Bruna acredito que muitos estudam com Carla há muitos anos e, então, já estão acostumados com a presença dela.

A intérprete chegou, pediu licença e desculpas pelo atraso, cumprimentou a professora, a mim, a Carla e Bruna que estavam sentadas a minha frente, percebeu que ambas estavam entretidas com a atividade e aproveitou para conversar comigo em LIBRAS para não atrapalhar os demais.

Sueli me disse que com Carla é muito tranquilo de trabalhar porque ela pega muito rápido, aponta para Bruna e me informa do conhecimento que ela tem em LIBRAS e que quando acontecem tais imprevistos Bruna ou Laura auxiliam a professora interpretando a aula para a colega. Mas a intérprete contou que quando Carla está sozinha e sem a intérprete, usa da oralização perfeitamente. Entretanto, por já conhecer a aluna antes das observações, poucos foram os momentos que a percebi fazendo isso. Acredito que ela prefira o uso da LIBRAS.

Neste momento, Carla começou a se interessar pelo que estávamos conversando, nossa sinalização chama sua atenção e então Sueli me alerta que ela é muito curiosa que é melhor cessarmos a conversa para que ela pudesse fazer as atividades. Entendo que não se tratava apenas de curiosidade, mas do fato de seu sentido visual ser muito aguçado e coisas que se movimentem no seu campo visual alertam a aluna constantemente e, como nos coloca Strobel (2013), um dos artefatos culturais surdos é a experiência visual. A autora relata em seu livro uma passagem vivida que esclarece tal situação de forma cômica.

Uma vez, meu namorado, ouvinte, me disse que iria fazer uma surpresa para mim pelo meu aniversário; falou que iria me levar a um restaurante bem romântico. Fomos ao restaurante escolhido por ele. Era um ambiente escuro, com velas e flores no meio da mesa. Fiquei meio constrangida porque não conseguia acompanhar a leitura labial do que ele me falava por causa da falta

de iluminação e pela fumaça da vela que desfocava a imagem do rosto dele, que era negro; e para piorar, havia um homem no canto do restaurante tocando música que, sem que eu pudesse escutar, me irritava e **me fazia perder a concentração por causa dos movimentos dos dedos repetidos de vai e vem com seu violino**. O meu namorado percebeu o equívoco e resolvemos ir a uma pizzaria! (Grifos meus, STROBEL 2013, p.44-45).

Num certo momento da aula, as alunas apresentaram uma dúvida na resolução dos exercícios e chamaram a professora para ajudá-las. A professora foi até a mesa para explicar e sem ficar perguntando ou se referindo a intérprete, ela explicou diretamente para as alunas.

Nesse momento percebo que a professora compreende que mesmo com a intérprete ela precisa se dirigir a aluna na primeira pessoa visto que a dúvida parte da aprendiz e não como acontece muitas vezes quando o aluno surdo apresenta dúvidas e o professor explica para o intérprete referindo-se ao aluno como terceira pessoa. A aluna surda rebateu a explicação com uma outra pergunta em LIBRAS interpretada por Sueli para professora que não tirou o foco do olhar da aluna e, após ouvir a indagação, responde com o auxílio de uma explicação no caderno de Carla.

Sanada a dúvida, a professora se aproximou de mim e conversamos um pouco. Em uma de suas falas, Carolina disse que o ensino da biologia é mais fácil porque ela pode desenhar no quadro e desta forma os alunos surdos compreendem, diferentemente de outras disciplinas como “história” cita a professora. Percebi clareza para a professora quanto ao uso de recursos visuais, a necessidade da visualização para a aprendizagem destes alunos.

A professora começou a correção dos exercícios no quadro e foi perguntando as respostas para os alunos, perguntou para todos, inclusive para Carla, que é uma aluna muito participativa nas aulas. Um aspecto importante quanto ao trabalho do intérprete educacional é a garantia da participação do estudante surdo durante o desenvolvimento da aula a partir de perguntas e respostas, as quais, por sua vez, exigem tempo dos colegas e professores, a fim de que a interação discursiva se estabeleça (SOUZA, 2011). E, entretanto, se o professor não fomenta a participação do aluno surdo de nada adianta,

é preciso que ele indague o aluno para que o intérprete possa auxiliá-lo na interação contextual da sala de aula.

Em um dado momento, a professora corrigindo os exercícios equivocou-se em sua escrita, trocando os símbolos usados que passa despercebido pela turma. Carla chamou a professora por intermédio da intérprete alertando sobre o erro, a professora se vira para aluna e perguntou onde, visto que a mesma não encontrou erro algum, nem os colegas de classe. A aluna se levantou, foi até o quadro e corrigiu o esquema da professora, sendo surpresa para todos que não haviam reparado.

A experiência visual faz com que ela perceba com mais facilidade os erros mesmo pequenos como a falta de uma letra minúscula sobrescrita que a professora esqueceu-se de escrever, uma letra minúscula que a maioria não percebeu, assim como eu, mas ela percebeu e foi corrigir.

Após a resolução dos exercícios, a professora fez a chamada que coincidiu com o sino alertando o final da aula. A professora Carolina brincou que pareceu cena de novela, no momento em que ela terminou, tocou o sino, os alunos concordaram e todos deram risada, inclusive Carla.

A terceira observação aconteceu no dia 03/09. Cheguei à sala dos professores e percebi a professora conversando com a intérprete, cumprimentei ambas e percebi que Sueli estava tirando umas dúvidas quanto a um papel que a professora lhe passou, o sinal tocou e fomos para a sala.

A professora cumprimentou os alunos e pediu para aguardarem um pouco a chegada de outro professor. Explicou que hoje a aula seria diferenciada, todos iriam cantar, os alunos se animaram. A professora convidou um professor que sabe tocar violão para auxiliá-la na aula, passou a paródia para a intérprete Sueli momentos antes do início da aula, que rapidamente traduziu a música para LIBRAS. É importante ressaltar que “*a música representa um portal para a composição corporal, seja na dramatização, seja no estilo técnico coreográfico, seja na possibilidade de aprendizagem.*” (MAUERBERG-DE-CASTRO, 2011, p. 392)

Carla estava sentada em seu lugar de sempre, no fundo próxima a porta com sua colega Laura e rodeada de amigos como no primeiro dia de observação e a intérprete Sueli à sua frente, próxima ao quadro.

A professora distribuiu a letra da música para os alunos, em seguida explicou a atividade que seria cantar uma paródia, o professor chegou com o violão, os alunos cumprimentaram, já o conheciam, visto que alguns já foram alunos dele em turmas anteriores.

PARÓDIAS BIOLOGIA – SISTEMA O, AB, B, A

<p style="text-align: center;">Assim Você Mata o Papai Sorriso Maroto</p> <p style="text-align: center;">Ai, ai! Ai ai ai ai (6X)</p> <p style="text-align: center;">Essa mina tá me olhando Acho que tá dando mole Ela tá me provocando já faz tempo Isso não vai prestar Não vai</p> <p style="text-align: center;">Ela é maravilhosa, tem um sorriso maroto O que será que ela tá querendo? Vou chamar pra dançar</p> <p style="text-align: center;">Vem cá mulher Vem cá, dançar Comigo agarradinho, vem cá que você vai gostar! Ah, vai! Isso, assim, vem pra mim Que delícia, tá gostoso demais Isso não vai prestar Beija minha boca</p> <p style="text-align: center;">Ai, ai! Ai ai ai ai! Assim você mata o papai Ai, ai! Ai ai! Que boca gostosa, eu quero mais Ai, ai! Ai ai ai ai! Assim você mata o papai Ai, ai! Ai ai! Você tá cheirosa demais</p>	<p style="text-align: center;">Sistema ABO Autor: Adilson Fonseca Teixeira</p> <p style="text-align: center;">O, AB, B ou A (6x)</p> <p style="text-align: center;">Essa mina tá sangrando Se continuar, ela morre Ela tá se internando, não dá tempo Isso não vai prestar, não vai!</p> <p style="text-align: center;">De sangue é maravilhosa, tem AB por todo o corpo Não tem aglutinina nem querendo Qualquer sangue presta</p> <p style="text-align: center;">Se é A, que é IAIA AB, IAIB vai rola Vai servir pra curar, a vai Se é ii, O pra mim IBIB, sangue B me dá, sem contar o Rh O pra todos doa</p> <p style="text-align: center;">O, AB, B ou A / O, AB, B ou A O, AB, B ou A Sem Rh pode doar</p> <p style="text-align: center;">O, AB, B ou A / O, AB, B ou A O, AB, B ou A Hemácia lisa então me dá</p>
---	---

Figura 8- Paródia musical utilizada pela professora para o ensino do conteúdo de tipos sanguíneos. Fonte: Material cedido pela professora Carolina.

A intérprete explicou para Carla que pegou a música mais cedo e pergunta se ela conhece, a mesma responde que não. Então a intérprete começou a interpretar a letra da música e a aluna prestou atenção aos detalhes. O fato de a professora ter passado a atividade horas antes da aula para que a mesma interpretasse acredito que tenha a deixada insegura quanto aos sinais e percebi que Sueli ficou com receio de ser julgada por mim, toda hora me acompanhava com os olhos para saber se eu estava prestando atenção em sua interpretação.

A professora referenciou a música intitulada *Assim você mata o papai*, do Grupo Sorriso Maroto e, em seguida, juntamente com os alunos explicou frase por frase da música para todos, e Sueli ia interpretando para Carla, em seguida todos passaram uma vez em coro para que aprendessem o ritmo da música e Sueli interpretou de forma pausada para que a aluna compreendesse os sinais envolvidos.

Segundo Marques (2007), as diferenças não estão entre as ditas “pessoas diferentes” apenas, mas mesmo entre os “normais” existem as diferenças. A inserção de objetivos flexíveis bem como metodologias diferenciadas contribui para a quebra do paradigma tradicional de educação que insiste em permanecer, evadindo e excluindo aqueles que não se moldam em seus padrões.

Notei que algumas das colegas de Carla que tem conhecimento da LIBRAS optavam por prestar atenção na explicação por meio da interpretação de Sueli para aprender os sinais relacionados a tal conteúdo ao invés de concentrar se na explicação dada pela professora.

Após todas as explicações o professor começou a tocar o violão e todos cantaram a parodia de forma tímida e Carla sinalizou também de forma tímida, a professora disse que estavam fracos que precisavam se animar e cantaram mais umas três ou quatro vezes, foi quando os alunos se soltaram e cantaram um pouco mais desinibidos. Percebi que minha presença na sala não incomodava e muito menos os inibia com relação à atividade.

Um fato curioso que consegui captar foi quando ao cantar a última estrofe musical que dizia: “... *isso não vai prestar, beija minha boca...*” em LIBRAS a terceira palavra foi sinalizada de uma forma que não condiz com o uso correto da língua, entretanto a intérprete não percebeu, mas a aluna Carla tem uma compreensão muito boa de sua língua natural e sem advertir a intérprete, ou mesmo corrigi-la, a aluna substituiu o sinal para o que de fato deveria ser usado corretamente.

Poucos são os surdos que conheço que têm essa facilidade na tradução do português escrito para a LIBRAS, ainda mais em coisas tão específicas da língua como o uso do verbo ir no sentido de deslocamento ou no sentido de locução verbal, como no caso usado nesta música.

Após a dinâmica com a parodia, a professora agradeceu a participação do professor que precisou se ausentar e entrou na explicação do conteúdo que acabara de trabalhar, fez um esquema visual no quadro relacionando qual tipo sanguíneo é doador ou receptor, em seguida passou alguns exercícios para serem resolvidos.

No instante da explicação, a professora entusiasmada é interrompida pela intérprete que apenas com um movimento de braço feito a professora, entendeu que precisava ir mais devagar para que Sueli consiga interpretar. A Profa. Carolina pediu desculpas para a intérprete e alegou ter ficado entusiasmada e começou a falar muito rápido, reconhecendo seu erro, ambas dão risada, e a professora prosseguiu mais lentamente.

Quando refletimos sobre a presença do intérprete de LIBRAS em sala de aula, devemos nos lembrar de que esse profissional possibilitara o acesso às informações e conteúdos ministrados para a Língua Portuguesa e vice-versa, ou seja, sua atuação depende diretamente da parceria estabelecida com o professor. Nesse caso, faz-se necessária uma mudança de postura por parte do professor, que também tem o dever, como educador de auxiliar o intérprete em suas práticas (Lacerda e Santos 2013 p . 195).

Percebi um entrosamento entre ambas, uma respeita o espaço da outra e trabalham muito bem, e quem ganha com isso é o aluno surdo. Atribuo o mérito ao tempo que a professora já atua com a aluna surda, o que lhe trouxe certa experiência. Os alunos resolveram os exercícios até o final da aula.

As aulas observadas nesta sala, segundo a professora Carolina e a intérprete Sueli é um caso raro, elas alegaram que a aluna surda tem pleno conhecimento de sua língua e isso facilita muito a aprendizagem, me alertam que com os outros alunos que possuem contextos muito diferentes a aula não flui desta forma, bem como o tempo é muito reduzido, de acordo com a professora.

Percebi que minha presença não inibiu os alunos durante as observações, a intérprete sentiu-se um pouco incomodada na terceira aula observada por ter sido aparentemente pega de surpresa quanto à interpretação musical, a professora também não se intimidou e, a meu ver, conduziu suas aulas normalmente.

5.2.3 Entrevista com a estudante Carla

Eu inicio a entrevista com Carla que tem 17 anos de idade, concluindo o Ensino Médio no tempo correto, pedindo para que nos conte como foi a descoberta da surdez e sua aquisição de L1. E ela nos conta que nasceu na cidade de Juara e que aos 3 anos de idade contraiu meningite que deixou a surdez como sequela.

A família mudou-se para Cuiabá e sua mãe logo providenciou para que a menina iniciasse os estudos no CEAADA, porém a estudante ressalta que nesta escola cursava o período matutino e no período vespertino frequentava outra escola, uma particular.

Ao ser questionada quanto à aprendizagem da LIBRAS e da Língua Portuguesa Carla mostra ter total compreensão da diferença entre as línguas: “*A Libras é minha L1 e o português é minha L2*”. Nesta colocação fica claro que a aluna está inserida em um meio de busca pelo conhecimento de sua língua natural visto que poucos alunos da idade dela saberiam dar essa resposta utilizando tais termos, o que transparece muita clareza para a aluna quanto à definição das classificações linguísticas.

Quando questiono sobre a comunicação com a família, Carla explicou que com a mãe e com uma prima, que morava com a família até pouco tempo, ela se comunica em LIBRAS, já com o pai e os demais familiares por meio do português oralizado.

Esse contato bilíngue na família é algo que contribui de forma muito positiva para o desenvolvimento linguístico das crianças porque faz com que a mesma esteja em constante associação nas semelhanças e diferenças entre as modalidades linguísticas. Para Slomski (2010) o contato com as duas línguas é de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo e linguístico do aluno surdo.

Ainda questiono se o uso da comunicação via oralização para ela é fácil, Carla me diz que não porque as pessoas falam muito rápido e ela compreende apenas algumas palavras que ela associa com seus conhecimentos e por meio da prática e dedução entende sobre o que está se falando bem como quando vai se expressar utiliza palavras-chave que nem sempre estão corretas. Ela alega ser um pouco confuso e que precisa ter paciência. A fala da aluna contradiz a visão que a professora tem sobre a aluna quanto ao entendimento claro sobre leitura labial, para a aluna não é tão simples a compreensão deste recurso.

Gesser (2009) ressalta que a leitura labial e o desenvolvimento da fala vocalizada são habilidades que precisam de treinos árduos e intensos para serem desenvolvidas.

Todos os estudos referentes à leitura labial estão vinculados aos treinamentos fonarticulatórios e é nesse sentido que poderíamos afirmar que não se trata de uma habilidade natural de linguagem, como é a habilidade para o desenvolvimento da língua de sinais. Engana-se quem acredita que a leitura labial feita por surdos é de extrema fluência da língua, na fala de Carla percebemos como ocorre tal leitura, não sendo de forma simples e natural, exige do surdo muita atenção dentre outros requisitos como uma boa localização, ter contato frequente com a pessoa que oraliza para se acostumar com o modo como a mesma oraliza dentre outros fatores.

Terminando o 4º ano do Ensino Fundamental, Carla ingressou na Escola na qual estuda até hoje. Quando pergunto para ela se ela percebe a escola como inclusiva a aluna me responde que sim, alega que na escola ela tem amigos que aprenderam a LIBRAS e que conversam com ela normalmente. Ela lista em torno de uns sete alunos de sua sala que têm o conhecimento mínimo para estabelecer comunicação com ela visto que a mesma que os ensinou.

Dando continuidade ao assunto pergunto se a escola oferece o ensino de LIBRAS para ela no contraturno e Carla diz que não, mas que no momento faz um curso formador de instrutores e que futuramente gostaria de propor para a direção de escola de vir dar aulas para os alunos.

É muito clara a fluência e a forma correta da utilização da Língua de sinais bem como a facilidade que a mesma tem em se comunicar e até de compreender quando o uso da mesma não está correto, pois em alguma das observações em sua sala captei um momento no qual a intérprete utilizava um sinal para a interpretação de uma música que não condizia sintaticamente com a regra da LIBRAS, automaticamente a aluna o substituiu pelo sinal correto, mas sem questionar ou mesmo interromper o trabalho da intérprete. Isso demonstra o nível de compreensão que a aluna tem sobre as diferenças entre a Língua Portuguesa e a LIBRAS, fato que atribuo a sua inserção na escolarização bem adiantada em vista dos demais alunos entrevistados e a preocupação que a família demonstra, ou mesmo a aluna, com sua aprendizagem.

Quando pergunto o que Carla acha sobre a intérprete:

“Eu gosto, é muito importante ela me ajuda muito. Quando eu entrei na escola fiquei a primeira semana sem intérprete e não entendia nada que o professor e nem os alunos falavam, ai conseguiram um interprete. Na oitava série a intérprete engravidou e tirou a licença maternidade, eu fiquei quatro

meses sem o auxílio e eu não escrevia nada, minha amiga, que sabe LIBRAS, me ajudou e interpretava para mim, só no último mês de aula conseguiram um intérprete, mas eu consegui passar”.

Acredito que ela tenha conseguido passar de ano por contar da interpretação feita pela amiga que já havia aprendido a se comunicar em LIBRAS e interpretava as aulas para ajudá-la. Essa aluna durante os intervalos nos informou que aprendeu a língua com a amiga e que hoje cursando o terceiro ano pensa na possibilidade de se profissionalizar para atuar na área. A intérprete de Carla a incentiva a amiga da aluna por acreditar que ela tem um bom perfil para trabalhar com a LIBRAS, e pensar que esse despertar para a língua iniciou por contada inclusão é muito interessante.

Existe uma grande necessidade de profissionais de LIBRAS no mercado de trabalho e estas atitudes proporcionam a disseminação da língua e o interesse de alguns alunos pela língua, esse ano temos o curso de Letras/Libras na UFMT entretanto poucos são os alunos que tem conhecimento da língua e de sua importância como profissão bem como seu encaixe no mercado de trabalho.

Questiono sobre sofrer preconceito por parte de alguém da escola, Carla responde de forma convicta que não, não percebe tal atitude na escola.

Focando o ensino de Biologia, Carla diz que gosta da matéria bem como da professora, e cita que até a 8ª série a professora Carolina, efetiva da escola que sempre ministrou aulas para a aluna, utilizava-se de muitos desenhos e isso facilitava a aprendizagem.

Eu sofri muito quando a professora engravidou e tirou licença porque houve muitas trocas de professores, muitos não tinham consciência e utilizavam muito da escrita no quadro, usavam somente a oralização, não usavam desenhos e imagens como a professora Carolina e isso atrapalhava porque eu não estava acostumada”.

Ao usar o exemplo de uma aula anterior no qual a professora utilizou-se de uma paródia musical para ensinar o conteúdo, pergunto a Carla se ela gosta destas metodologias que envolvam música e dança. Ela me responde que gosta, mas que música ela não percebe, não sente nada, ela reconhece que existem alguns surdos que sentem a música, mas ela não sente absolutamente nada sinalizando com bastante ênfase em seus ouvidos.

É interessante ressaltar que na pergunta, a sinalização utilizada para a percepção musical é feita por meio do sinal SENTIR executado no peito e a mesma enfatiza que

não escuta nada, sinalizando nos ouvidos. Esse é um dado importante, pois talvez para ela o conceito de música advém da concepção das pessoas ouvintes que escutam o som através do aparelho auditivo e não através do corpo, como é possível, e esta marcação do sinal de “NÃO ESCUTO ABSOLUTAMENTE NADA” reforça esse pensamento que talvez por não ser exposta ao ensino alternativo da percepção musical a mesma não tenha claro o sentir da música através das vibrações e não apenas da audição.

Com relação à dança ela acha muito bonito e interessante, mostrou interesse em aprender para fazer igual, mas não porque sente a música. Perguntei se fora da escola ela já realizou ou realiza atividades como teatro, dança e etc, e Carla me disse que faz teatro na escola mesmo, porém, apenas em datas comemorativas como Dia dos Pais, Dia do Surdo.

Em uma conversa informal com a intérprete que acompanha Carla, a mesma me contou que ela é uma aluna muito ativa nas atividades da escola, inclusive nas que envolvem apresentações como teatro e etc. e que certa vez um professor explicava algo relacionado ao ritmo e Carla foi a única que identificava com facilidade e os demais alunos ouvintes não. Essa informação contrasta com a fala de Carla e demonstra que talvez ela não tenha clareza o que seria o conceito de música compatível com o que nós acreditamos ser.

Para terminar pergunto se ela pretende continuar os estudos quando encerrar o Ensino Médio e ela me diz que pretende prestar o vestibular para Direito, almeja ser perita criminal por influência de seriados americanos que a mesma assiste e gosta muito, ou pretende tentar o vestibular para Letras/Libras e futuramente ensinar a língua para alunos ouvintes. Faço uma ressalva que em ambos os cursos não há nada de desenhos, visto que a mesma me confessa que tem preferência por desenhar do que escrever.

Ela continuou me contando que mesmo assim pretende seguir as respectivas carreiras profissionais, ressaltou que se não passar no vestibular seus pais ficarão tristes e se passar eles ficarão felizes. Nessa sua última colocação, ficou nítido a pressão familiar que qualquer jovem cursando o último ano do Ensino Médio para adentrar a uma universidade passa e com a aluna não é diferente.

5.2.4 Entrevista com a intérprete Sueli

A intérprete Sueli tem 35 anos é formada no curso de Licenciatura em Geografia, tem certificação estadual para atuar na área, bem como uma especialização em LIBRAS. Início perguntando sobre a sua profissão, ela me diz que tem 13 anos dos quais os primeiros cinco atuou como professora em seguida decidiu atuar apenas como tradutora intérprete tendo 8 anos neste profissão.

Pergunto como foi seu primeiro contato com alunos surdos e Sueli me diz que sua mãe tem mais de vinte anos atuando na área da educação voltada para alunos surdos. Ela conta:

“Minha mãe atuava como professora em uma escola estadual situada no bairro Goiabeiras, depois ela foi convidada para ir trabalhar no CEAADA como professora e pediu para que a substituísse e eu não entedia NADAAA! Quando eu comecei a não entender nada, eu disse: eu preciso começar a aprender essa língua! então eu comecei a fazer vários cursos”.

A fala de Sueli retrata a realidade de muitos professores que iniciam seus estudos da língua, assim como ela, depois de passarem por situação semelhante, decidem fazer um curso de LIBRAS e acabam se apaixonando ou desistem por achar difícil.

Após a experiência, Sueli me conta que trabalhou na escola CEAADA como professora por três anos, foi quando decidiu atuar apenas como intérprete. Pergunto se a mesma já atuou em outras escolas além da atual e ela me conta que *“sim, em duas situadas no município de Várzea Grande¹⁵, onde aprendi muita coisa, e agora nesta”.*

Quando pergunto se a mesma percebe uma evolução na educação inclusiva dos surdos ao longo deste tempo Sueli me diz:

“Percebo sim, mas eu vejo que a escola depende do profissional, os profissionais envolvidos precisam ter a aceitação do aluno surdo, da inclusão em si, onde os professores precisam se organizar com relação ao material didático utilizado que precisa ser visual para contribuir com o surdo”.

Essa preocupação de Sueli com relação à aprendizagem do aluno sofre influência de seu curso superior bem como sua experiência como professora na área antes de atuar com intérprete, fica claro em conversas extraclases como a mesma entende o processo de aprendizagem do aluno surdo mediado pela visão, deixando sua preocupação nítida com tal quesito desde o início da entrevista.

¹⁵Município vizinho da capital mas inserido na metrópole de Cuiabá.

Pergunto como foi para ela chegar para trabalhar nesta escola, confessou que não foi difícil porque a Carla, estudante para qual ela interpreta, já estudava na escola desde a quinta série e como ela iniciou com a aluna no ensino médio, já tinha o acompanhamento de outro profissional, logo, já era inclusa na escola. Contou ainda que os alunos já sabiam sinalizar algumas coisas, os professores já estavam acostumados com a Carla procurando adequar métodos para ensiná-la, sendo um dos pontos que mais chamou sua atenção na escola.

Questiono Sueli sobre quais melhorias poderiam ocorrer para beneficiar os alunos surdos inclusos.

“Trazer um instrutor surdo pra cá, para que ele possa juntamente com os professores planejar um material adequado, um trabalho interligado com a língua de sinais, tendo um contato maior com esse instrutor surdo, eu acho que isso melhoraria muito a questão da inclusão”.

Novamente ela salienta a importância de um material de ensino adequado, entretanto dá-se a entender que, para a intérprete, o instrutor surdo tem como uma de suas funções planejar material, o que é errado, esse profissional tem como função o ensino da língua nas salas multifuncionais ou séries regulares. Contudo é preciso levar em consideração que este não tem formação de nível superior e desconhece sobre diversas questões relacionadas ao ensino, ele pode contribuir no sentido de tirar dúvidas ou de auxiliar em uma questão ou outra mas acredito que o planejamento do material utilizado deve partir do professor, esse deve buscar recursos que ele compreenda como facilitadores para a explicação do conteúdo e que contemple todos os alunos e não apenas ao surdo, caso não ocorra torna-se exclusão do mesmo jeito.

Aproveito para perguntar quanto ao estudo da LIBRAS na escola e Sueli me contou que há dois anos ela juntamente com a intérprete Juliana desenvolveram um trabalho forte sobre a inclusão na escola no projeto do governo conhecido como Sala do Educador. Trabalharam questões voltadas para cada tipo de deficiência dando ênfase na surdez, explicando como trabalhar da melhor forma bem como alguns sinais básicos para estabelecer a comunicação com tais alunos, alega que essa *“porta que foi aberta”* possibilitou aos profissionais uma aprendizagem com relação ao tema”.

Penso que tal ato só foi possível visto que ambas possuem nível superior em Licenciatura o que possibilita que tenham a visão dos dois lados, de intérpretes bem

como de professoras, além do que o nível superior traz consigo respeito dos outros profissionais da escola que muitas vezes têm não entendem o papel do intérprete e não respeitam tal profissional por acreditar que o mesmo não tem as mesmas obrigações que o professor, muitas vezes não tem formação de terceiro grau e tem remuneração semelhante de um professor.

Quando pergunto sobre a visão da intérprete sobre o olhar inclusivo da professora de biologia e o ensino dos conteúdos, Sueli respondeu que a professora percebe sim, conta que a mesma utiliza muitos desenhos, mostrando preocupação com a aprendizagem visual. Relata que constantemente a professora pergunta para Carla se ela entendeu, e caso ela tenha dúvidas vem até ela e explica várias vezes, “*se não tivesse ela ficaria apenas na oralidade, além de ir à carteira para perguntar se ela está fazendo certo ou não*”.

Pergunto a Sueli como é a convivência dela com Carla e como ela percebe essa relação, apenas de forma profissional ou vai além e ela nos contou:

“Na verdade, você convive com esse aluno, não deixa de ter um pouco de afinidade, mas precisamos trabalhar um pouquinho mais a ética, saber que o aluno não é nosso, é do professor, tanto que eu sempre digo a Carla pergunta para a professora e não para mim. Então, eu acho que todos os intérpretes que tiverem esta ética como educador ele começa a abrir um espaço para que esse aluno tenha realmente um contato com o professor, e isso eu aprendi na prática, eu tive colegas que faziam desta forma e eu aprendi com eles”.

O ato do direcionamento da pergunta para o professor é uma questão ressaltada frequentemente na profissão, muitos alunos surdos enxergam na figura do intérprete a de um professor auxiliar e acabam por confundir os papéis acreditando que o mesmo também tem o conhecimento da matéria, e sempre que tem dúvidas recorre ao profissional para saná-las. É preciso que o intérprete tenha a consciência, como Sueli, e oriente ao aluno para que as perguntas sejam feitas diretamente para o professor, para que fique claro para o aluno os papéis dentro de sala de aula.

Questionada se a disciplina de Biologia está entre as mais difíceis de se interpretar, ela nos respondeu que não a mais difícil. Para ela é a Física, compreender a matéria e ela ainda acrescenta que tudo que o intérprete não compreende torna-se mais difícil de interpretar, é necessário que ele entenda o conteúdo ministrado para poder interpretar para o aluno.

Como professor-pesquisador, percebo que a Biologia possui vários recursos visuais para auxiliar na compreensão dos alunos, contudo se não utilizados tornam-se muito complexos mesmo para os ouvintes. Talvez o fato de a professora possibilitar o uso de recursos pedagógicos facilite a aprendizagem do aluno bem como a atuação da intérprete em sala de aula.

Quando ela ressalta a questão da dificuldade de interpretar quando não se compreende, acredito que a profissional foi feliz em fazer esse comentário, faço uma analogia com a nossa profissão, quando não sabemos o conteúdo e precisamos explicá-lo sentimos certa insegurança, muitas vezes essa insegurança pode ser percebida pelos alunos ou não, no caso dos intérprete dificilmente essa insegurança irá passar despercebida visto que o uso de uma língua visual é extremamente expressivo, e o corpo por meio das expressões não manuais deixa explícito a dificuldade do intérprete. Logo, assim como dificilmente estaremos confortáveis explicando algo que não compreendemos, o intérprete terá dificuldade em interpretar algo que não compreende.

Aproveito para perguntar sobre o que ela acha de metodologias diferenciadas que envolvam música e dança para o ensino de conteúdos e a mesma acredita que é possível sim, conta que é normal na escola em que atua. Os professores aplicam e Carla participa, aproveita para citar a aula que presenciei, quando a professora levou uma paródia dos tipos sanguíneos e convidou um professor para tocar violão, explicou a letra relacionando com o conteúdo e cantou junto com os alunos ao mesmo tempo que Sueli interpretava a música para Carla que estava atenta a explicação e, em seguida, cantou em LIBRAS com os demais.

No final de nossa entrevista Sueli nos contou que acredita na inclusão, diz que muitos não acreditam, afirma que quando os profissionais envolvidos realmente querem ensinar o aluno, ele aprende, ela diz:

“Depende do aluno porque vemos em cada aluno a alegria da aprendizagem de cada palavra, cada significado, quando um aluno pergunta pra você: o que é Poncã? Ele não saber o significado daquela palavra é muito triste né! E quando você explica o que é, percebe a aprendizagem acontecendo expressada por meio da alegria. Para mim é um prazer estar nesta profissão. Meu esposo pede para eu deixar a profissão para ajuda-lo, mas eu não deixo, eu amo o que eu faço, eu acredito na inclusão verdadeira, que o surdo é capaz de pegar uma prova de biologia e responder sozinho sim, eu acredito no aluno que aprende”.

Nesta fala de Sueli fica nítida a satisfação em trabalhar com a educação bem como o relato de uma professora que mesmo desenvolvendo o papel de intérprete percebe sua importância no contexto escolar com relação ao ensino de uma língua, mesmo informal, como no exemplo citado. Acredito que esta visão de perceber a aprendizagem acontecendo advém do curso de nível superior que a mesma possui, proporcionando um aporte teórico pedagógico. Por fim, ela ressalta a questão da pressão familiar, talvez em razão da remuneração, pois muitos profissionais trabalham em dois ou três períodos, somando-se aí a falta de mão de obra qualificada. Essa cobrança familiar é natural em todas as profissões envolvidas no âmbito da educação e o profissional precisa saber conduzir esta situação para que não prejudique sua vida pessoal e, conseqüentemente, sua vida profissional também.

E Sueli ainda aconselha:

“Eu aconselho todos os intérpretes que estejam na área educacional que tenham uma habilitação em um curso de graduação em Licenciatura Plena para ter mais facilidade de interpretar para ser um professor intérprete e não apenas um intérprete”.

5.2.5 Observação na sala do aluno Pedro

A **primeira observação** na sala de Pedro aconteceu no dia 21/08, ele estuda o 3º ano na modalidade EJA noturno. As aulas aconteceram na mesma sala da turma da aluna Carla no período matutino. Cheguei junto com professora Carolina que me apresentou a intérprete Marcia e aos demais alunos, comentou que sou estudante de mestrado da UFMT e estou desenvolvendo uma pesquisa na escola com os alunos surdos. A sala estava com uma quantidade muito reduzida de alunos. Acomodei-me no mesmo local que no período matutino, entretanto não sabia onde o aluno Pedro costumava se sentar, percebi a ausência do aluno em sala, a professora logo me avisou que o mesmo trabalha e não havia chegado ainda para a aula.

A professora aguardou um pouco para que os demais chegassem para ela iniciar a aula. Os alunos começaram a chegar, inclusive Pedro, que se sentou no mesmo lugar que a aluna Carla, do lado esquerdo próximo à porta, ao seu lado uma senhora já de idade e a sua frente a intérprete que atua sentada na próxima carteira da fila de Pedro.

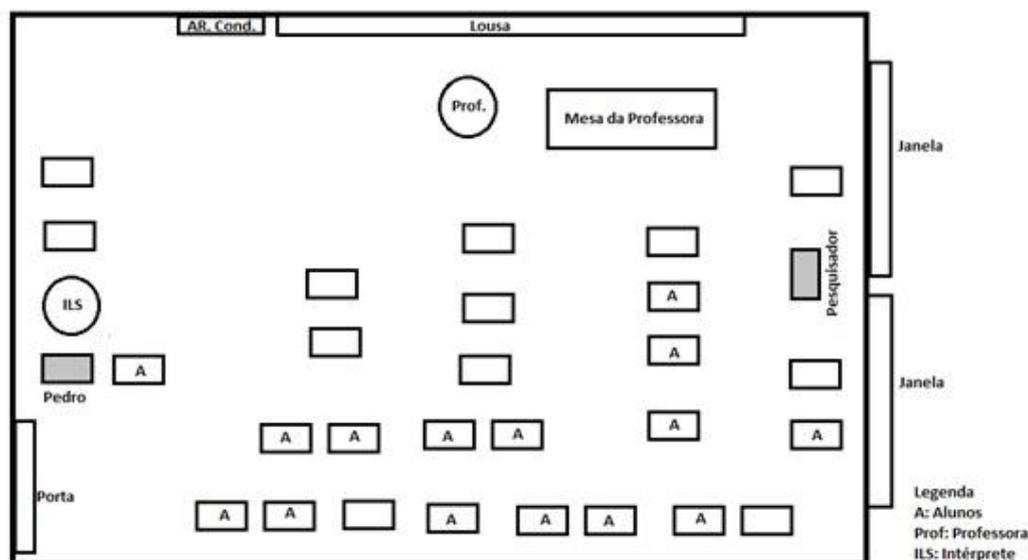


Figura 9- A organização da sala de Pedro. Fonte: Elaborada pelo autor.

Recordo-me que Pedro também participou por um tempo do projeto de extensão de Português para surdo oferecido na UFMT, e inclusive o mesmo faltava muito e alegava ser por falta de tempo e porque precisava trabalhar.

A posição que sentei para observação não me favoreceu, houve alunos que chegaram atrasados e sentaram entre nós, não permitindo uma boa observação do que falavam. Todavia, ficou claro que a intérprete é menos formal que a outra, assim que o aluno chegou, a mesma ficou conversando assuntos paralelos com ele, diferente da profissional do matutino que apenas traduzia o que a professora dizia, ou o que os alunos conversavam e interagiam.

Diferente da turma de Carla, a sala de Pedro tem muitos alunos com mais idade, contando com Pedro existem na sala apenas 5 alunos em uma faixa etária de 20 a 25 anos os demais aparentemente entre 30 e 60, totalizando no máximo uns 20 alunos.

Como Pedro chegou atrasado, as conversas paralelas entre os colegas aconteciam normalmente, a professora estava escrevendo o conteúdo na lousa e todos copiavam; diferente do que aconteceu na sala de Carla, a intérprete respeita a copia do aluno surdo e não interpreta as conversas para que o aluno possa se concentrar e copiar rapidamente.

A professora precisava passar no quadro e esperar para que todos copiem para apagar e dar continuidade, sua letra era muito grande e acredito que a mesma faz isso para facilitar que todos enxerguem o que está escrito, o conteúdo era sobre o Reino

Plantae. Ao acabar de passar a matéria à professora indicou uns exercícios a serem feitos, fez a chamada e a aula terminou.

O tempo de aula do noturno realmente é muito rápido, apenas 40 minutos e se considerar a espera da professora para que todos chegassem poderíamos colocar apenas 35 minutos.

A segunda observação aconteceu na semana seguinte, dia 28/08, chegamos à sala e Pedro não se encontrava novamente. A professora iniciou a aula com a chamada e, posteriormente, deu início a explicação do conteúdo e Pedro chega.

Pedro chegou cumprimentou a senhora que senta ao seu lado, aparentemente sua única amiga que o cumprimentou de volta. Percebi que ambos conversam por intermédio da intérprete. A professora chamou a atenção do aluno quanto a seus atrasos, como faria com qualquer aluno, pediu para que ele abrisse o caderno na copia da aula anterior que ela estava explicando o que foi copiado.

Carolina retomou a explicação de forma resumida para Marcia para que ela pudesse introduzir o aluno atrasado. Diversas vezes percebi conversas paralelas entre o aluno e a intérprete. Quanto a minha presença, assim como na outra turma acredito que não intimidou os alunos e nem a intérprete.

Durante as explicações, a professora utilizou de desenhos no quadro para explicar e, constantemente, perguntava para Marcia se o aluno estava entendendo, uma atitude que me causou estranhamento visto que no período matutino a mesma dirigia-se diretamente a aluna, entretanto para Pedro o tratava na terceira pessoa.

A intérprete também fez uso de explicações paralelas para que Pedro compreendesse a matéria, em alguns momentos ela fugia da tradução da professora para diversificar em exemplos que ela elaborava para que o aluno conseguisse compreender a matéria.

Muitos dos exemplos usados pelos professores recorrem a suas compreensões pessoais que estão estritamente ligadas a uma aprendizagem oral-auditiva e nem sempre contemplam o aluno surdo, o intérprete precisa pensar rapidamente em uma forma visual para que o aluno compreenda a explicação necessitando, às vezes, de recorrer a exemplos que visualmente sejam significativos para o aluno.

A professora Carolina se mostrou preocupada com a aprendizagem do aluno surdo visto que constantemente perguntava a Marcia se ele tinha dúvidas. Entretanto percebi o desespero da mesma quanto ao tempo para o término da explicação do conteúdo. Não percebi diferenciação de tratamento da professora para com o aluno surdo e os demais, ela os tratou como iguais o tempo todo.

A professora passou uns exercícios de tarefa para os alunos, todos reclamaram, alegaram não ter tempo para fazer dentre outras coisas, neste momento reparei que Pedro conversava com Marcia sobre assuntos aleatórios, bem como com a senhora que se senta ao seu lado, a aula já estava bem no final. Ao concluir as explicações a professora aguardou o sinal para trocar de sala.

A terceira observação aconteceu no dia 11/08. A professora começou com a correção dos exercícios do conteúdo dos vegetais. Percebi que as aulas são muito corridas devido ao tempo disponível para cada matéria, compreendendo a pressa da professora e o pouco tempo me fez refletir se será possível a aplicação da metodologia.

Pedro já estava na sala, contudo muitos alunos ainda não haviam chegado. A professora iniciou a correção dos exercícios no quadro e foi explicando um a um. Ao fim de cada explicação perguntava aos alunos se todos entenderam e a Marcia se Pedro entendeu. Ficou claro que ela não o trata da mesma forma que a aluna do terceiro ano matutino, não sei se a falta de tempo é o fator crítico, ou se as ausências e atrasos do aluno alegadas pela professora e comprovadas nas observações anteriores ou pelo cansaço de final do dia. Entretanto, percebi que ela o tratava sempre na terceira pessoa. Em um momento Pedro apresentou uma dúvida e falou com a intérprete, que o orientou a perguntar para a professora.

Pedro perguntou a Carolina, por intermédio da intérprete, que respondeu para ele tentando explicar com o auxílio de um desenho iniciado pela professora. Ao fim da explicação ela perguntou novamente para Marcia se o aluno entendeu.

Uma situação muito frequente é quando o professor é ouvinte e não usa a LIBRAS os alunos surdos costumam colocar suas indagações, objeções e argumentos ao intérprete. Neste caso, o intérprete de Língua de Sinais deve esclarecer, antes das aulas, que toda dúvida ou colocação deve ser dirigida ao professor, sob pena de perder conteúdos importantes e adquirir informações equivocadas. Isso se deve ao fato das

pessoas surdas se sentirem mais à vontade em dialogar com usuários de sua língua (MARQUES 2007).

A senhora sentada ao lado dele interagiu com o aluno quanto ao conteúdo e com auxílio da intérprete, comentou a respeito de comprar algo que a senhora vende além de interagirem sobre a resolução dos exercícios passados pela professora.

Na sala estão presentes dois alunos, jovens como o Pedro, que não param de conversar e fazer piadas durante a aula enquanto a maioria concentra-se para aprender as atividades. Estas conversas dificilmente foram interpretadas para Pedro. Não percebi interação do aluno em sala com colegas a não ser com esta senhora.

Ao final a professora anunciou que o conteúdo estava terminando e que iriam iniciar o conteúdo de genética na próxima aula. Na saída ela me contou que a turma é bastante atrasada em relação ao matutino que já está terminando o conteúdo que eles ainda nem começaram a estudar, ela contou que este tempo de 40 minutos é muito curto.

5.2.6 Entrevista com o estudante Pedro

Pedro tem 21 anos é surdo devido seu nascimento prematuro, nasceu de sete meses e permaneceu na UTI neonatal de sua cidade até completar os nove meses, sua mãe era muito jovem quando deu a luz. Ele conta que o médico já havia diagnosticado a surdez e informado a família, que se entristeceu quando recebeu a notícia, mas não se deixou abalar.

Ele estuda o terceiro ano do Ensino Médio na modalidade EJA no período noturno, conta que nasceu no Paraná, e ao completar três anos de idade sua família procurou ajuda de uma fonoaudióloga para que começasse a aprender oralizar e compreender as palavras, mas o mesmo alega que não compreendia nada. E em sua casa ninguém possuía, e ainda não possuem com exceção de um tia, conhecimento da LIBRAS, a comunicação se dava por meio de mímica, símbolos e sinais combinados entre eles. A realidade de Pedro é mais comum do que se pensa, a maioria dos surdos nascidos em famílias de ouvintes comunica-se por meio de sinais combinados e aprende a LIBRAS apenas quando ingressa na escola.

Pedro conta que seus pais eram separados e foi nesta época que o pai decidiu mudar-se para São Paulo com sua família e pede para leva-lo junto, para que o menino tivesse mais opções de tratamento e de educação adequada tendo a avó paterna grande influencia nesta decisão, entretanto, sua avó materna insistiu para que o menino permanecesse com a família materna, assim como a mãe do garoto insistiu para que ele ficasse, alegando que se menino crescesse longe de seus cuidados ela ficaria muito triste.

Com o falecimento de sua avó paterna seu pai mudou-se para São Paulo sozinho e confiando na palavra da avó materna e permite que o menino fique aos cuidados da família materna, neste período Pedro conta que sua mãe ingressou na faculdade, posteriormente formando-se em Pedagogia e trabalhando para auxiliar a família com as despesas. Pedro ressalta que sua família materna era de origem muito humilde, sua avó apenas cuidava da casa e seu avô agricultor de pequeno porte. O estudante também citou a presença de uma tia que vivia com eles e que ajudava a cuidar dele, afirma ter muito apreço pela tia e rapidamente prontifica-se em dizer que essa tia havia estudado apenas o ensino fundamental e que também estabelecia a comunicação por meio da mímica com ele.

Quando Pedro completa seis anos, sua família muda-se para a cidade de Nova Mutum, interior de Mato Grosso a 303 Km da capital Cuiabá, idade na qual ele ingressa na “escola ouvinte” como ele nos coloca. A professora usava apenas da oralização em suas aulas e ele não conseguia compreender nada, ele enfatiza a falta de comunicação dele com os demais. Então sua tia procurou outra fonoaudióloga na cidade para retornar o tratamento

“Eu ia à escola e a professora oralizava, oralizava, oralizava e eu não entendia nada, ficava boiando, não havia comunicação, então minha tia me levou na fonoaudióloga e eu oralizava, oralizava, oralizava era muito sofrido”.

Pergunto se a família cobrava muito para que ele aprendesse a oralizar e ele me explica que não, sua família tinha consciência da dificuldade e do sofrimento que era para ele aprender a falar e não cobrava dele como em muitos casos nos quais as famílias cobram das crianças que falem corretamente, sempre corrigindo sua oralização e acabando por frustrar estas crianças, outras exigem até que as mesmas comuniquem-se apenas oralmente proibindo a utilização dos sinais dentro de casa, mas a de Pedro não o fazia.

Os surdos passaram por uma fase crítica com relação a sua aprendizagem, durante o período do 2º Congresso de Milão, e até hoje ainda existem famílias que adotam tais concepções de que os surdos serão melhor compreendidos se aprenderem a oralizar corretamente e assim conseguir se passar como uma pessoa ouvinte, o que acredito ser totalmente errado.

Pedro diz que a fonoaudióloga havia conversado com a família e explicado que era um processo lento e difícil, que não acontecia rapidamente e que todos deveriam ter paciência. Pergunto, ainda, a Pedro se até então já havia tido o contato com a LIBRAS e o mesmo alegou que não, era apenas oralização e mimica, nos diz que até hoje sua comunicação familiar é por meio da mimica, mesmo após a aprendizagem da língua, na qual conversa apenas com a tia e que com os demais a mimica prevalece.

O aluno diz que ficou nesta cidade até os onze anos quando sua tia mudou-se para capital e o trouxe para morar com ela. Indago novamente se o mesmo já havia tido contato com LIBRAS, se já sabia algo e ele afirma que não, fica claro que sua aquisição de uma língua até então era nula. Pedro até o ano de 2004 não possuía uma língua, apenas mímicas que auxiliavam como uma linguagem para comunicação. Foi então que, como nos conta Pedro, sua tia procurou uma escola na capital e a informaram que existia o CEAADA e Pedro relatou seu primeiro contato com a língua de uma forma emocionante:

*“Eu e minha tia estávamos no CPA¹⁶ perguntando sobre essa escola CEAADA, mas não tínhamos noção de como era, perguntamos a uma senhora que nos informou o endereço e como estávamos de moto fomos até lá sem imaginar que era uma escola especial, quando entramos que olhamos no pátio da escola levamos um susto pois todos eram surdos, ficamos parados olhando todos se comunicarem em sinais, nem minha tia que é ouvinte sabia que existia uma escola para surdos, naquele momento percebi que existiam muitos outros iguais a mim, eu fiquei parado observando anestesiado com a situação, nesse momento veio uma criança e pegou na minha mão se apresentou e disse que era surda como eu. Não conseguia me mexer, eu percebia os outros se comunicando e eu não entendia nada, estava em **silêncio** observando o que acontecia a minha volta, percebi que muitos usavam o aparelho auditivo como eu, mas eu não sabia me comunicar através da LIBRAS.*

Pedro usa o termo silêncio para o sentido conotativo de paralisia provocado pelo choque, pela surpresa do acontecido e não simplesmente por se calar, não emitir som e isso é muito tocante, pois ao nos colocarmos no lugar de Pedro em tal situação

¹⁶Centro Político Administrativo- CPA bairro da região norte da capital Cuiabá.

compreendemos que aquele momento foi a descoberta da não solidão, de saber que existiam outros iguais a ele.

Após ser matriculado na escola Pedro não sabia LIBRAS, apenas mímica e tinha muita vergonha, todos perguntavam qual era seu sinal e o mesmo não entendia o que significava, foi quando um funcionário surdo da escola, com mais ou menos 30 anos, perguntou seu nome e ele conta que não entendeu nada visto que não sabia fazer nem datilologia, o funcionário perguntou na secretaria posteriormente dando-lhe o sinal, mas aquilo não fazia sentido pra ele.

Para Bakhtin (2003) os signos são ideológicos e emergem da interação social, sem a interação com o outro, não se constitui signos. Decorrente do fato de Pedro nunca ter interagido em sua língua natural, muitas coisas não faziam sentido para o aluno, que não compartilhava daquela língua até então.

Nas perspectivas culturais surdas existe a tradição de batizar os nomes dos membros em língua de sinais como exemplifica Dalcin (2006, p.205 apud Strobel 2013, p. 79) *“os surdos eram batizados por outros surdos da comunidade, através de um sinal próprio e que esse sinal seria a identidade de cada um na comunidade[...]a comunidade surda não se refere às pessoas pelo nome próprio, mas pelo sinal recebido no batismo, quando o surdo ingressa na comunidade”*. As crianças perguntavam constantemente qual era o sinal de Pedro e de repente ele associou com o movimento realizado pelo homem.

A convivência com os alunos surdos foi trazendo um sentimento de felicidade e de vontade de aprender que foi crescendo a cada dia, Pedro diz que a curiosidade para aprender os sinais motivava seu aprendizado.

“Eu aprendia os sinais na escola e corria em casa para ensinar minha tia que não tinha conhecimento nenhum sobre a língua, depois ela comprou um pequeno dicionário de LIBRAS e começou a estudar e nós íamos aprendendo juntos, ela me ensinava os sinais do livro e eu ensinava os sinais que aprendia na escola, , era muito bom e divertido.”

Essa troca de aprendizagem por meio da interação, como Vigotski (1989) já discutiu, não acontece apenas em sala de aula mas em qualquer situação interativa entre os sujeitos, assim como neste exemplo relatado por Pedro aprendendo concomitantemente com sua tia.

Pedro nos conta que estudou na instituição até os 15 anos, teoricamente até a 4ª série, e que mesmo tendo onze anos ele não era o mais velho da turma, existiam alunos mais velhos e que todos eram quase do mesmo tamanho e que as séries escolares eram muito confusas. As observações na escola citada pelo aluno nos fez perceber que nos dias atuais muitos ainda atuam da mesma forma, os alunos continuam chegando com idades muito variadas e cada um com um contexto histórico diferente.

Posteriormente, ele ingressou em uma escola inclusiva e foi surpreendido novamente com a questão da forma diferenciada do ensino, ele explica:

“No CEAADA não tínhamos a cobrança de conteúdo, tínhamos aprendizagens ligadas às questões da Língua, Cultura Surda, Alfabetização. Eu não tinha compreensão das diferenças das séries de ensino e quando ingressei na escola para ouvinte assustei porque a cobrança é muito maior, os conteúdos são muito aprofundados e na escola anterior era muito superficial”.

Pergunto se a escola na qual ele entrou era de fato inclusiva e Pedro me diz que mais ou menos, primeiro ele explica que teve muita dificuldade pela escola cobrar muito a aprendizagem conteúdista, na escola anterior não era assim, ele ainda diz:

“Os professores diziam que os Deficientes Auditivos aprendiam como os ouvintes e a intérprete explicava que não, que eu era surdo que tinha uma cultura diferente, uma forma de aprender e experienciar diferenciada dos ouvintes e principalmente uma língua diferente, logo não éramos iguais”.

Quando Pedro faz tal afirmação entendo que o professor afirmava que independente de ser surdo ou ouvinte os alunos possuem o processo cognitivo em perfeito funcionamento, contudo para Pedro o aprender está relacionado aos canais receptivos bem como os aspectos culturais que de fato divergem.

Em seguida o mesmo entrou na atual escola, pergunto se ele acredita que essa seja de fato inclusiva, e ele me diz que de certa forma sim, alguns professores ensinam de forma atenciosa, os intérpretes auxiliam,. Quando pergunto sobre as aulas de Biologia, se o mesmo gosta da matéria? ele me responde que não, diz que se interessa apenas por matérias que envolvem línguas como Português, Inglês e LIBRAS as demais ele não gosta. Vale ressaltar que os surdos em sua maioria não gostam de estudar a Língua Portuguesa, apresentam grande dificuldade com a escrita da língua.

Ele me explica que o português é necessário para se comunicar com os ouvintes, que quando necessita de mandar e-mail ou mesmo falar com pessoas que não conhecem a LIBRAS é preciso usar o português na forma escrita, ele alega que português é uma

língua que precisa ser estudada a fundo para os surdos, que é difícil mas que é necessária.

Pergunto sobre a professora responsável pelas aulas de Biologia e o aluno me diz que adora a professora que acha ela elegante e que a mesma tem uma atenção diferenciada para com ele:

“Quando a professora explica e eu não compreendo ela vem até mim e explica a matéria olhando para mim com o auxílio da intérprete, existem outros professores que quando digo que não compreendi eles respondem para a intérprete que infelizmente por conta do tempo não poderão parar para explicar e precisam continuar a matéria”.

A fala de Pedro contradiz a observação que fiz em suas aulas. Entretanto, é preciso considerar que nossa observação aconteceu apenas no período de um mês, e nas demais aulas foi perceptível a relação da professora com as alunas de forma direta.

Outra dificuldade apontada por Pedro é com relação aos profissionais intérpretes que explicam de forma muito resumida, ou confusa, alguns estão ali apenas para ganhar seus salários, não estão preocupadas com a aprendizagem dos alunos surdos, aproveito e questiono quanto a intérprete que o acompanha, Márcia, ele me diz que ela é uma boa profissional e ambos se dão muito bem, conta que no início os sinais que a mesma utilizava eram diferentes pelo fato de que ela veio de Campo Grande- MS, e que no início a aprendizagem era mútua porque ele ensinava os sinais regionais enquanto ela interpretava o conteúdo para ele.

Um grande problema que temos encontrado nas escolas inclusivas são os sinais, ou a falta deles, para explicar os conteúdos, o que causa a necessidade de resumir a explicação para simplificar-la ou de criar novos sinais combinados entre intérprete e aluno surdo. Porém, ao trocar de profissional, o aluno muitas vezes necessita ressignificar os sinais ou recombina-los para que possa compreender o conteúdo, fato prejudicial para o aluno que está em constante mudança de escola ou de intérprete. Esse problema atinge o Brasil todo em razão da LIBRAS ser uma língua muito nova.

Pergunto se Pedro tem amigos na escola ele me diz que tem alguns, mas a que ele realmente gosta é uma senhora que senta perto dele nas aulas e que conversa de forma calma e tranquila com ele, os demais falam muito mal dos outros e diz que alguns até têm preconceito com ele, com alguns ele até conversa, mas não com todos, ele diz que sua amiga tem paciência, o ajuda nas atividades e etc. Pergunto se quando ele encontra

os amigos fora da escola ele interage com os mesmos e Pedro me conta que somente quando percebe que as pessoas estão de bom humor ou que dão abertura para um diálogo, do contrario ele não conversa com elas.

Ao perguntar sobre o que ele acha a respeito de aulas inclusivas que tenham elementos como danças e músicas , Pedro me diz que não gosta porque é surdo profundo, não escuta nada, ele explica:

“Eu sinto as vibrações músicas, mas não me influenciam em nada, diferente dos ouvintes e dos deficientes auditivos que percebem a música e gostam, existem surdos que gostam de música e outros que não gostam, como por exemplo, eu sinto as batidas da música através de vibrações como quando buzina eu sinto, mas não é uma coisa que eu goste, eu não gosto. A dança é a mesma coisa, eu acho muito bonito de ver e fico querendo copiar mas por achar bonito, não por sentir uma emoção musical que me faça querer dançar, apenas por achar bonito e querer copiar.”

Sá(2008) ressalta que as dissonâncias que surgem quando comunidades ouvintes e surdas se encontram é que, muitas vezes, os ouvintes pensam que os surdos “devem” apreciar a música como eles apreciam e os surdos pensam que os ouvintes estão encontrando mais uma forma de ressaltar sua “falta” ou de fazer com que os surdos sejam como eles.

Na sua fala Pedro deixou claro que sua percepção quanto a música existe, contudo diverge das pessoas ouvintes. Enfatizou a questão emotiva dos ouvintes com a música que com ele não ocorre, o que nos leva para a discussão da percepção da musicalidade para os ouvintes, algo além da percepção mecânica sonora, relacionada às sensações prazerosas, algo que Pedro reconhece que os ouvintes possuem, e como pesquisador acredito que nem todos os surdos consigam visto que essa deve relacionar-se principalmente com o querer do aprendiz e posteriormente com as possibilidades relacionadas em grande parte ao sistema auditivo.

Pedro nos conta, ainda, que gosta muito de cinema e faz comparações com ouvintes:

“Eu adoro cinema de preferência filmes de ação e terror. Os ouvintes gostam de ir ao cinema porque os filmes têm músicas bonitas, já os surdos gostam de filmes de ação e terror porque nos tiroteios sentimos as vibrações do som que representam as armas assim como nos filmes de terror a cada cena de susto sempre sentimos a vibração e assustamos, é muito legal, eu gosto muito de ir ao cinema.”

Pergunto para ele, por último, se pretende cursar a universidade e dar continuidade nos estudos e Pedro me diz que sim, pretende fazer vestibular para o curso de Letras

LIBRAS por acreditar ser um vestibular visual, ele diz que fazer provas escritas para ele é muito difícil, que prestará apenas para esse curso por confiar que tenha uma prova diferenciada onde as questões serão feitas em LIBRAS.

Novamente transparece na fala a dificuldade da escrita da Língua Portuguesa apresentada pelos surdos e a preferência pela permanência em sua zona de conforto, o uso das imagens como forma de expressão. Percebemos a necessidade do bilinguismo que poderia contribuir para uma melhora muito significativa na aprendizagem desses alunos ou ao menos uma SEM já ajudaria muito no caso desta escola.

5.2.7 Entrevista com a intérprete Marcia

Marcia tem 29 anos trabalha há 6 anos como intérprete e é formada em pedagogia. Começo a entrevista perguntando como ela iniciou sua carreira profissional, se a mesma sempre almejou ser intérprete e ela me diz: *“de jeito nenhum!”*. Contou que era balconista em uma loja e cursava a faculdade em uma cidade pequena, próxima ao município de Naviraí, em Mato Grosso do Sul-MS, quando um amigo que trabalhava com ela disse que iria iniciar o curso de tradutor intérprete com sua irmã e ambos a convidaram para assistir uma aula, era um curso pago, oferecido por uma professora da cidade vizinha que tinha acesso a alguns professores surdos que ministravam o curso nas cidades próximas da região, sendo a de Marcia a primeira turma naquela cidade.

Ela nos contou que a professora montou uma escola para levar essa língua para os municípios menores do interior para que todos tivessem acesso às crianças surdas da cidade visto que ela era uma antiga professora que atuou no município e, posteriormente, mudou-se para Naviraí. Esta professora acompanhou alguns surdos no período escolar. Todavia, por ela desconhecer a língua quando eles cursavam a 1º série, percebia que havia comprometimento da aprendizagem.

Ao se mudar ela começou a ir com frequência para Campo Grande, capital de MS, para qualificar-se para, posteriormente, desenvolver o trabalho com os cursos como o que a intérprete cursou.

Então, Marcia, curiosa foi assistir a uma aula e ao chegar ela diz:

“Quando fui à minha primeira aula eu fui bem curiosa e pensava: Ah!, vou lá para ver como que é, como funciona conversar com as mãos! Cheguei lá eu me apaixonei e fiz um ano de curso.”

Quando ela usa essa expressão “*Conversar com as mãos*” é como popularmente as pessoas que não têm conhecimento na área referenciam a LIBRAS, ou mesmo a denominam como mímica. Entretanto, a língua vai muito além do uso apenas de sinais com as mãos, envolvem elementos gramaticais, semânticos, sintáticos e necessitam de expressões corporais e faciais.

As línguas de sinais são, portanto consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem. Stokoe, em 1960, percebeu e comprovou que a língua dos sinais atendia a todos os critérios linguísticos de uma língua genuína no léxico, na sintaxe e na capacidade de gerar uma quantidade infinita de sentenças. (QUADROS E KARNOPP 2004 pag. 30.)

Foi então que Marcia se mudou para Campo Grande, já existia uma necessidade muito grande de profissionais no mercado de trabalho. Trabalhou por lá e retornou para sua cidade natal. Então, no período vespertino começou a interpretar para uma menina no quinto ano e a noite para três surdos: uma de 57 anos, outro de 47 e outro de 32 anos de idade. Todos cursando ensino fundamental.

Ela explicou que alguns destes alunos foram os antigos alunos da professora que ministrou o curso de LIBRAS para Marcia, ela nos conta que quando a professora ministrante mudou-se da cidade todos haviam parado de estudar, as famílias os retiraram das escolas visto que alegavam que os demais professores, bem como os funcionários não os compreendiam, não havia comunicação entre eles.

Esse relato nos remete a uma época não muito distante onde iniciava-se os trabalhos inclusivos nas instituições públicas e as escolas. Poucas eram as instituições que de fato eram comprometidas com o processo educativo dos alunos, os funcionários não tinham o conhecimento de hoje, que ainda não acreditamos ser o ideal. Se hoje enxergamos grandes dificuldades no processo inclusivo, antigamente era muito pior.

Quando retornou para a cidade para trabalhar, precisou fazer um trabalho juntamente com a sua chefe, a responsável pela educação especial do município, de

visitar as famílias dos alunos surdos que haviam parado os estudos e explicar a nova proposta metodológica para a educação, bem como a disponibilidade da profissional intérprete, e todos aceitaram voltar.

“Só que assim... Eu acho que cada intérprete.... eu acho que tem um.... tem intérprete que realmente quer o dinheiro que diz : “ Ah não, isso é só uma profissão e acabou, e tem os intérpretes que realmente amam aquilo que fazem, se identificam com aquilo que fazem!”

Nesta fala é perceptível que Marcia tenta organizar suas ideias para explicar a questão dos intérpretes que trabalham apenas pela remuneração, e outros, que vão além da profissão, realizando muitas vezes funções que não fazem parte de suas obrigações como profissional. Penso que esta posição deve ser uma escolha de cada um e, portanto, respeitada, visto que precisamos encarar o profissional da Educação como outro qualquer. Esse olhar paternalista da responsabilidade do fazer mais é de cada um, logo não podemos julgar as pessoas que trabalham apenas por remuneração.

Então, Marcia começou a interpretar para esses alunos que eram mais idosos e, posteriormente, trouxeram outros três amigos surdos para escola, porque perceberam que estavam avançando na aprendizagem, que conseguiam aprender. Marcia acompanhou todos.

“Eu acompanhei eles e eles foram indo... e isso é uma gratificação tão grande, não pelo dinheiro, mas por você estar ali com eles e você perceber o quanto eles são capazes, o quanto eles são inteligentes e pararam no tempo.”

Ela ainda relatou a experiência de um aluno de sua cidade que marcou sua carreira:

“Dentre os alunos para os quais já interpretei tem um que eu sinto muito orgulho, ele iniciou seus estudos com 23 anos e agora esta formando no Ensino Médio, então assim... é muito gratificante, demais da conta, saber que você está ali fazendo um trabalho; porque eu tive que montar material para eles, porque na época não existia sala de recursos na época porque lá era tudo cru!”

Após esse depoimento fiquei na dúvida e questioneei Marcia se ela era intérprete ou professora deste aluno e Marcia nos conta que fazia um trabalho diferenciado, era intérprete, entretanto os sinais dele – aluno, eram muito caseiros, logo ela precisou ensinar LIBRAS, “eu tinha que ensinar a Língua Portuguesa, assim a professora passava na lousa, eles copiavam porque eles eram copistas, entretanto não entendiam o que copiavam.” Sendo assim, Marcia diz que pegava um livro colocava figura o nome e

o sinal, e trabalhava desta forma para eles entrarem no que, na entrevista, ela denominou “*mundo do português*”.

Ela nos contou que esse trabalho foi realizado no ano de 2000/2001. Era feito no horário das aulas de Educação Física além de horários vagos dentro da aula onde a professora regente instruía a Macia para ensina-los a LIBRAS.

“De nada me adiantava e nem adiantava para ele, eu chegar lá e começar a sinalizar, vou ganhar meu dinheiro, vou interpretar e mais nada se ele não compreendia a LIBRAS.”

Esse relato de Marcia nos mostra o quanto era precário o início da educação inclusiva, e muitos intérpretes precisavam assumir a profissão de professores para o ensino da LIBRAS, essa realidade não está muito distante do que vivemos nos dias de hoje, ainda existem muitas escolas que o professor não sabe como atuar no ensino da Língua Portuguesa, bem como a escola não conta com o apoio das Salas de Recursos Multifuncionais-SRM, deixando o profissional intérprete em uma situação muito difícil, tendo que este assumir o papel do ensino.

Percebo que essa grande preocupação com a aprendizagem do aluno que Marcia apresenta deve ser atribuída ao fato de ser pedagoga, o que lhe proporciona uma visão diferenciada com foco na aprendizagem, na alfabetização e no letramento do aluno. A intérprete já atuou na área da Pedagogia, possui conhecimento específico. Entretanto, existem casos nos quais os intérpretes não têm a formação necessária, possuem apenas nível médio e precisam proceder da mesma forma, questiono-me como deve se participar da aprendizagem de tais alunos.

Após seu relato de experiências anteriores perguntei a Marcia se a mesma considera a escola pesquisada inclusiva, ela me responde que sim, os professores que ela tem contato em sala de aula questionam, perguntam se o Pedro está entendendo, as atividades levam em consideração a aprendizagem visual de Pedro, sendo assim, em vista das escolas que Marcia já atuou ela considera a escola de fato inclusiva.

Questiono o que poderia melhorar pensando em uma educação inclusiva para os surdos, ela diz:

“Eu acho que deveria ter uma sala multifuncional para eles aqui por que: como eu sou nova aqui eu percebo que esse é um bairro muito afastado tem

muitos surdos por aqui, tem surdos no Pedra 90¹⁷, tem vários surdos por aqui.

Então o que acontece: fazendo um polo, que seja esta escola ou a outra, fazendo uma sala para eles virem e poderem estudar para ter mais conhecimento, porque a LIBRAS esta a cada dia se desenvolvendo mais ainda, Graças a Deus por isso, e não tiver lugares para eles virem e se desenvolverem e aprenderem mais, não vai ter como falar para eles: “ ah você esta pronto para o mercado de trabalho! Não vai.”

Ao perguntar se Marcia já trabalhou em escolas que tinham aulas de LIBRAS no contra turno, ela nos contou que sim, no Mato Grosso do Sul, conta que os meninos estudavam de manhã faziam o contra turno atarde e os que estudavam a noite escolhiam ou manha ou tarde. Esse contra turno acontecia, ela explica:

“Eu trabalhava na sala de recurso, então o que nos fazíamos: separávamos por idades ou por grupos, então eu preparava as aulas e atividades para recebe-los e ensina-los... nessa época eu estava apenas disponibilizada para a sala multifuncional e não atuava como intérprete, porque não pode por exemplo, uma pessoa ensinar e interpretar ao mesmo tempo, você precisa ter todo um conhecimento antes, saber e preparar as aulas para ensina-los porque se você chegar no “Cru” eles perguntam, perguntam e perguntam e sua cara vai lá no chão![risos].”

Marcia relatou que Pedro na eleição para diretor passada pediu para os dois candidatos envolvidos no processo uma sala multifuncional para a escola, falou que eles sentem a necessidade, porque tinha que ir para UFMT para estudar português¹⁸, confessou ser uma necessidade muito grande dele. Desconfiada da informação, Marcia conversou com a Juliana, que confirmou sua veracidade.

Pedro alegava que os ganhos da sala não seriam só para ele, mas a Julia, que é a aluna que ele tem mais contato, e, segundo ele, precisa da matemática, do português, da geografia ou alguma outra matéria e que a sala contribuiria com o desempenho dos alunos. Marcia alegou ser difícil tal possibilidade. Não apenas na escola, mas em toda a cidade, olhar a inclusão em si realmente e abrir os olhos em relação a isso, a mesma afirmou que há muita dificuldade do reconhecimento de tal necessidade.

Em uma conversa informal com uma das Coordenadoras da escola perguntei sobre a questão da sala e a mesma disse que a escola já havia solicitado, porém a mesma não

¹⁷ Bairro próximo a região da escola.

¹⁸ Pedro e Carla participaram de um projeto de extensão da Universidade Federal de Mato Grosso coordenado pelo Professor Anderson Duarte que ensinava Língua Portuguesa para surdos em Libras, curso pioneiro no estado de Mato Grosso no qual fiz parte por um tempo, auxiliando o professor.

tem espaço físico para criação da sala. A escola é recém-construída e dotada de poucas salas. Ela nos conta que precisaram improvisar uma sala em um corredor para que o projeto Mais Educação pudesse acontecer. Expliquei sobre a importância da sala essencialmente para o aprendizado da LIBRAS e a mesma alegou ter consciência, mas que sente-se de mãos atadas devido a falta de estrutura da escola.

Enfocando mais as aulas de biologia, questiono a opinião de Marcia se de fato são inclusivas e ela me conta que não muito, alegando que faltam recursos visuais para auxiliar a compreensão de Pedro, um livro, um Datashow, ou alguma coisa, ela salienta que já trabalhou na sala multifuncional e sabe como acontece o processo de aprendizagem dos alunos e de suas necessidades visuais, o que Marcia acredita ser a base de tudo.

A intérprete alegou essa falta nos professores, em geral, e não somente com a Biologia, ela conta que os professores os incluem com indagações, estão sempre atentos à sua aprendizagem, mas ainda falta um material visual para melhor aprendizagem dos alunos. Contudo, Marcia reconhece que no caso de Pedro que estuda na EJA, o tempo é muito curto, as aulas têm duração de apenas 40 minutos, um fator que não colabora para aulas diferenciadas.

A intérprete alega, com base na sala de Pedro:

“É o que acontece o professor de filosofia/sociologia ele traz bastante documentário, passa, então assim e algo que fixa. Se for fazer uma prova ou algum questionário para ele, ele vai saber responder porque ele fixou pela imagem, ele visualizou alguma coisa. Agora na LIBRAS, eu interpreto, interpreto, é a mesma coisa que eu sentar aqui e falar, falar e falar com você, você chega ali não vai guardar tudo que eu te falei, mas se eu te mostrar varias figuras e ir explicando, você vai guardar alguma coisa, você vai fixar alguma coisa.”

Essa visão de Marcia corrobora com a visão já abordada na entrevista anterior onde o conhecimento do curso de Licenciatura bem como a prática com o ensino para surdos faz com que a mesma tenha uma visão diferenciada para o ensino desses alunos.

Continuo a entrevista perguntando sobre preconceito com os alunos surdos na escola e Marcia contou que não percebe tal atitude, que Pedro é tratado como os demais, o que ela acredita ser o certo, todos conversam com ele dentro da sala normalmente, as vezes ela interpreta, mas muitas vezes ele oraliza, completa com uma indagação para mim, “*Você viu lá a situação né!*”, se referindo as observações que fiz

em sala “*Os alunos da sala conversam, se tiver que tirar sarro eles tiram, falar alguma coisa falam, então assim, na sala de aula é super tranquilo, é o que eu percebo com minha convivência*”, ela completa dizendo que tanto ele quanto a Julia, ambos alunos do noturno, é tranquilo.

Pergunto sobre a possibilidade de usar a dança e a música em metodologias diferenciadas para o ensino, qual a opinião de Marcia quanto à possibilidade e ela me interrompeu antes mesmo de terminar a pergunta e respondeu o seguinte:

“Claro que é possível! [risos], é minha visão. Eles são capazes, eles podem! Na minha cidade nós temos vários vídeos, documentos que eles estão desenvolvendo, lá onde eu ajudei a organizar e a treinar cadeirantes, cegos e surdos em uma mesma apresentação, os surdos não estavam ouvindo, mas eles estavam fazendo, eu até me emociono quando eu lembro ou assisto de novo.”

Não adianta falar assim: ah não, ele é surdo não dá para ele dançar! ou não dá para ele participar de alguma gincana ou de alguma coisa!, teve gincana aqui esses dias, no dia do estudante, eu falei para o Pedro: você pode ir!

E ele me respondeu: não, não, eu tenho vergonha!

e eu disse: você pode tratar de ir, você é aluno normal não precisa ficar com vergonha, pode ir!

Aí ele foi, ele participou da primeira que era corrida do saco, foi em uma da maçã e em outra que estourava balão, e gostou. Então assim, pelo que eu posso ver, precisa dar um incentivo, porque não adianta eu falar assim: “ah se ele não quer deixa!”, não é assim, eles são capazes, eles podem, eles fazem bem feito, eu sei porque eu já trabalhei isso, não tem dessas, eles fazem e fazem bem feito.”

Marcia concluiu nossa entrevista dando sua opinião com relação ao apoio que devemos dar para os alunos, visto que como nos coloca a intérprete, eles são inteligentes, são capazes, não é porque têm esta deficiência que é preciso trata-lo como coitado, na verdade é preciso abrir os caminho para eles, dar um norte, porque o restante eles farão sozinhos, claro, que é preciso entender que vai de cada um, defende que Pedro é muito inteligente, tem facilidade para aprendizagem, aconselhou o menino a não parar os estudos por acreditar que o mesmo é capaz e alegou que a criação de uma sala ou um espaço que os auxiliasse seria de grande valia.

Na entrevista com a intérprete pude perceber uma forte influencia de sua graduação em pedagogia para as questões levantadas, sempre se remeteu a sua trajetória como professora e aos recursos que utilizava, entretanto em nenhum momento Marcia interfere nas colocações dos professores ou opina quanto ao material que deveriam ou não utilizar, ela tem claro o papel do tradutor interprete em sala de aula e também

atribuo essa consciência ao fato de ter o nível superior, que possibilita uma compreensão de ambos os lados das profissões.

5.2.8 Observação na sala da aluna Julia

A primeira observação aconteceu no dia 21/08, na sequência das aulas da turma de Pedro, no caminho para sala, a professora me confessou que esta é uma turma bem diversificada, mais diversa que a turma do Pedro e que ela enfrentava um problema quanto ao tempo da aula. Explicou que a aula que antecede a de biologia é de um professor que não consegue concluir sua aula no tempo de 40 minutos e a professora sempre precisa aguardá-lo uns cinco minutos na porta da sala para que ele saia e ela possa entrar.

Aguardamos no corredor a saída do professor e observei pela janela que o quadro está carregado de escrita, e o professor está conversando com os alunos. Carolina me contou que faz parte da didática do professor no final de toda aula declamar um poema para os alunos e tal atitude muitas vezes causa o atraso.

O professor se ausenta e adentramos a sala, a professora me apresentou explicou o motivo de eu estar no ambiente, me acomodei no mesmo lugar que nas outras salas, próximo as janelas do lado oposto da sala, a professora me apresentou a intérprete Juliana, que me cumprimentou e alertou que a aluna Julia não veio a aula hoje porque está doente. Carolina me questionou se mesmo com a ausência da aluna iria observar as aulas e disse que sim.

Na primeira impressão percebi na sala a maioria dos alunos tem idade mais avançada. Uma sala com uma quantidade maior de alunos, que variam entre 20 e 75 anos, sendo a maioria com aparência de mais de 40, além de dois estrangeiros que me parecem haitianos, com idades aparentando entre 28 e 32 anos.

Muitos alunos eram idosos e ainda copiavam do quadro as atividades que o outro professor que acabara de sair passou. A professora Carolina contou que eles já iniciaram o conteúdo do sistema ósseo na aula passada e já começaram a aprender conceitos básicos sobre ossos, articulações, líquido sinovial e ligamentos.

Ela comentou que vai dar continuidade no conteúdo e que hoje os alunos irão copiar a matéria. Ela perguntou se poderia apagar parte do quadro que encontrava se dividido em duas partes, a maioria confirma com exceção de um aluno que ainda está no final da primeira parte. Percebi que a letra do professor é bem pequena o que dificulta a cópia de muitos alunos que usam óculos e mesmo assim têm dificuldade em enxergar, esta observação ficou clara quando a professora começou a passar no quadro com a letra grande e um aluno soltou uma expressão: “*Essa letra é boa!*” e todos riram.

Por escrever com a letra grande rapidamente a professora necessitava apagar o outro lado, contudo já estávamos na metade da aula e ainda existiam alunas copiando a matéria da aula anterior. A professora é paciente e aguardou que todos terminassem para poder apagar.

Sabendo que aquela seria a turma no qual iria aplicar o material senti um certo receio de uma possível não aceitação por parte dos alunos da dinâmica com dança, visto que a maioria era de idade avançada e a sala muito diversificada.

A professora terminou de passar o conteúdo no quadro e o sino tocou. A caminho da sala dos professores para o intervalo ela me mostrou o livro que se baseia para ensiná-los, sendo um livro do nono ano. Percebendo meu estranhamento de tal atitude, visto que os alunos já estavam no primeiro ano, ela me explicou que o EJA não tem livro didático ainda, que a turma apresentava bastante dificuldade com a aprendizagem o que ela atribuía a grande diferença quanto ao nível de conhecimento acadêmico dos alunos somado ao pouco tempo das aulas, fatores que contribuem negativamente para a aprendizagem dos alunos.

A segunda observação aconteceu no dia 04/09, duas semanas após a primeira devido ao evento no Cine Teatro, para o qual os alunos foram convidados a participar. A aluna Julia compareceu a aula. Antes de iniciar a aula, em uma conversa informal, Pedro me apresentou Julia, que rapidamente comentou que se lembrava de mim, em um dia que esbarrei com os dois alunos no cinema e conversei brevemente com Pedro, mas ainda não a conhecia. Expliquei que iria observar as aulas de biologia da turma dela para ver como acontecia as aulas com alunos surdos, ela me disse que seria legal e que não havia problema.

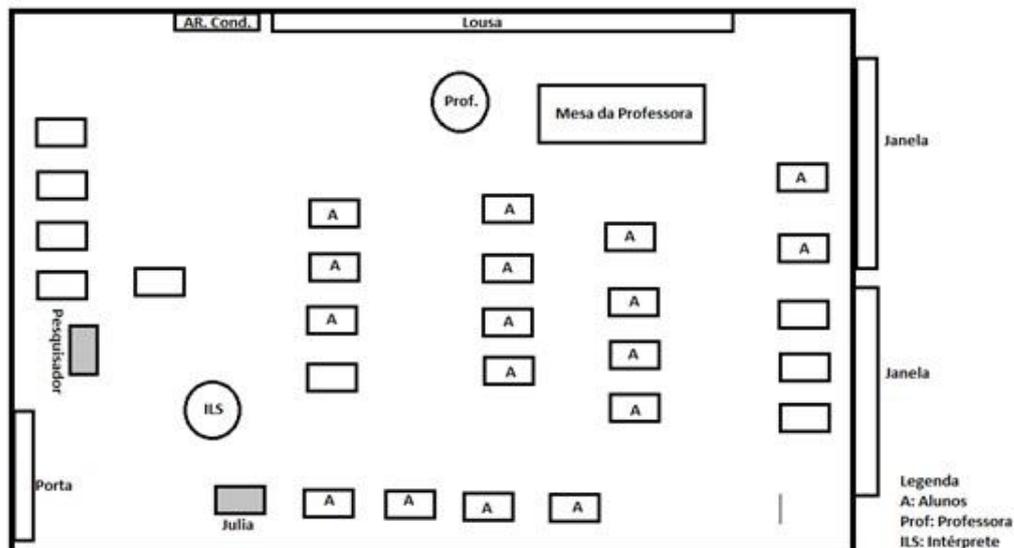


Figura 10-A organização da sala de Júlia. Fonte: Elaborada pelo autor.

Ao chegar para aula novamente precisamos esperar o professor de filosofia que ainda estava em sala e não acabara sua aula, aguardamos uns cinco minutos e entramos. Julia parecia animada com minha presença. A aluna sentava-se próxima a porta no fundo da sala encostada na parede, a intérprete Juliana posicionava-se em sua frente também no fundo, próxima a porta.

A professora fez a chamada e distribuiu uma folha com um texto relacionado a matéria para iniciar a explicação do conteúdo que passou na lousa na aula anterior, neste momento a aula foi interrompida por uma pessoa que pediu a professora para dar um recado, ela autorizou e o mesmo avisou que as carteirinhas de estudantes já poderiam ser feitas em uma das salas da escola, para os que tinham interesse e trouxeram a documentação que descessem para fazer a foto, como a maioria iria confeccionar a carteirinha a professora liberou os alunos pedindo para que fizessem e retornassem rapidamente para dar continuidade a aula.

Julia também levou os documentos, mas percebi na conversa com a intérprete que ela decide esperar porque o local deveria estar muito lotado, avisou que quando começasse a retornar ela iria, nesse momento aproveitou para conversar comigo.

Curiosa, queria saber o que eu estudava na UFMT dentre outras coisas. Percebi que a LIBRAS dela não é tão frágil quanto fui alertado por todos, ela se comunicou muito

rápido, mas pelo contexto de nossa conversa tive facilidade de compreender o que ela dizia.

Em seguida, ela foi interagir com uma colega que estava sentada a seu lado que não tinha conhecimento da LIBRAS. Fiquei prestando atenção no diálogo das duas. Julia tentou contar a ela que já havia me visto no cinema no dia que foi assistir um filme com Pedro e outros amigos da sala. A aluna entende a parte do cinema e responde a Julia que não consegue compreender o que a colega falou e pede ajuda a Juliana para interpretar a conversa das duas. A colega de Julia diz que tem curiosidade de ir ao cinema com ela, disse que um dia gostaria de ir para saber como é tal experiência, pensava que por eles serem surdos devia ser algo diferente. Juliana traduz e Julia avisa que da próxima vez for vai convidá-la.

Percebi que Julia é muito comunicativa e desinibida. A intérprete aproveitou a pausa da aula para me contar que ela se dá bem com todos da sala, que de fato é muito comunicativa e que namorava um dos colegas de classe, ouvinte, até pouco tempo, ao passo que observo a sala por completo e percebo que os alunos interagem bastante entre si e são bem animados, mas continuo com certo receio quanto a aceitação da aula diferenciada.

Faltando dez minutos para o final da aula a professora alertou a todos que não teria como explicar nada visto que nem metade da turma havia retornado. Recolheu as folhas e disse que iria distribuir na próxima aula.

A terceira observação aconteceu no dia 11/08. A professora trouxe um esqueleto, que a escola possui e fica guardado na biblioteca no piso inferior, para a sala de aula e explicou as divisões do sistema ósseo, bem como as nomenclaturas dos ossos.

Ela iniciou explicando o conteúdo sobre o sistema ósseo para os alunos e após a explicação, colocou o esqueleto em frente ao quadro branco e pediu para os alunos se aproximarem, os alunos se interessaram e questionaram bastante a professora, todos ficaram bem entusiasmados com o material diferenciado.

À medida que a professora explicou o conteúdo, a intérprete fez a interpretação e foi apontando com a professora os ossos correspondentes à nomenclatura.

Muitas vezes o ILS precisa explicar um conceito que ainda não tem um sinal convencional e, portanto, faz uso da datilologia- ato que demanda tempo e, se o aluno não tiver conhecimento sobre o termo, de nada adiantará, pois o conceito não é desenvolvido apenas a partir da datilologia. Se o termo em questão estiver escrito/representado na lousa, o ILS pode apontar, poupando o tempo da datilologia e não perdendo as informações posteriores, e explicar o significado de tal conceito. (LACERDA e SANTOS 2013 p. 197).

Os alunos participaram entusiasmados e a professora fez perguntas sobre o conteúdo para todos, inclusive para Julia. No momento reparei que com a aluna a professora também dirige a palavra diretamente, não como faz com Pedro, na terceira pessoa, Julia responde as perguntas feitas como qualquer aluno da turma.

O tempo da aula acabou antes que percebêssemos. Ao final, a professora conversou comigo sobre a hipótese de não esperar a explicação do sistema Muscular para aplicação do instrumento, alegou que como escolhi as turmas do EJA para trabalhar e não a turma do matutino, sugerida pela professora. Ela tinha receio de não dar tempo, por ter muito pouco tempo para a explicação ainda iria precisar de mais umas quatro aulas para explicar o próximo sistema e a mesma tinha conhecimento que as pesquisas de mestrando têm prazos. Relembrou a fase final do mestrado de seu esposo e disse: *“eu lembro que meu marido ficava louco porque precisava acabar e tinha medo por causa do tempo”*.

Disse que iria pensar na hipótese e que na próxima aula avisaria. A professora me alertou que ainda precisaria da próxima aula para terminar a explicação e no caso, eu poderia aplicar na aula do dia 25/09. Falei da importância de conversar previamente com a orientadora antes de tomar a decisão e que na aula seguinte iria comunicá-la.

No dia 16, dois dias antes da próxima observação, fui a escola para informar a professora que conforme nossa conversa anterior eu havia procurado minha orientadora e que a mesma também achou melhor que reduzíssemos para apenas um conteúdo por medo do prazo que apertava-se, afinal de contas com relação ao cronograma proposto para esse trabalhar no mestrado as observações e aplicações deveriam ter acontecido no mês de fevereiro/março e já estávamos em setembro, devido as causas ainda sofridas da greve do ano anterior bem como o evento da Copa do Mundo que causou um certo transtorno no calendário acadêmico estávamos muito atrasados. A professora Carolina

concordou, então avisei que na próxima aula já traria algo para discutirmos em cima da proposta que iria trabalhar.

Na quarta e última observação aconteceu no dia 18/08 cheguei um pouco mais cedo e mostrei o que havia preparado e discutimos como seria o decorrer da aula experimental. Novamente precisamos esperar o professor de Filosofia terminar sua aula para adentrarmos. É interessante ressaltar que em todas as aulas observada a disciplina de biologia foi prejudicada por conta do atraso do professor, e hoje não foi diferente.

Ao entrarmos ainda havia três ou quatro alunos copiando a matéria do professor. A aluna surda estava na sala no mesmo lugar da observação anterior. No dia sentei-me próximo da porta para observar a comunicação das duas de perto. Pude perceber que a intérprete Juliana possuía uma fluência na LIBRAS muito boa, assim como as outras duas intérpretes, ela atuava de pé e tem uma postura ética profissional muito boa. A aluna Julia mexe muito no celular, reparei que isso incomoda Juliana, mas que em momento algum ela assume a autoridade do professor para chamar a atenção de Julia, deixando transparecer que ela entende que esta não é função que cabe a ela, mas sim a professora.

Julia sentou na ponta de uma fila de alunos encostados na parede e constantemente comunicava-se com eles. Percebi que ela usava o celular para passar mensagens para um de seus colegas, que este sentado do seu lado oposto, também no fundo, encostado na parede. Esse artifício possibilita que a aluna interaja com os alunos mesmo dentro da sala de aula sem o auxílio da intérprete.

A professora concluiu a explicação, tirou as dúvidas dos alunos e anunciou que na aula seguinte teríamos minha aula diferenciada, e para minha surpresa os alunos se animaram e ficaram curiosos para saber o que e como seria.

Ainda nesta aula a Profa. Carolina iniciou outro conteúdo, o dos sentidos humanos. Distribuiu um texto paradidático e começou a explicar superficialmente, em seguida pediu para os alunos relatarem suas experiências com os sentidos e para Julia contar aos colegas como ela percebe o som, se é por vibração? e se sua visão é de fato mais aguçada? A resposta da aluna iria contribuir muito para um possível ajuste final na metodologia, caso necessário.

Julia explicou que sim, que percebe quando vibra, mas não é sempre. Quando todos começaram a prestar atenção em sua fala, ela ficou sem graça, pois Juliana havia me dito que ela não gosta de ter toda a atenção, é tímida.

A professora insistiu na questão da visão, a aluno ficou sem graça e disse que todos deviam olhar para a professora e não para ela, em seguida um aluno a interrompe para contar uma história de sua vida referente ao conteúdo.

A professora pediu para os demais alunos relatarem suas percepções. Por ser uma turma de muitos alunos de idade, todos queriam compartilhar um pouco de suas histórias de vida e assim a aula seguiu até o sino tocar. Essa estratégia de reconhecimento das apresentações possibilita a criação de um espaço prazeroso de frequentar pelos alunos, pois permite que se sintam à vontade para expor o que sabem e o que têm dúvida, é exatamente um reconhecimento do “eu” no encontro com o “outro” em um espaço que respeita ambas as subjetividades, convidando-os a serem sujeitos ativos deste processo (MARQUES, 2007 p.134).

Ao sair confirmei com a professora como faríamos na próxima aula. Ela ressaltou que iria conversar com o professor de Filosofia para que não atrasasse devido à atividade.

5.2.9 Entrevista com a estudante Julia.

Julia tem 22 anos é surda, estuda o primeiro ano do Ensino Médio na modalidade EJA no período noturno, tem mais dois irmãos, uma ouvinte e um surdo. Pergunto se ela sabe o motivo da surdez e a mesma me diz que não sabe o porquê de ser surda visto que sua avó, que foi quem criou a menina, não sabe se comunicar em LIBRAS, Julia me diz que não consegue se comunicar muito bem com toda a família porque ninguém sabe usar a língua sinalizada, com exceção do irmão que é surdo, mas que vivem em casas separadas, ela diz que viveram juntos até ele completar 16 anos e, posteriormente, a tia o levou para morar com ela.

Por ter um irmão com a mesma deficiência física a probabilidade de ser um problema de herança genética é alta, porém precisaria ter sido feito um Diagnóstico Etiológico da Deficiência Auditiva para saber, já que existem genes relacionados à surdez, mas não temos dados que nos permitam fazer essa afirmação.

Julia contou que quando era criança seus pais se separaram e a deixaram aos cuidados de seus avós, ela nos diz:

“Meus pais nunca cuidaram de mim, minha mãe nunca se preocupou em cuidar de mim, saber como eu estava. Meu pai até ajudou um pouco, mas eles se separaram e ninguém queria saber de cuidar de mim, então meus avós me adotaram e me criaram, meus pais não quiseram mais saber de mim.”

No decorrer da entrevista percebemos que Julia se confunde diversas vezes quando se refere a sua mãe biológica e sua avó, referenciada como mãe diversas vezes na entrevista pela aluna.

Aos dez anos de idade Julia comunicava-se por meio de sinais combinados com a família, uma língua de sinais que denominamos como mímica por ser particular para cada família, e pelo seu relato, de forma bem difícil.

Julia ingressou na escola CEAADA com essa idade onde começou a aprender a LIBRAS, sua avó pediu para uma professora ensina-la o alfabeto e alguns sinais quando criança. Ela conta que a professora mostrava as letras do alfabeto e o sinal correspondente da Libras e, assim, ela foi aprendendo, mas ela alega que era difícil e que ela não compreendia muito bem.

A aluna alega que seus familiares não quiseram aprender a língua com ela, sua mãe, no caso a avó que a criou, só oralizava e não sabia nada de libras, falava que era difícil de aprender. A prima comunicava se com ela, e tentava ensinar a mãe que alegava dificuldade para aprender e só usava oralidade com Julia. Sua mãe ensinava oralização apontando as coisas e dizendo como se pronunciava o nome dos objetos, mas Julia não entendia nada, sendo assim, não havia uma comunicação efetiva entre ambas em casa a não ser pela mímica, que ela alega ser muito dificultosa até hoje.

Pergunto em que serie ela ingressou nos estudos e a mesma me respondeu que sempre estudou a quarta série, que repetiu várias vezes e não saía desta série, ela ainda diz:

“Quando estudava no CEAADA eu participava do grupo da fanfarra da escola e nós precisávamos constantemente sair das aulas para ensaiar ou para fazer apresentações fora da escola e os professores liberavam, minha tia sempre assinava as autorizações para que eu pudesse participar, frequentemente estávamos em aula e o professor me liberava para o ensaio ou acabava a aula eu ainda ficava na escola para ensaiar, eu mais ensaiava do que estudava de fato.”

Julia diz que como não progredia na escola sua tia reuniu-se com seus avós e todos concordaram que seria melhor que ela viesse estudar em uma escola de ouvinte então ela veio para a atual escola regular. Pergunto com que idade ingressou nessa escola e ela me diz que aos 20 começou estudar no EJA noturno sendo quinto e sexto ano juntos. Pergunto a ela como foi começar a estudar em uma escola inclusiva e ela me diz:

“Quando vim pra cá não fiquei assustada, minha tia me trouxe para conhecer a escola no período vespertino, meu irmão já estudava aqui, mas ela me avisou que eu estudaria a noite, foi normal. Quando comecei estudar, perguntamos a coordenadora quando chegaria a intérprete, ela disse que eu precisava esperar e ter paciência porque ela já havia solicitado uma para a SEDUC, então eu vinha para as aulas mas não entendia nada porque sou surda profunda, o professor ministrava as aulas oralizando e eu não entendia nada até a Amanda chegar.”

Pergunto se ela já teve acompanhamento com a fonoaudióloga se isso ajudou na comunicação em casa, se ela se esforçava para oralizar com os familiares, Julia diz que tentou mas não conseguiu, ela me diz que o profissional não tinha conhecimento da LIBRAS e apenas tentava fazer com que a mesma oralizasse sem de fato estabelecer uma comunicação, Julia ressalta “ *ela não sabia LIBRAS e como que queria me ensinar?!*” .

Quanto a família, ela diz que sua avó não compreendia sua fala e para fazer a leitura labial ela tinha muita dificuldade visto que os demais falavam muito rápido e ela não conseguia acompanhar e entender nada, desta forma ela não se esforçava para oralizar.

Com relação à escola pergunto se ela gosta de estudar aqui, Julia me disse que sim, porque ensina LIBRAS para os amigos, ela conta que a comunicação com eles é somente por meio de mimica e que ela vai ensinando o alfabeto da língua e alguns sinais, ela acha de extrema importância que os mesmos aprendam a língua para se comunicarem.

Pergunto se ela tem amigos na escola e ela diz que sim vários ouvintes e o Pedro, que é surdo. Conta-me que no ano passado existiam mais três alunos surdos na escola. Pergunto como ela se comunica com os demais e ela me explica que a comunicação é por mimica ou com o auxílio da intérprete Juliana, mas quando ela realmente não está entendendo nada ela pede ajuda, contudo, ressalta que conversar com o Pedro e muito

melhor. Entendo que seja algo melhor em razão do diálogo direto que não precisa ser intermediado, a possibilidade de se expressar em sua língua natural o que traz conforto para a aluna ser compreendida em sua fala.

Com relação à disciplina de Biologia, pergunto a Julia se ela gosta de estudá-la. Ela me disse que mais ou menos, por achar difícil. Eu insisto eu uma justificativa e Julia apenas manteve com a afirmação sem justificá-la

Pergunto se ela gosta da professora Carolina e ela me diz que sim, mas não sabe explicar o porquê, depois de insistir ela me disse que a professora faz perguntas para ela e quando ela tem dúvidas a professora a auxilia nas aulas, por isso ela gosta.

Esta afirmação nos leva a entender que a aluna percebe que não está apenas inserida mas incluída e participa como os demais alunos; o que provavelmente serve como um fator motivacional para o estudo, a interação da professora com a aluno por meio das indagações faz com que a aluna se sinta parte de um todo.

Pergunto se ela gosta da intérprete Juliana e Julia me responde que sim, que a diretora a conhecia e a contratou para trabalhar e já são três anos que elas estão juntas no EJA, conta que houve um intérprete que trabalhou com ela na escola que ficava o tempo todo mandando mensagens de texto do celular, que parava de interpretar para ela, para mandar as mensagens e isso a irritava muito, foi então que houve troca e a Juliana chegou.

Pergunto se ela gosta de dançar e Julia diz que adora dançar, gosta de dançar músicas que tenham a batida forte e quanto à música, diz que adora música:

“Quando sinto uma música com uma batida forte que eu goste eu pergunto, qual o nome desta música? e eles me respondem”.

Pergunto o que ela acha sobre um professor resolver ensinar com música,

Qual a visão que ela acha que os ouvintes têm sobre essa possibilidade e Julia me diz:

“Normal. Ano passado aqui na escola aconteceu uma apresentação de coral de uma música e a Juliana traduziu a música para a LIBRAS e me ensaiou para eu apresentar junto, só de pensar em todo mundo olhando para mim, eu

tenho vergonha, eu já não queria, mas uma amiga que é ouvinte ensaiou a música em LIBRAS e nos cantamos juntas”.

Então percebi que esta questão não é problema na escola, que os professores bem como a equipe dos profissionais que atuam nela têm a consciência da inclusão com questões que relacionam a música ou a dança e incluem os alunos surdos dentro de suas perspectivas.

Por fim pergunto se ela já pensa em fazer vestibular, se pretende continuar os estudos, Julia me disse que não sabe ainda, ela prefere terminar o ensino médio e em seguida pensar sobre o que fazer, afinal ela ainda está no primeiro ano.

5.2.10 A Entrevista com a intérprete Juliana

Juliana tem 28 anos e atua na área há seis anos, é formada no curso de Licenciatura em Música da UFMT. Ela nos contou que seu interesse pela Língua surgiu por influência do irmão, disse que ele iria iniciar o curso de tradução e interpretação no Centro de Formação de Profissionais da Educação e de Atendimento a Pessoa Surda de Mato Grosso-CAS, e por estar com tempo vago decidiu começar junto.

Antes de iniciar o curso ela nos conta que já tinha contato frequente com os surdos que frequentavam a mesma igreja; justificou seu interesse pela profissão em razão do envolvimento dentro do local. Na família não existem pessoas com surdez e nem amizades que tivessem influenciado a escolha da profissão. No espaço desenvolviam um trabalho onde surdos e ouvintes cantavam os louvores, os ouvintes na forma oral e os surdos na forma sinalizada, porém o ensaio era feito em conjunto.

“Constantemente eu estava em contato com a língua e com eles e perguntava qual o sinal?, qual o sinal?, qual o sinal? Foi então que quando eu estava próxima de terminar o curso surgiu a oportunidade de fazer a prova do Pró Libras¹⁹ eu fiz, passei, e já comecei a atuar como intérprete.”

¹⁹Uma prova de proficiência nacional da LIBRAS certificada pelo Mec que reconhece aptidão para o uso da língua no ensino ou na tradução/interpretação no âmbito escolar.

Assim como Juliana, todos que iniciam os estudos da LIBRAS acreditam que basta saber os sinais para se comunicar corretamente, entretanto por ser uma língua é dotada de regras que divergem do português como já foi dito anteriormente.

Pergunto a Juliana se ela já atuou em outra escola e se considera esta escola inclusiva, ela me responde que em vista de muitas outras, sim. Entretanto, não a considera de fato inclusiva, mas a caminho de uma inclusão. Conta que é efetiva no município e atua como professora de música no período matutino. Um dado valiosíssimo para contribuição na nossa pesquisa.

Continuo com o tema e questiono o que a intérprete acredita que falta para que a escola torne-se inclusiva de fato e a mesma me responde:

“É complicado, porque nesta escola aqui... na verdade nos fizemos um trabalho aqui com os professores e com a equipe gestora e isso de certa forma facilita nosso trabalho, mas ainda tem pontos negativos porque quem não participou dessas formações nós encontramos barreiras, então assim... e a gente vê que tem uns que estão abertos a inclusão e outros não, alguns falam: A minha aula é assim e pronto e acabou!”

Ela cita que alguns professores que atuam na escola não percebem a inclusão como deveriam, muito menos o papel do profissional intérprete em sala.

Com relação à disciplina de biologia e sua professora responsável, pergunto se Juliana encontra dificuldades para trabalhar com ambas e se ela percebe o olhar diferenciado da professora para com a aluna surda.

Pergunto: “*você acha que ela tem um olhar inclusivo?*”, ela respondeu que não encontra dificuldades e que percebe na professora Carolina a tentativa de buscar o máximo de recursos para que não só a Julia, mas que todos os alunos entendam. Ela exclama: *Você viu como é a nossa turma!* Referindo-se as observações feitas em sala no qual a turma é bem diversificada com relação a idade, tendo uma prevalência maior de pessoas de mais idade.

Ressaltou que esse ano a turma está mais mesclada com jovens. Todavia, nos anos anteriores informou sobre a prevalência de mais idosos, alunos com extrema dificuldade no aprendizado e, às vezes, com dificuldade até em copiar do quadro.

Juliana explicou que quando chegou para trabalhar com Julia não achou que para a aluna seria difícil, ou desestimulante, de certa forma ela estava no mesmo nível que eles de aprendizagem dos demais alunos. Afirmou que quando a aluna ingressou na escola, sua LIBRAS era muito prejudicada:

*“A questão de aprendizagem dela, a base dela era muito fraca, eu sinalizava “LAPIS” para ela e ela perguntava como escrevia, eu pensava: gente, ela não sabe como escreve lápis?! **E assim sabe, então assim....**, porque como eu trabalhava com um aluno que cursava o terceiro ano do ensino médio e para ele esses sinais como Lápis eram.... comuns, já eram fáceis então como já eram palavras comuns “CASA”, “CARRO” pra mim foi um contraste muito grande por ser tão óbvio para ele, mas para ela não.”(Grifos meus)*

A primeira expressão grifada Juliana indica na expressão que para ela era algo muito absurdo a aluna não saber, já na segunda deixa bem claro, como em sua fala, a comparação feita entre os alunos surdos, mas o que precisamos considerar é que um aluno de terceiro ano do ensino médio e um aluno de quinta série do ensino fundamental têm uma compreensão linguística muito diferente, mesmo sendo ouvinte, obviamente não podemos negar que as palavras citadas compreendem ao conteúdo ensinado na fase de alfabetização e uma adolescente já deveria saber, mas é fundamental não nos esquecermos que a escrita do português para os surdos em geral é muito difícil.

Juliana contou que isso foi há três anos e que a professora de Língua Portuguesa percebeu a necessidade da aluna. A EJA possui um horário para apoio de estudo da matéria, ea referida professora começou a trabalhar não só com a Julia, mas com todos os alunos visto que a dificuldade com a língua era comum a todos.

A intérprete relatou que o trabalho foi em conjunto, a professora trabalhava o português e ela entrava com a LIBRAS, como metodologia utilizou palavras soltas ao passo que a intérprete associava com os sinais, a professora pedia para que formassem frases com aquelas palavras e sinais.

A professora de português começou a exigir que ela produzisse, e não ficasse só olhando e foi quando ela se recusou a executar a atividade. A professora havia pensado em uma dinâmica onde o aluno deveria falar as características do colega sentado a sua frente sem dizer o nome, apenas descrevendo as características de forma escrita, e Julia se negou. A professora deu-lhe uma advertência dizendo que iria fazer um relatório sobre ela e que a mesma precisava aprender o português mas não tinha interesse. Avisou

que ela não poderia chegar atrasada nas aulas, pois seria advertida como os demais alunos. Depois do ocorrido a aluna começou a ser mais esperta e se interessar pelos estudos.

Mas isso para a aprendizagem do português, mas e a questão do ensino da LIBRAS, aqui não tem um contra turno para o ensino da outra língua? Juliana responde:

“Não, até porque no EJA tem um funcionamento diferente, quantas vezes o professor de matemática pede para os alunos chegarem as seis horas para fazer um reforço e tirar dúvidas da matéria e os alunos não vem.” Ah aconteceu isso, aconteceu aquilo, minha tia pediu para eu cuidar de não sei quem...”

Indaguei Juliana sobre sua percepção no quesito preconceito para com a aluna Julia na escola, ela contou que não percebe e atribui ao fato de todos morarem na região e estabelecerem contato extraclasse. Explicou que Julia é uma menina muito sociável, se aproxima e tenta se comunicar, na escola, às vezes, quando ela não entende o que a pessoa está dizendo ela solicita ajuda, mas geralmente ela esforça para conversar sozinha. Muitos alunos moram próximos e a questão de preconceito com ela, Juliana acredita que não existe.

“Na outra escola que eu trabalhei eu via, tinha muito, falavam pra mim assim: olha... leva ele para outra sala com você, e eu dizia: mas gente la é a sala tal e ele é da sala tal e eu dizia Negativo! Não vou leva-lo para sala nenhuma, agora que o menino está aprendendo aqui eu vou tira-lo, eu ia descer o nível dele de aprendizagem por que... eu falei não, ele não vai”. (Grifos Mesus).

Neste relato Juliana se recorda de uma situação vivida onde os professores tinham preconceito com o aluno e acreditavam que o mesmo atrapalhava a aula, pediam para que ela o levasse para uma classe inferior no qual ele estava estudando.

A escola como um todo compreende sua profissão bem como a relação com a aluna Julia? Juliana explicou que a maioria compreende devido ao trabalho realizado há dois anos atrás na sala do educador, onde ela juntamente com Sueli abordaram o tema Educação Inclusiva. E conta-nos um pouco como foi esse trabalho.

“Foi eu e a Sueli, a Marcia ainda não estava com a gente, então falamos tuuudo(!) que a gente queria falar, quase um desabafo, a gente falou. Em 2012 o nosso foco foi: O papel da escola em relação à educação especial; o papel da família; O papel do professor e o papel do intérprete. Então deixamos bem claro tudo isso, então o que que acontece: nos ensinamos alguns sinais básicos para os professores como “BANHEIRO, CERTO, ERRADO” porque no caso acontecer de um dia o intérprete faltar o

professor entra em desespero, então pelo menos o básico como “COPIA, RAPIDO”, algumas coisas como BOM DIA, BOA TARDE, a Julia cobra dos professores “quero ver BOA NOITE faz aí! Semana que vem eu vou perguntar quero ver se você vai saber” porque ela gosta disso, de ensinar, então, nós ensinamos a esses professores e deixamos isso claro.

Já ano passado nos trabalhamos “Como Trabalhar com Educação Especial” e como na escola só tínhamos surdos, focamos no ensino para surdo, mas tem as outras deficiências e nós trabalhamos também, então a gente fez esse trabalho e quem participou tem essa visão, procura preparar as aulas de forma diferenciada, já procura pedir ajuda, você percebe que ele não escreve e fala ao mesmo tempo, ah! Você não assistiu às outras aulas, mas ou eles escrevem ou eles explicam”..

A fala da intérprete exemplifica o que Lacerda e Santos (2013) já discorreram. Sobre a atuação do intérprete educacional, muitas vezes ele acaba colaborando com o professor na sugestão de atividades, indicando os momentos de sala de aula que foram mais complicados para trabalhar, além de levarem informações e observações para o professor, auxiliando a uma visão ampla sobre a surdez e os modos de abordar diversos temas.

Assim, o trabalho colaborativo entre o intérprete educacional e o professor contribui de maneira significativa para o desenvolvimento do aluno surdo. Vale ressaltar que esse auxílio deve ser solicitado pelo professor, como nos colocou Juliana, caso contrário, ele não deve interferir no trabalho visto que o professor tem a autonomia dentro de sala de aula para atuar como achar melhor.

Mas Juliana ressaltou que não são todos que participaram do projeto e sendo o fluxo de professores substitutos atualmente muito grande nas escolas, causa prejuízo quando começam a compreender como trabalhar melhor com os alunos e trocam de escola.

Conta que já passou situações desagradáveis, ela acredita que o papel do intérprete ainda não está bem claro aqui no Brasil, ainda há essa dificuldade de compreender a profissão.

Alegou que o profissional intérprete não é pai, não é mãe, não é responsável e não é professor, e que ainda existem muitas conversas entre os professores que dizem:

“Eles trabalham menos que eu, ganha o mesmo tanto que eu! E eles não têm diário, não tem correção e eu digo: gente, então faz um curso de tradutor intérprete e muda. Falam que a gente cuida de um aluno enquanto eles têm

40, 30 alunos, então assim... ainda precisa porque tem curso para intérprete, tem curso para professor, mas não tem curso para equipe gestora ainda para falar sobre o nosso papel na escola eu nunca vi, se tem, desculpa mas eu não fui informada”.

Nos cursos que Juliana frequentou ela alegou que sempre deixaram claro o papel do profissional intérprete, contudo não explicam na escola para que todos compartilhem da mesma visão e isso prejudica a profissão.

“Tem professor que acha que nos estamos na sala para vigiar as aulas dele, uma vez me perguntaram: os alunos estão reclamando que o professor fulano não faz chamada, ele não faz chamada?”

- uai gente! Você precisa perguntar para ele!

Sendo esse um dos motivos do confronto com os professores porque às vezes os intérpretes respondem com afirmativa e gera um conflito, eai?! entendeu! Isso precisa ficar bem claro.

Ano passado um professor veio me perguntar:

- Eai o aluno como é que está?

e eu disse: olha eu não sei professor, eu vou ser sincera, vou falar a verdade com o senhor, quando eu vou fazer minha aula eu planejo minha aula: tem objetivos, tem conteúdos, tudo isso. Então professor quem vai saber se o seu aluno atingiu o objetivo para aquela aula é o senhor, então quem vai dizer se ele conseguiu é o senhor, eu só estou transmitindo, eu não tenho como saber se ela aprendeu ou não. E se ela aprendeu errado? eu vou falar olha!! Ela esta aprendendo!! Eu não entendo dessa disciplina.

-Sim, mas você pode dar um feedback para nós!

- Desculpa, não, não porque eu também sou professora e ninguém da feedback do aluno pra mim, eu tenho um aluno surdo, quem dá a nota dele sou eu, quem briga com ele sou eu, a responsabilidade dele é minha”.

A fala da interprete Juliana nos remete ao que afirma Souza (2011), nos casos em que o profissionais docentes buscam deliberadamente transferir ou depositar a responsabilidade do acompanhamento dos discentes surdos sobre os “ombros profissionais” do intérprete de LIBRAS, uma saída seria a da sensibilização do próprio professor com base em um discurso simples e direto. Às vezes, o interprete precisa agir de forma ríspida para que compreendam sua função, tal atitude pode gerar

consequências boas ou ruins na convivência do profissional com os demais colegas da escola.

*“Até hoje quando tem conselho de classe olham pra você e falam **Eai?!(no sentido de sua obrigação quanto a aprendizagem da aluna) e eu respondo: **Eai !!(no sentido de não ser problema nosso!) então né você perguntou das barreiras, ainda tem barreiras sim, já cobram de mim: “Mas ela esta faltando de mais!” e eu digo **Iii?... Explico novamente que meu papel na escola é esse....(Grifos meus).*******

Aí você fica ouvindo das pessoas né: Ah seu aluno não veio hoje, que bom né vai embora mais cedo!

Que bom nada eu vim lá do caixa prego! Que bom se ele me avisasse e eu avisasse a escola, (risos)”.

Juliana usa o primeiro “Eai” com o sentido de que as pessoas acreditam ser obrigação dela responder pelos atos do aluno , como se fosse a responsável por ele, em seguida usa novamente a expressão retrucando ao conselho não ser sua obrigação profissional dar conta das dificuldades do aluno, quando usa a expressão “Iii?...” continua enfatizando que a ausência do aluno na escola dentre outros problemas, não é de responsabilidade dela.

Os exemplos vivenciados pela professora Juliana são mais comuns do que se pensa, falta clareza para os demais funcionários da escola quanto ao papel do profissional atuante na educação, o fato da professora ser licenciada deixa claro que a mesma tem a consciência do papel das duas profissões muito clara, porém , temos intérpretes que não têm essa clareza e acabam, na tentativa de ajudar e colaborar com o professor,por comprometer a aprendizagem dos alunos. Mas para que isso não aconteça, Juliana acredita que o intérprete precisa explicar suas obrigações profissionais porque muitas vezes é falta de conhecimento.

Souza (2011) ressalta que o intérprete deve adotar uma postura ética de ater seu comentário apenas a conteúdos neutros, como a linguagem do estudante, ao procedimento de interpretação , entre outros afins. Ao decidir agir assim, o intérprete estabelece a separação clara entre assuntos profissionais e pessoais, de forma que pode terminar deixando bem claro ainda ao docente que, em sala de aula, o papel dele é interpretar o conteúdo ministrado, e não comentar sobre o rendimento discente.

Ao ser indagada sobre as aulas da professora Carolina, Juliana alegou que a aula da professora de biologia é diferente, porque ela participou das oficinas na sala do

educador. A Carolina entra na sala e explica aos alunos: “ gente hoje eu só vou escrever, na outra aula eu vou só explicar!” porque tem a consciência.

Quadros(2004) discorre em sua pesquisa sobre essa importância e comenta que deve ser resolvido previamente como serão feitas as anotações referentes ao conteúdo ministrado pelo professor em sala de aula, uma vez que o estudante surdo vai manter sua atenção na aula e, por conta disso, não vai dispor de tempo hábil para executar essa ação de “tomar nota” durante a aula e segundo Juliana a professora adotou esse hábito após participar da sala do educador desenvolvida pelas intérpretes.

Como estávamos falando de professora Carolina pergunto a Juliana se a mesma acha difícil interpretar a disciplina de biologia, ela alegou que nem sempre, visto que a professora disponibiliza o conteúdo anteriormente, e segundo Lacerda e Santos (2013 p.196) o intérprete precisa ter acesso aos conteúdos que serão ministrados para se preparar com antecedência e, assim, oferecer uma boa interpretação. Ademais a disciplina, segundo a intérprete, facilita seu trabalho. Para ela a mais difícil é a Filosofia.

“A biologia acaba sendo uma coisa mais concreta, visual. Às vezes, a professora desenha no quadro, as vezes ela mostra como no exemplo desse conteúdo ela mostrou o esqueleto, não precisa interpretar é só ir apontando.

Já a filosofia é mais abstrata fala uma coisa e às vezes é outra, e a Julia já tem uma dificuldade com essa linearidade , às vezes você pergunta uma coisa e ela te responde com outra pergunta e eu digo a ela “ responde objetivo! Não fica dando volta na pergunta que eu fiz, você está falando a mesma coisa que eu, as vezes ela faz a mesma pergunta umas cinco vezes!”

É possível ensinar musica, dança, incluir essa parte cultural dentro de uma sala de aula inclusiva dentro das disciplinas como, por exemplo, nossa aula diferenciada de hoje? Juliana responde:

“Sim, acho que sim. Sabe o por quê?! Ele esta inserido no mundo dos ouvintes, esta convivendo. A Julia ama dançar, músicas “batidão” ela ama, ela estava com vergonha aqui porque ela ama dançar, ela vive me dizendo: “ ai vou no show disso, vou na festa daquilo...” , ela ama passear!

Então, ela esta inserida no mundo de ouvintes e convive com aquilo o tempo inteiro, o que eu vou fazer é trabalhar aquilo.

Mas com o pessoal do noturno não trabalham muito, mas porque as turmas são relativamente constituídas por pessoas mais idosas. Então eles pensam que estão cansados, eles trabalham, então ficam cheios dos cuidados.

Quando eu cheguei eu olhei e pensei: Meu Deus! a sala só tem idosos! Mas você viu né que eles são super animados, inclusive temos um senhorzinho que vai participar do festival da canção da escola, ele ama cantar e dançar, se deixar eles fazem a festa, mas assim: eu penso que é possível, é lógico que eu não posso exigir algumas coisas que o ouvinte teria, mas eu acredito ser possível sim”.

A profissional ainda nos contou que já lecionou música para Pedro e que ele era um excelente aluno e compreendia muito bem as explicações, ela ressalta que eram necessárias adaptações para o ensino e que muitas vezes o aluno compreendia conteúdo muito antes dos ouvintes.

Juliana encerra a entrevista ressaltando a necessidade de definir o papel do tradutor intérprete na escola que ainda não está claro para comunidade escolar e alerta que, segundo ela, o profissional precisa ser mais flexível:

“Por exemplo: todos os professores estão ajudando a organizar a sala porque vai ter uma feira”. Eu não vou ajudar?! Porque eu sou intérprete, não é minha função!

Gente eu acho que faz parte da questão do profissional, eu sou profissional da escola. É para arrumar? Vamos arrumar então! Lógico que não vou sair da sala, largar o aluno para fazer as coisas, mas se eu estou lá e alguém me pede: “você me ajuda a cortar isso aqui para amanhã e tal?!” se não interferir, tudo bem!”

Esta ressalva foi feita por conta de atividades que acontecem fora do horário de aula, como as feiras de ciências ou culturais que, geralmente, acontecem aos sábados e alguns profissionais se recusam a ir porque realmente não estão previstas em sua carga horária de trabalho. Eu, como pesquisador, entendo que o tradutor intérprete que atua apenas considerando sua carga horária presencial não terá esse comprometimento com o aluno e com a educação.

Ele encontra-se no seu direito de não participar desses eventos, afinal de contas não somos obrigados a trabalhar de graça. Entretanto, a visão de Juliana, assim como as demais intérpretes entrevistadas, deixa transparecer a forte influência do curso de nível

superior fazendo com que todas estejam comprometidas com a educação dos alunos independente de ser intérprete ou professora, ter remuneração ou não.

Na entrevista pude perceber que uma das questões que mais causam angústia na interprete é a questão do seu papel como profissional, que não é claro na escola e que precisa ser esclarecido para que não cause desavenças.

6 - A Produção e Aplicação da Aula Diferenciada

Pensando em como produzir uma aula que tivesse como dinâmica introdutória a dança, nos apoiamos em Zanolo (2009). Nesse sentido, ao eleger procedimentos de dança como uma possibilidade estratégica que possa ser somada ao planejamento educacional, a função social da dança alcança uma dimensão diferenciada daquela com a qual tem sido tradicionalmente identificada.

Não pensamos na dança como atividade que deveria ser executada com perfeição, observando os mínimos detalhes como a execução dos passos corretamente, dentro do ritmo e etc, sim, para que os alunos tomassem como autoconhecimento do movimento corporal, para que esse posteriormente servisse de base para a explicação do conteúdo. A execução correta bem como a marcação rítmica não seriam cobradas, visto que estes não faziam parte do objetivo da aula. A dança viria apenas para motivá-los a aprender o conteúdo.

Mais do que apenas uma manifestação artística ou um movimento estético e plástico, como passou a ser considerada no decorrer de sua história, a dança pode comportar em seu interior, também, a perspectiva de ter os seus procedimentos utilizados como recurso para novas aprendizagens do indivíduo. Não há como não cogitar a sua imersão nos vários contextos sociais e, especialmente, no contexto educacional (ZANOLO, 2009), e vincular a dança ao ensino do conteúdo proposto leva os alunos a compreenderem o que de fato a teoria propõe quando estão executando a prática.

Tomando por base as observações bem como a oficina de dança, o material foi pensado em três etapas:

- Uma dinâmica inicial com dança;

Levando em conta que na escola não havia um espaço adequado para a prática de dança, como o auditório, e muito menos um tablado para que os alunos pudessem desenvolver a dança. Como professor pesquisador precisei repensar a maneira de sentir as ondas sonoras do aluno em uma sala de aula comum para que o aluno surdo percebesse a vibração que indicaria o ritmo musical, sendo assim, foi necessário a substituição da caixa amplificadora de som por uma mini caixa de som portátil.



Figura 11- Exemplificando a diferença de tamanho das caixas amplificadoras, tendo como ponto referencial um lápis e um pen drive (Fonte: Acervo do autor).

Foi necessária para execução da oficina, a mini caixa de som, no meu caso a utilizada foi a DY 09, um aparelho de fácil transporte, com amplificação do som boa para os alunos ouvintes ao passo que a percepção vibratória para quem a segura é considerável como nos afirma Nishida(2009) Na palma da mão observa-se que os campos receptivos dos corpúsculos de Pacini são amplos.

Pensando na possibilidade da aluna surda segurar o objeto enquanto os demais escutavam a música foi o meio encontrado para solucionar o problema. Algumas pesquisas como a de Yuko et al. (1999) demonstraram que surdos podem eficientemente detectar o ritmo com as mãos e os pés durante atividades de dança utilizando estímulos vibrotáteis em contato com a pele.

Ademais, não poderíamos usar a caixa de som e equalizar em uma frequência mais elevada visto que, diferente da escola CEAADA onde os surdos não se importam com o volume do som, haveria aulas simultâneas acontecendo na escola e a dinâmica poderia atrapalhar as salas próximas.

Levando em conta o tempo de aula pensou-se em uma dinâmica com apenas uma música coreografada com movimentos solos pensando na possibilidade dos alunos relacionarem os movimentos de alguns ossos e articulações específicas de nosso corpo como os braços por meio de flexão e adução, movimentos rotativos dos ombros, deslocamento das pernas no sentido frente/trás e laterais, e por fim movimentos circulares do quadril para direita e esquerda, no intuito que os alunos ao passo que o conteúdo fosse retomando na explicação, pudessem relacionar os movimentos dos ossos classificados em imóveis, semimóveis e móveis.

A música escolhida para desenvolver a dinâmica é intitulada de *Bailando*²⁰, por ter o ritmo marcado por uma batida grave bem marcada, de fácil percepção tanto pela audição quanto pela vibração.

- O uso do material visual para explicar o conteúdo;

Fazendo uso da dinâmica como elemento introdutório, demos sequência com a aula partindo para uma explicação do conteúdo de forma bem condensada visto que essa aula vinha para sintetizar a explicação do conteúdo do sistema ósseo e relaciona-la com o cotidiano do aluno e, para tal, elaboramos uma apresentação para ser usada no projetor multimídia.

É preciso levar em consideração que hoje os alunos estão cada vez mais envolvidos com estas tecnologias, sejam com celulares, redes sociais ou outras mídias. O professor tem que estar atento a estas transformações, dominar ao menos alguma mídia, pois estas são essenciais como meio de deixar as aulas mais atrativas, mas também, fundamentais para diminuir a abstração de muitos dos conceitos biológicos, e de outras ciências são opções para utilizar em sala de aula os simuladores ou *softwares* educacionais, o uso de recurso como áudio visual, apresentações em formato ppt ou pps (slides) (SOUZA, 2014).

Ter alunos surdos em sala nos fez recorrer a aulas onde elementos visuais são fundamentais para elaborar boas aulas – visualmente claras e que facilitaram a atuação

²⁰Bailando do Cantor e compositor Henrique Iglesias em uma versão adaptada pelo cantor Luan Santana produzida pela Universal International Music 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-DVanEJVhCA>.

do intérprete e a compreensão do aluno surdo. Uma boa apresentação de slides, por exemplo, é fundamental para alunos ouvintes, e para os alunos surdos esse recurso pode se tornar essencial (LACERDA e SANTOS 2013 p . 191).

Lacerda e Santos (2013 p.192) ainda dizem que o slide mostra-se um recurso fundamental para o trabalho com surdos e os futuros professores podem defender, e exigir, esse tipo de equipamento no espaço em que se desenvolvem a educação de surdos. Abrindo um leque de possibilidades quanto ao uso de vídeos e imagens que por meio dos recursos do programa utilizado movimentam-se, relacionam-se por esquemas propostos na elaboração do material, corroborando com a aprendizagem do conteúdo por todos.

Como referência dos tópicos trabalhados, usamos o livro didático adotado pela professora para nortear nossa aula de fechamento, respeitando o conteúdo que estava sendo ministrado pela mesma. O livro didático na escola pública é um grande suporte para o professor. Entretanto, como alerta Souza (2014), ele constitui uma importante ferramenta de apoio no processo de ensino aprendizagem, mas em hipótese alguma deve ser colocado como única fonte, já que muitos não contemplam todas as informações necessárias para o desenvolvimento de conteúdos, alguns não apresentam recursos gráficos que facilitam a aprendizagem, outros ainda apresentam informações desatualizadas. Portanto, a escolha de um bom livro é essencial.

- Elaboração de uma atividade avaliativa.

Como forma avaliativa elaboramos uma atividade com questões relacionadas ao conteúdo, apresentando imagens para auxiliar na compreensão e resposta dos alunos.

A aplicação do questionário tornou-se necessária para compreender se de fato foi significativa para os alunos a aula diferenciada e se houve aprendizado, além do que nos permitiu coletar as impressões quanto a aula proposta e para isso elaboramos uma última questão aberta, visando perceber a opinião dos alunos quanto a aula aplicada em uma sala com uma colega surda.

Um fator determinante para a produção desta aula é considerar a presença de um profissional intérprete de LIBRAS envolvido no processo, pois somente o material visual, bem como a dinâmica não são suficientes para a compreensão deste aluno, ele precisa ser instruído na sua língua natural, a LIBRAS, visto que a realidade atual das

escolas inclusivas não proporciona uma educação bilíngue sendo essa aula diferenciada ministrada na Língua Portuguesa e interpretada para língua de sinais.

Para a aluna surda não foi necessário responder esta questão, pois a mesma seria indagada sobre o assunto em um segundo momento possibilitando que ela respondesse em LIBRAS, com mais fluência.

6.1- Roteiro de Aula Diferenciada: O Produto.



ROTEIRO DE AULA



1) IDENTIFICAÇÃO

Escola:

Disciplina: **Biologia**

Turma: sugestão para: **1º EJA.**

Carga Horária: **50 min.**

Professor:

Tema: A DANÇA COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO ENSINO SOBRE O SISTEMA ÓSSEO: UMA PROPOSTA DE INCLUSÃO PARA ALUNOS SURDOS.

2) INTRODUÇÃO

A escola regular inclusiva é para todos e todas e se constitui em espaço de múltiplas identidades, que traz um ganho quando olhamos pelo prisma da interação entre os alunos considerados Pessoas Com Deficiência doravante PCD e aqueles ditos “normais”. Se considerarmos que também é a partir das relações que as pessoas conseguem construir conceitos, o diálogo entre os diferentes é essencial ao desenvolvimento cognitivo. A efetivação de uma educação de forma diferenciada permite perceber a existência das diferenças, respeitando-as e convivendo com estas de forma natural e de forma não excludente.

3) JUSTIFICATIVA

Este roteiro de aula foi elaborado pensando na possibilidade da experimentação do conteúdo Sistema Ósseo por meio de uma dinâmica inicial com dança para salas de alunos surdos inclusos, com intuito de desmistificar a incapacidade destes alunos perante atividades que envolvam elementos culturais como dança e música.

4) OBJETIVOS GERAL E ESPECIFICOS

Possibilitar aos colegas da classe, bem como todos envolvidos no processo educativo uma aula diferenciada que entende as diferenças dos alunos, mas que não os



restringe em participar objetivando fixar de forma prática o conteúdo anteriormente trabalho sendo esta uma aula melhor aproveitada se vier como forma de fechamento, para uma fixação do conteúdo.

- Promover a interação entre os alunos da sala;
- Possibilitar uma aprendizagem significativa por meio da experimentação do conteúdo, tendo a dinâmica de dança como referencia para o ensino do conteúdo.

5) CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

- Noções básicas sobre o Sistema Ósseo;
- Principal função;
- Formato dos ossos;
- Articulações;
- Divisão do sistema ósseo;
- Alguns cuidados necessários.

6) RECURSOS (humanos, técnicos e materiais necessários para aula)

- Professor;
- Intérprete de LIBRAS;
- Caixa amplificadora de som portátil (que possa ser segurada em uma mão);
- Música a escolha do professor, mas que tenha a marcação rítmica por meio de instrumentos graves;
- Projetor multimídia;
- Questionário semiestruturado.

7) PROCEDIMENTOS DE ENSINO (técnicas, recursos e avaliações)

1º Momento

Antes do início da aula organize a sala em fileiras de carteiras bem espaçadas para que os alunos possam se movimentar com facilidade entre as fileiras. Monte o projetor em um local de fácil visualização por todos, pense em um local em que o profissional intérprete possa se posicionar e que o aluno consiga enxergar o professor, a projeção e o profissional com facilidade em seu campo visual.

Explique como ocorrerá a aula diferenciada, em seguida mostre os movimentos, simples, que os alunos deverão copiar.



Como exemplos você pode usar elevação de braços, em conjunto ou alternados, bem como marcações de pés frente e trás e laterais de forma alternada e marcada no ritmo musical.

Após a explicação dos movimentos ligue o aparelho de som e identifique o ritmo com os alunos, em seguida peça para que o aluno surdo segure a caixa de som e mostre para o mesmo o ritmo que será seguido.

Execute os movimentos no ritmo da música com todos.

Procure escolher músicas com a marcação rítmica marcada por elementos graves por serem de fácil percepção tátil e que não ultrapassem o tempo de quatro minutos.

2º Momento

Peça para os alunos se acomodarem em seus lugares e inicie a explicação do conteúdo com o auxílio do material preparado para projeção, tomando sempre que possível a dinâmica executada no início da aula como referência para a compreensão do conteúdo. Neste momento a aula deve ser expositiva, mas ao mesmo tempo dialogada com os alunos para que os mesmos possam contribuir com seus conhecimentos prévios.

3º Momento

Ao fim da explicação como forma avaliativa distribua um questionário com perguntas abertas e fechadas, de preferência com ilustrações para facilitar a compreensão de todos, buscando perceber se a aula proporcionou uma aprendizagem bem como se a dança foi de fato significativa para o aprendizado (sugestão em anexo).

8) BIBLIOGRAFIA

CAMPELLO, A. R. S. **Pedagogia visual/sinal na educação dos surdos**. In: QUADROS, R. M.; CAMPOS, M. C. C; NIGRO, R. G. **Teoria e prática em ciências na escola: o ensino-aprendizagem como investigação**. São Paulo: FTD, 2009.

GONÇALVEZ, B. A. M. **O Surdo, a Dança e a Música** revista INES n 31p.106 RJ 2009.

HORT, A. P. F; HORT, I. C. **Educação especial e inclusão escolar** Centro Universitário Leonardo Da Vinci. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**, 4ª Edição, Editora USP, São Paulo, 2004.

LACERDA, C. B. F; SANTOS, L. F **Tenho um aluno surdo, e agora ?**: Introdução a libras e educação de surdos. São Carlos, Ed UFSCAR, 2013

LUIZ, T. R. B., & ARAÚJO, P. F. **Avaliação de um programa de atividade rítmica adaptada para variação dos parâmetros de velocidade do ritmo para pessoas**



surdos. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 11-32. (2003).

MARINHO, M. L.. **O Ensino da Biologia:** o intérprete e a geração de sinais. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

MARQUES, R. R. **Educação de Jovens e Adultos:** um diálogo sobre a educação e o aluno surdo. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G.(Orgs.). Estudos surdos II. Petrópolis: Arara azul, 2007.

MAUERBERG-DECASTRO, E. e MORAES, R.. **A influência da dança na percepção de estruturas rítmicas monotônicas em adolescentes surdos.** *Motri*. [online], vol.9, n.1, pp. 69-86 . 2013

SÁ, N. R. L. **Os surdos, a música e a educação,** revista Dialógica v02, n 05, UFA 2008
Disponível em:<http://dialogica.ufam.edu.br/dialogicaV2N5/Os%20surdos,%20a%20m%C3%BAsica%20e%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso: 18 de mar 2015.

SILVA, S. C. **Atividades musicais para surdos:** Como isso é possível? Revista INES n.31 p.101 RJ 2009.

SKLIAR, C. (Org.). **Educação e exclusão.** 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SONZA, A. **Efeitos da vibração de corpo inteiro na sensibilidade cutânea, equilíbrio, variáveis fisiológicas e cargas de aceleração associadas.** Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Ciências Básicas. Programa de Pós Graduação em Neurociências 2014.

SOUZA, R. W. L. **Modalidades e recursos didáticos para o ensino de biologia.** Revista eletrônica de biologia-REB Volume 7 (2): 124-142, 2014, disponível em:
<http://revistas.pucsp.br/index.php/reb/issue/view/1283>.

TEIXEIRA, T. **Considerações Sobre os Receptores Gerais** Disponível em:
http://www.uff.br/fisiovet/Conteudos/receptores_gerais.htm Acesso em: 16 mar. 2015.

UNESCO **.Alfabetização de jovens e adultos no Brasil:** lições da prática.— Brasília :, 2008.

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem.** 4 ed. Sao Paulo: Martins Fontes,2008.

YUKO, O., Reiki, Y., & KAZUO, K. **Dance timing for deaf person through vibrotactile stimuli:** Technical report. *Institute of Electronics, Information and Communication Engineers*, 99, 35-42, 1999.

Data: ___/___/___.

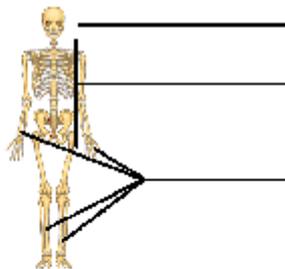
Assinatura

Nome: _____ Turma: _____

Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.



3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1



Semi-móvel-2



Móvel-3



4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPONDA NO VERSO →

6.2 - Aplicação do Produto Educacional

A metodologia foi desenvolvida em consonância com a realidade de nossas escolas públicas estaduais no que tange sobre o Ensino de Jovens e Adultos- EJA, foi pensada para uma aula de 50 minutos, porém adaptada para uma de 40 minutos, a qual serviria como forma de recapitular e relacionar os conhecimentos adquiridos com o cotidiano.

Antes do início da aplicação a sala foi organizada em quatro fileiras de carteiras bem espalhadas para que os alunos pudessem se movimentar com facilidade. O projetor foi montado na frente da sala possibilitando um espaço entre o professor e a projeção para a permanência do intérprete não prejudicando a visão do aluno surdo em questão. Foi sugerido que a aluna sentasse na primeira carteira para que os colegas não atrapalhassem seu campo visual visto que a mesma deveria prestar atenção ora no professor, ora no intérprete, bem como na projeção.

Como afirma Souza(2011) Todo o processo de adequação da estrutura física da sala de aula, disposição das pessoas em sala, adequação da maneira pela qual o professor vai expor o conteúdo programático, dentre outros exemplos, constituem aspectos a serem considerados dentro da realidade de trabalho de interpretação da língua de sinais em sala de aula.

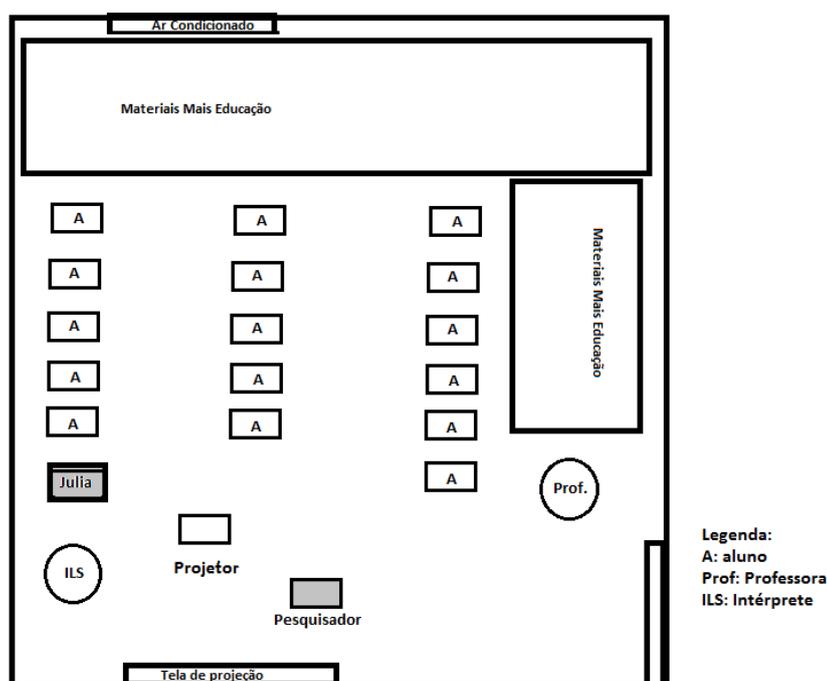


Figura 12-Organização da sala para a aplicação da metodologia diferenciada. (Fonte: Elaborada pelo autor).

Quando os alunos adentraram e se acomodaram pedi para aluna surda se acomodar no lugar proposto, na primeira carteira da fileira do lado direito, e os demais nos lugares vagos. Expliquei que a aula seria diferenciada e envolveria música, com receio de certa rejeição por parte de alguns alunos visto que a realidade que temos de alunos do EJA é muito variada tanto no quesito idade, profissão religiosa, étnico, dentre outros, vale ressaltar que na turma haviam senhores com mais de 60 anos, jovens entre 19 e 24 anos, 2 haitianos que aparentavam ter entre 28 e 32 anos e a aluna surda com 22 totalizando 17 alunos presentes. Para a surpresa do pesquisador todos participaram de forma voluntária, foi perceptível que a aula foi bem vista por todos e confirmada por meio da repostas dos alunos abaixo.

A02: *Ótimo, muito bom mesmo deveria ter mais aula como essa;*

A04: *sim achei muito legal, uma aula super diferente.*

A fala de **A02** vai ao encontro com o que diz Krasilchik(2004), os professores não utilizam linguagem nem instrumentos que cativem a atenção do aluno, para que a aula torne-se informativa e divertida, tornando a ao contrario cansativa e que nada ou quase nada contribui para a formação do aluno. Os professores têm receio de aulas diferenciadas e justificam a idade, dentre outros fatores, para não realizarem pensando que não serão aceitas pela turma, como eu havia pensado de início, contudo a resposta da aluna contraria esta visão.

Após explicar sobre a aula que seria diferenciada, avisei que começaríamos a aula executando uma dinâmica envolvendo dança, todos já se empolgaram, pedi para que a aluna surda segurasse a mini caixa de som ligada para que pudesse sentir por meio da vibração o ritmo da música mostrando-lhe qual a pulsação do aparelho que o identificava, em seguida para os alunos a batida que referenciava o ritmo.

Observa se que os receptores de Pacini respondem apenas quando o estímulo está sendo aplicado e removido e durante a sustentação do estímulo, param de responder. Isto significa que a principal propriedade destes receptores é a de detectar a presença/ausência de estímulos ignorando os que se tornam constantes, Nishida (2012)

afirma que essa propriedade os qualifica como detectores precisos da frequência com que um estímulo mecânico é aplicado na pele.

Expliquei que executaria movimentos simples e que os alunos deveriam me usar como espelho copiando tais movimentos. Comecei com a elevação de braços, em conjunto ou alternados, bem como marcações de pés para frente e para trás e laterais de forma alternada e marcada na música, e os alunos me seguiram. Nesse momento de interação e descontração percebi que os alunos executavam tais movimentos, cada um no seu tempo, atentos e observando os demais colegas, todos com uma expressão no rosto de satisfação e divertimento, inclusive a aluna surda que mesmo executando os movimentos de forma tímida e no ritmo correto não parava de observar os demais colegas.

Posteriormente, os alunos se acomodaram em seus lugares e iniciei a explicação do conteúdo com o auxílio do material preparado para projeção, tomando sempre que possível a dinâmica executada no início da aula como referência para a compreensão do conteúdo.

Campos e Nigro (2009) acreditam, assim como outros autores, que as atividades práticas possibilitam desenvolver a autonomia dos alunos, promover a aprendizagem significativa, transformar a visão da ciência como uma interpretação do mundo e não de respostas prontas, possibilitando relacionar ciência e seu cotidiano, claro sem ultrapassar seus limites do desenvolvimento cognitivo.

A explicação iniciou por meio de indagações relacionadas à função do sistema ósseo, assim como Krasilchik (2004) ressalta a importância de introduzir e desenvolver um conteúdo juntamente com os alunos, através do diálogo, não simplesmente fazer perguntas fechadas sobre assuntos expostos, mas fazer convites ao raciocínio dos alunos, colocando exemplificações e conduzindo os mesmos a encontrar soluções que levem a formulação dos conceitos a serem apreendidos.

Foram então retomados diversos conceitos envolvendo o sistema ósseo bem como indagações quanto à presença e ausência dos mesmos no corpo humano, sendo uma aula interativa e dialogada pautada pelo auxílio da projeção que continha diversas imagens para o tema dando a devida importância ao que a autora Campello(2007) nos traz como fator importante para a aprendizagem do aluno surdo.

A pedagogia visual consiste na exploração de várias nuances, ricas e inexploradas, da imagem, signo, significado e semiótica visual na prática educacional cotidiana, procurando ao oferecer subsídios para melhorar e ampliar o “leque” dos olhares aos sujeitos surdos e sua capacidade de captar e compreender o “saber” e a “abstração” do pensamento imagético dos surdos. (CAMPELLO 2007, p.130).

Ao fim da explicação e das várias contribuições dos alunos, inclusive da aluna surda por intermédio da intérprete, o professor distribuiu o questionário semiestruturado (Anexo I) para os alunos para verificar se os mesmos compreenderam o conteúdo, bem como pudessem opinar quanto a aula diferenciada do qual acabaram de participar. Agradei a participação de todos. O alarme tocou indicando o término da aula e então recolhi os questionários.

Mesmo este trabalho não pretendendo seguir a metodologia quantitativa apresentamos no gráfico 1 as respostas relacionadas as questões de 1 a 4, que nos permite fácil compreensão e visualização do resultado como um todo, além de relatar por meio da escrita dos alunos enumeramos aleatoriamente de A1 a A16 as impressões sobre a aula diferenciada.

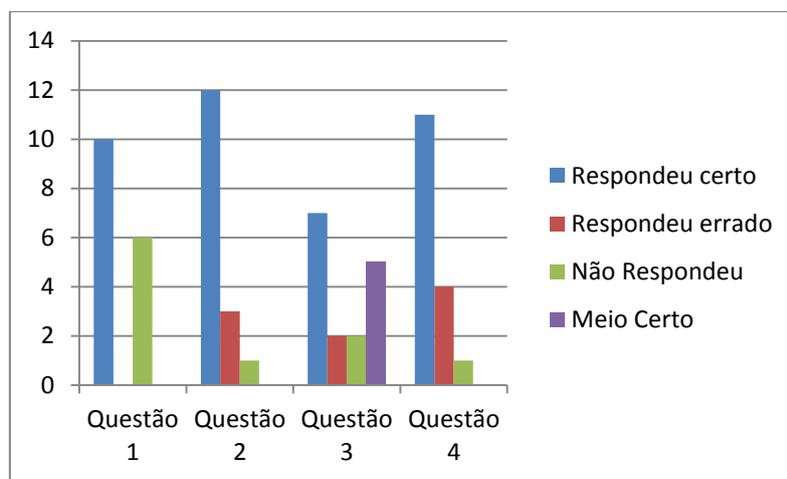


Gráfico I: Respostas dos alunos às questões aplicadas.

Nesta primeira questão as respostas deviam ser discursivas e pudemos observar duas coisas: a maioria dos alunos relacionou o conteúdo com a explicação e respondeu conforme o livro e as explicações como nos exemplos abaixo.

A11: *As principais funções são proteção e sustentação.*

Dois alunos apresentaram em suas respostas a relação do conteúdo com seu cotidiano; **A10:** *Para o nosso dia a dia Caminhar*; **A08:** *Sustentar o nosso corpo e fazer a gente se movimentar*.

Das respostas apresentadas para esta questão somente dois alunos fizeram a inter-relação do conteúdo com a dança, sendo uma delas aluna surda.

A 09: *Possamos realizar funções para refletir de nossa rotina como andar.dançar carrega peso entre outros*.

A16: *Corpo para dançar*.

A resposta da aluna A16 resume em uma frase da língua portuguesa sua resposta, sabemos que os alunos surdos têm muita dificuldade com a escrita. Muitos educadores requerem que as respostas nas avaliações estejam na estrutura correta da escrita do Português, não levando em consideração apenas a resposta correta da pergunta, mas sua organização na língua portuguesa (MARQUES2007).

Com relação a nossa proposta metodológica Zordan (2015), refere-se que novas conotações de significado, a mudança do olhar sobre a música e suas possibilidades, permite uma outra compreensão e, em decorrência, sua utilização passa a ser outra. “*Para Vigotski, os processos de apreensão de algo novo se ressignifica em cada ser humano, de forma que a pessoa, ao incorporar o inédito ao seu pensamento, reinventa-o, transformando-se.*” (VIGOTSKI, 2003).

A segunda questão pedia para que os alunos preenchessem três lacunas ao lado de um desenho inserido para auxiliar nas respostas. Nos questionários dos alunos que erraram esta questão encontramos dois que possivelmente a imagem não contribuiu para facilitar sua resposta, serviu para confundi-los.

A14: *Cabeça; brasu; pena*.

A10: *Cabe; ombros, membros; bacia, perna*.

A questão três era uma questão semelhante a anterior e pedia para os alunos enumerarem ao lado de cada imagem os tipos de articulação. Dos itens dispostos no desenho um deles foi o motivo de erro de quatro alunos, inclusive da aluna surda.

O pesquisador percebeu que o erro da aluna pode ter sido uma consequência da escolha de uma imagem não muito clara, pois a aluna classificou os demais de forma de correta, errando apenas o item citado. A aluna, enumerada como **A16**, acertou todas as questões, tendo apenas o erro deste item dentro da questão.

Ainda nesta questão o aluno **A09** apresentou dúvidas para responder tal questão, sua prova possui rasuras, entretanto o mesmo conseguiu chegar as respostas corretas. O aluno **A14** também foi um dos que erraram, contudo em sua prova ficou claro a falta de compreensão do aluno com relação ao enunciado da mesma, ao invés de enumerar as figuras ele reescreveu as classificações na lateral das imagens bem como algumas palavras em seu idioma nativo, não compreendidas pelo pesquisador.

Na quarta questão, a única de múltipla escolha, das quatro respostas erradas a que me chamou a atenção foi a do aluno **A14**, ao invés de escolher uma das alternativas o mesmo descreve na lateral das figuras novamente o formato dos ossos no qual ele acredita ser correto. **A14**: *Cuto; Logos; Satus*. (Curtos, Longos e chatos) essa resposta me levou a uma análise do seu questionário em específico que demonstra no aluno um grande interesse pela aprendizagem, por se dispor a responde-lo, contudo ele transparece que possui grande dificuldade na compreensão e na escrita do português.

Ao analisar a prova dele e do seu colega percebi que ambos não responderam as questões abertas e o outro não respondeu apenas a questão de múltipla escolha, o que me leva a crer que foi ajudado por um colega de forma indireta.

Tais questionários me levaram a reflexão no momento de como está se dando o ensino para esses estrangeiros que chegaram ao nosso país, qual a qualidade e o que os mesmos estão aprendendo, nas observações das aulas percebi ausência de participação com relação a indagações, dúvidas desses alunos, assim como em nossa aula diferenciada, ambos participaram da dinâmica e prestaram atenção na aula como o fizeram nas demais observadas, porém, a interação com os colegas não foi percebida e nem com a professora regente, mas esse não é o foco de nosso trabalho apenas uma reflexão que serve de sugestão para futuras pesquisas.

Na última questão pediu-se aos alunos que relatassem quais as impressões que obtiveram com a aula diferenciada ficando perceptível fala de **A1** que o uso de imagens

bem como do projetor são fatores que contribuem positivamente na aprendizagem dos alunos como um todo.

A1: *Sim, foi ótima a aula vendo os ossos na tela fico muito fácil a descrição do que seria móvel e imóvel e etc.*

Com relação a dinâmica interativa com dança na sala com a aluna surda, ainda na questão cinco, os colegas foram indagados se os mesmos pararam para pensar em algum momento que na sala havia a colega que não ouvia, oito alunos alegaram pensar na aluna sendo algumas das contribuições deles as seguintes.

A05: *Sim, achei muito divertido e gostaria que isso acontecesse mais vezes. A nossa colega surda(NOME) esta há tanto tempo com agente que agente acaba ate esquecendo que ela e surda;*

A08: *sim pois já acostumei em ve-la todos os dias com a gente e pensei como sentia a energia da música.*

Na fala dos alunos compreendemos que a convivência torna a surdez algo que não tem relevância, os alunos começam a perceber as capacidades do aluno e não o que acreditam ser limitações, estando claro na fala dos alunos a seguir.

A03: *na minha sala tem uma aluna com esta deficiência surda mais ela e muito inteligente parece não ter dificuldade de aprender como eu tenho por isso eu acho ela muito interessante;*

A01:*Sim notamos a presença de nossa colega "surda" na sala e de como ela interagiu sem nenhuma dificuldade.*

Para a aluna surda questionamos sua opinião quanto a aula, ela nos contou:

Eu gostei muito da aula diferente, de mexer os braços as pernas, de perceber meus colegas dançando também, o seu Jorge²¹fazendo com os braços a dona Maria rebolando, foi muito legal, eu gostei.

Pergunto se a mini caixa de som possibilitou a Julia sentir a música e ela brinca:

²¹ Nome fictício dado ao senhor de idade muito extrovertido, colega da turma, muito participativo das atividades em geral.

“Sim eu senti, mas aquela caixinha era muito pequena você deveria ter usado uma maior para ter uma vibração enorme, fazer Pow, pow, pow, brincadeira![risos]”.

Respondi que em na sala de aula não dava para usar uma maior para não atrapalhar as outras aulas que aconteciam nas salas laterais, brinco dizendo que da próxima vez levarei um carro de som para estacionar no pátio e fazermos a prática e Julia me responde *“isso seria muito melhor!”* em seguida reforço que no momento em que ela sentia a vibração da caixinha os outros alunos ouviam a música e todos conseguiam compreender o ritmo.

A experiência da surdez potencializa não apenas a visão, mas todo o corpo do surdo, levando-o a experimentar as vibrações de forma até mais intensa que os ouvintes (SÁ, 2008). A vibração experimentada por Julia foi considerada de fácil percepção para mim, ouvinte, logo acreditei que a aluna não teria dificuldades de percebê-la, tendo em vista que a mesma confessou que frequenta festas e tem o hábito da percepção vibratória musical.

Pergunto por fim sobre a questão do uso dos slides como facilitador e ela me diz que a explicação com imagens facilita compreender o conteúdo.

O parecer da professora Carolina que acompanhou o desenvolvimento da aula como espectadora, ao ser questionada sobre a metodologia que utilizei para o ensino, pergunto se a mesma acredita ser possível de uso, eficiente, bem como sua opinião quanto a aula diferenciada.

Foi muito boa, muito bem utilizada, os alunos entenderam, participaram, entenderam a metodologia e compreenderam o conteúdo, acredito que possa ser utilizada sim. Não só a sua aula, mas qualquer metodologia diferenciada com algumas adaptações é possível de ser usada sim!

Entendo que para a professora o uso de minha metodologia não causou espanto ou mesmo algum tipo de inquietude porque o que me transpareceu foi que a professora, pelo tempo de experiência lecionando nas salas inclusivas, encara tal situação como normal. A aula diferenciada que executei na visão da professora transpareceu ser algo que faz parte de seu cotidiano e que não pensa no aluno surdo como prioridade, mas apenas como mais um aluno dentre vários que necessita sim de algumas adaptações para

sua aprendizagem, mas que não o faz ser o centro das atenções na aula ou mesmo o único aluno objetivando a aprendizagem.

No final, percebemos que houve muito interesse por parte dos alunos na metodologia diferenciada. Ao terminar a dinâmica com a música os alunos pediram para que se fizesse outra, não sentimos rejeição por parte de nenhum aluno da sala quanto ao uso da metodologia e nem da professora regente que observou a aula o tempo todo. Como pesquisador também me surpreendeu a pró-atividade dos alunos da sala em participar da aula diferenciada, todos se propuseram, espontaneamente, a participar sem a menor insistência, o que me causou espanto visto que haviam muitos senhores e senhoras de idade que geralmente nos levam a pensar que ficarão acanhados em participar visto que precisariam se expor na frente dos colegas.

7 - Considerações Finais

As entrevistas e as observações nos fizeram compreender a existência de múltiplos contextos dos alunos surdos, tanto de aquisição da LIBRAS como língua natural, a convivência e interação familiar por meio dos estímulos para o uso da LIBRAS e sua comunicação no seio familiar, bem como a significação musical em suas vidas.

Esses relatos nos levaram a perceber que, assim como os ouvintes, existe uma diversificação quanto à importância da música e da dança em suas vidas que pode ser nula ou extremamente significativa, contextos naturalmente encontrados dentre os ouvintes, ou seja, próprio do ser humano que tem suas preferências individuais, o que os fazem únicos.

Sabemos que a formação inicial dos professores no quesito educação inclusiva ainda está aquém da necessidade. Hoje os cursos de licenciatura já possuem em sua grade curricular a disciplina obrigatória de LIBRAS. O professor realmente não é obrigado a saber LIBRAS, mas precisa compreender as especificidades do aluno surdo bem como aprender sinais que possibilitem uma interação entre ambos mesmo que minimamente. A disciplina possui carga horária de 60, assim como vários cursos básicos da língua, que não dão conta de um ensino fluente por se tratar de uma língua tão complexa quanto às demais.

Percebemos que a professora encontra diversas barreiras para possibilitar um ensino de qualidade para os alunos e a variável tempo de aula nos contextos de nossas observações foi um fator determinante para desestimular a professora que já trabalhava o dia todo e precisava dar conta de ministrar o conteúdo proposto neste horário reduzido. Atribuímos também a este fator o tratamento diferenciado para com os alunos surdos do noturno em relação a aluna do matutino.

Entendemos que a escola encontra-se em constante busca para uma inclusão dos alunos surdos, contudo a falta de uma SRM para o ensino da LIBRAS é um requisito extremamente básico para que esses alunos aprendam sua língua natural e possam ter o auxílio de um professor que possa sanar suas dúvidas quanto aos diversos conteúdos aprendidos na escola. Porém como nos contou a coordenadora a mesma já foi solicitada, entretanto a escola não tem espaço físico disponível e o prejuízo é dos alunos surdos que passam pelo período escolar sem ter o contato com a língua de forma sistematizada como nós ouvintes temos do ensino básico até a conclusão do ensino médio. É importante salientar que mesmo nas ocasiões em que o professor tem conhecimento da língua a presença do intérprete é peça fundamental para o processo inclusivo mas não é responsabilidade deste profissional o ensino da LIBRAS para o aluno surdo.

O presente trabalho atingiu seu objetivo ao propor uma atividade diferenciada para o ensino sobre o sistema ósseo, desmistificando a incapacidade da participação de qualquer aluno, visto que em sua aplicação os participantes foram muito distintos, jovens e idosos, surdo e ouvintes, brasileiros e estrangeiros. É claro que não significa que o mesmo é uma receita de sucesso afinal de contas o ato de ensinar não tem fórmula, cada contexto, cada momento interativo deve ser levado em consideração.

No intuito de não excluir o aluno surdo, concluímos que é possível trabalhar não só a dança como a música nas salas inclusivas. Tive a felicidade de observar uma aula com esta metodologia aplicada em uma sala inclusiva o que possibilitou registra-la nesta dissertação o que contribuiu para minha pesquisa bem como para futuros pesquisadores da área que venham a ter contato com a dissertação.

Os alunos da sala na qual o produto foi aplicado interagiram a todo o momento e participaram ativamente do processo de ensino e as respostas dos alunos corroboram para a afirmação. Eles perceberam o significado da atividade experimental com dança e a relação desta com o conteúdo aprendido, além do uso de imagens que contribuíram

para que compreendessem a explicação, como constatamos nas respostas ao questionário.

Como sugestão acredito que o produto da pesquisa pode ser empregado em aulas que envolvam a explicação de todos os sistemas humanos seja ele respiratório, circular, nervoso bem como o muscular e o ósseo. Salientamos que esta prática seria melhor desenvolvida se aplicada como forma de fechamento do conteúdo, o que possibilitaria um alcance maior quanto à relação do conteúdo com a atividade prática em dança, além de possibilitar aos alunos a percepção de que todos estão interligados e interdependentes, ao invés de como aconteceu devido ao pouco tempo que tínhamos para desenvolver o trabalho. É preciso que o professor arrisque e busque maneiras criativas para que um ensino de qualidade aconteça de fato.

É preciso salientar que só foi possível a execução do roteiro com a presença e o auxílio do tradutor intérprete de LIBRAS, sem ele não seria possível visto que somente a dinâmica da dança adaptada mais o auxílio das imagens na explicação não são suficientes para a compreensão do conteúdo pelo aluno surdo, é necessário que esse aluno tenha as informações em Libras para que compreenda de forma clara e extensa tal explicação e não de forma resumida e dedutiva.

O produto aqui apresentado foi aplicado em uma turma do ensino médio na modalidade EJA, entretanto, acreditamos que o recurso pedagógico empregado pode ser adaptado para toda a Educação Básica, tendo a opção de ser trabalhado de forma interdisciplinar minimamente com os professores de Educação Física, considerando atividade prática e Física para uma discussão dos movimentos entre outras questões relacionadas. A vivência deste recurso nas diferentes salas de aulas, certamente trarão mais complexidade a atividade proposta.

A elaboração e execução do roteiro de aula nos fez compreender que é possível utilizar a metodologia e que o fato de ser uma aula diferente, principalmente por envolver dança, um elemento pouquíssimo utilizado dentro do currículo escolar com exceção a Educação Física, despertou o interesse dos alunos pelo conteúdo estudado, caracterizando-se assim como um elemento motivador para a aprendizagem.

A união das três áreas do conhecimento- Biologia, Música e Dança, resultando em um trabalho acadêmico foi algo que nunca havíamos cogitado como possibilidade e este

nos permitiu um crescimento pessoal e profissional enorme resultando em um trabalho excepcional. Desejamos que ele possa ser útil e adotado por colegas educadores, seja da área das Ciências Naturais ou de qualquer outra área do conhecimento humano.

9 - Referências Bibliográficas

ALMEIDA, J. J. F. de. Libras na formação de professores : percepções de alunos e da professora. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação. Londrina, PR: Univ. Estadual de Londrina. 2012. 150p.

AUSUBEL, D.P., NOVAK, J.D. ; HANESIAN, H. **Educational psychology**. New York: Holt, Rinehartand Winston. Rio de Janeiro: Editora Interamericana. 1980..

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. SãoPaulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo:HUCITEC,1995.

BLANCO R.. A atenção à diversidade na sala de aula e as adaptações do currículo. In: COLL, César; MARCHESI, Álvaro; PALÁCIOS, Jesus (Org). Desenvolvimento psicológico e educação. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Brasília, 24 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm>. Acesso em: 28 abril 2014.

BRASIL. Decreto5626, de 22 de dezembro de 2005. Disponível em : Acesso em: ...

BRASIL. Presidência da Republica. **Da Educação, da Cultura e do Desporto. Art. 206**.Disponível em : <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> acesso em 04 de Agosto de 2014.

BOGDAN, R. C. and BIKLEN, K. S. **Qualitative ResarchForEducation**.Ally and Bacon, MA, secondedition, 1992.

CAMPELLO, A. R. S. **Pedagogia visual/sinal na educação dos surdos**. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G.(Orgs.). Estudos surdos II. Petrópolis: Arara azul, 2007.

CAMPOS, M. C. C; NIGRO, R. G. **Teoria e prática em ciências na escola: o ensino-aprendizagem como investigação**. São Paulo: FTD, 2009.

CAPOVILLA, F. C. & CAPOVILLA, A. G. S. **Educação da criança surda: bilinguismo e o desafio da descontinuidade entre a língua e a escrita alfabética.** Revista Brasileira de Educação Especial. Marília, v8 2002.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. **Novo Deit-Libras:**

Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingue da Língua de Sinais Brasileira (Libras). São Paulo: Edusp, 2009.

CERVELLINI, N. H. A. **Musicalidade do surdo: representação e estigma.** São Paulo: Plexus Editora, 2003.

CICCONE, M. **Comunicação Total: introdução, estratégias a pessoa surda.** 2ª Ed. Rio de Janeiro: Cultura Médica, 1996.

COUTO, L. A. **Como posso falar: Aprendizagem da língua Portuguesa pelo deficiente auditivo** ed. Aula, RJ 1988.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: uma possibilidade para a inclusão social.** Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 22, p. 89-100, jan./abr. 2003.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Princípios, Política e Prática em Educação Especial. 1994. Disponível em: <www.direitoshumanos.usp.br> acessado em 04 de agosto de 2014.

DUARTE, A. S. **Ensino de LIBRAS para ouvintes numa abordagem dialógica: contribuições da teoria bakhtiniana para a elaboração de material didático.**

Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem

(MeEL). Universidade Federal de Mato Grosso, 2011

FERREIRA, L. B. **Por uma gramática de línguas de sinais.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1995.

GASKELL, G. **Entrevistas individuais e grupais em Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual,** Bauer; Gaskell 10. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012

GOLDFELD, M. **A Criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista.** São Paulo: Plexus, 1997

GONÇALVES, B. A. M. **O Surdo, a Dança e a Música** revista INES n 31p.106 RJ 2009.

GUARINELLO, A. C.; BERBERIAN, A. P.; SANTANA, A. P.; MASSI G.; PAULA, M. **A inserção do aluno surdo no ensino regular: visão de um grupo de professores do estado do Paraná.** Rev. Bras. Ed. Esp., Marília, Set.-Dez. 2006, v.12, n.3, p.317-330. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbee/v12n3/02.pdf> acesso: 17/04/2015 às 17:40

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais:** desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez, São Paulo, Ciranda Cultural, 2009.

HORT, A. P. F.; HORT, I. C. **Educação especial e inclusão escolar** Centro Universitario Leonardo Da Vinci. Indaial: Grupo UNIASSELVI, 2009.

JOSEPH, T. W. R. **Entre a dança e a língua de sinais, a caixa mágica da**

criação: Possibilidades Interativas de Dança Com Surdos e Ouvintes. / Tatiana Wonsik Recompensa Joseph. – Campinas, SP: [s.n.], 2010.

KRASILCHIK, M. **Prática de Ensino de Biologia**, 4ª Edição, Editora USP, São Paulo, 2004.

LACERDA, C. B. F.; SANTOS, L. F. **Tenho um aluno surdo, e agora ?:** Introdução a libras e educação de surdos. São Carlos, Ed UFSCAR, 2013

LEMOS NETO, L. et al. **O ensino de química e a aprendizagem de alunos surdos: uma interação mediada pela visão.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, 6., 2007. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências, 2007. v. 1. p. 1-12.

LUIZ, T. R. B., & ARAÚJO, P. F. **Avaliação de um programa de atividade rítmica adaptada para variação dos parâmetros de velocidade do ritmo para pessoas surdas.** *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*, 11-32. (2003).

MACHADO, P. C. A. **mediação da aprendizagem do surdo através da informática:** CD-ROM de biologia. São José, SC: [s.n.], 2003.

MARINHO, M. L.. **O Ensino da Biologia:** o intérprete e a geração de sinais. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Brasília, 2007.

MARQUES, R. R. **Educação de Jovens e Adultos:** um diálogo sobre a educação e o aluno surdo. In: QUADROS, R. M.; PERLIN, G. (Orgs.). *Estudos surdos II*. Petrópolis: Arara azul, 2007.

MARTINS, A. L. B. **Identidades Surdas no processo de identificação linguística:** o entremeio de duas línguas. Dissertação de Mestrado Uberlândia: UFU, 2004

MAUERBERG-DECASTRO, E. **Influência do treinamento sensório-motor no desenvolvimento da discriminação auditiva em indivíduos com perda auditiva neurossensorial profunda** (Dissertação de Mestrado). Universidade de São Paulo: Ribeirão Preto. (1989).

MAUERBERG-DECASTRO, E. **Atividade Física Adaptada** (2ª edição). Ribeirão Preto: Novo Conceito. (2011).

MAUERBERG-DECASTRO, E. e MORAES, R.. **A influência da dança na percepção de estruturas rítmicas monotônicas em adolescentes surdos.** *Motri*. [online], vol.9, n.1, pp. 69-86 . 2013

MAZZOTA, M.J.S **Educação Especial no Brasil: História e políticas Públicas.** São Paulo; Cortez, 1996.

MOREIRA, M. A. **Teorias da Aprendizagem.** São Paulo: EPU 1999.

MOURA, M. C.; LODI, A. C. B.; PEREIRA, M. C. C (Orgs.). A linguagem de sinais na educação de criança surda. In: **Língua de Sinais e educação do surdo.** São Paulo tec Ant., 1993 p1-4.

NISHIDA, S. M. **Apostila do curso de Fisioterapia,** Unesp Sp, 2012 Disponível em: <http://www.ibb.unesp.br/Home/Departamentos/Fisiologia/Neuro/06.somestesia.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2015.

PEREIRA, L.L.S.; BENITE, C.R.M.; BENITE, A.M.C. **Aula de Química e Surdez: sobre Interações Pedagógicas Mediadas pela Visão.** Química Nova Escola. v.33, n1, 47-56, 2011.

PIOVESAN, *Armando*; TEMPORINI, *Edméa Rita*. **Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública.** Rev. Saúde Pública, v.29, n.4, 318-325, 1995.

QUADROS, R. M. **O tradutor intérprete na Língua de Sinais e Língua Portuguesa.** Brasília, MEC, 2003.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMACHANDRAN, V.S. & Hubbard, E.M., “**Ouvindo as cores e degustando as formas**”, Scientific American Brasil, 2003.

SÁ, N. R. L. **Os surdos, a música e a educação,** revista Dialógica v02, n 05, UFA 2008 Disponível em: <http://dialogica.ufam.edu.br/dialogicaV2-N5/Os%20surdos,%20a%20m%C3%BAstica%20e%20a%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf> Acesso: 18 de mar 2015.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes – Uma viagem ao mundo dos surdos.** 6ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SASSAKI, R. K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SILVA, S. C. **Atividades musicais para surdos: Como isso é possível?** Revista INES n.31 p.101 RJ 2009.

SKLIAR, C. (Org.). **Educação e exclusão.** 5. ed. Porto Alegre: Mediação, 1997.

SKLIAR, C. **A A surdez: um olhar sobre as diferenças.** Porto Alegre: 6 ed. Mediação, 2013.

SOARES, M.A.L. - **A educação do surdo no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados;Bragança Paulista: EDUSF, 1999.

SONZA, A. **Efeitos da vibração de corpo inteiro na sensibilidade cutânea, equilíbrio, variáveis fisiológicas e cargas de aceleração associadas**. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Ciências Básicas. Programa de Pós Graduação em Neurociências 2014.

SOUZA, R. W. L. **Modalidades e recursos didáticos para o ensino de biologia**. Revista eletrônica de biologia-REB Volume 7 (2): 124-142, 2014, disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/reb/issue/view/1283>.

STAINBACK, S; STAINBACK,W. **Inclusão: Um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

STRNADOVÁ, Vera, **Como é ser surdo**, Petrópolis, RJ: Babel, 2000.

STROBEL, Karin..**As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis 3ª Edição Ed. UFSC, 2013.

STRULLY,J. **Our children and the regular education classroom**: Or why settle for anything less than the best, artigo apresentado na 13º conferencia anual de the Association for persions with severe Handicaps, San Francisco, 1986.

TEIXEIRA, T. **Considerações Sobre os Receptores Gerais Disponível em:** http://www.uff.br/fisiovet/Conteudos/receptores_gerais.htm Acesso em: 16 mar. 2015.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-ação nas organizações**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2009

THOMAS A. S.; KLEIN, M. Experiências educacionais, movimentos e lutas surdas como condicoes de possibilidade para uma educacao de surdos no Brasil. **Cadernos de Educação**, edicao 36, p. 107 – 131, 2010.

UNESCO . **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil**: lições da prática.—

Brasília :, 2008.

VEJA, J.A. et al. **The Meissner and Pacinian sensory corpuscles revisied new data from the last decade**.Microscopyresearchandtechnique, v.72, n.4, p. 299-309, abr.2009

VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e Linguagem**. 4 ed. Sao Paulo: Martins Fontes,2008.

VIGOTSKI, L. S.**Historiadeldesarrollo de las funciones psíquicas superiores. Obras Escogidas III** Madri: Visor/ Ministerio de Educación y Ciencia. (1995).

VIGOTSKI, L. S.**A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes (1999).

VITALIANO, C.R; MANZINI. J. E. A formação inicial de professores para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. In: VITALIANO, C. R (org.). Formação de professores para a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Londrina: EDUEL, 2010.

YUKO, O., Reiki, Y., & KAZUO, K. **Dance timing for deaf person through vibrotactile stimuli**: Technical report. *Institute of Electronics, Information and Communication Engineers*, 99, 35-42, 1999.

ZANIOLO, L. O. **Dança como prática social**: um recurso metodológico para processos educativos e inclusão escolar. In Dall'Acqua, M. J. C; Zaniolo, L. O. Educação inclusiva em perspectiva: reflexões para a formação de professores. 1 ed. Curitiba: Editora CRV 2009.

ZORDAM, P. B. M. B. G. Concepções didáticas e perspectivas teóricas para o ensino das Artes Visuais, revista Linhas, SC, 2015 Disponível em: www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/download/.../1076. Acesso em 03.3.15

ZUIN, B. P; REIS, C. R. O ensino da língua materna: Dialogando com Vygotsky, Bakhtin e Freire. Aparecida, SP: Idéias&Letras, 2010.

Anexos

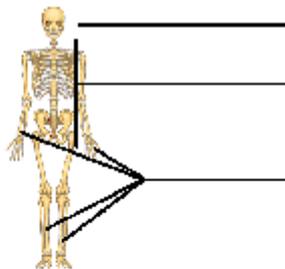
Questionário utilizado

Nome: _____ Turma: _____

Sistema Ósseo

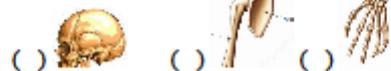
1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.



3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1



Semi-móvel-2



Móvel-3



4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPONDA NO VERSO →

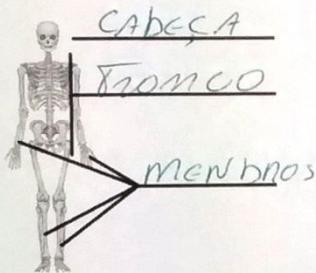
A1

Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

AENSO eu que a principal função do nosso sistema ósseo é sustentar e proteger nosso corpo.

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.

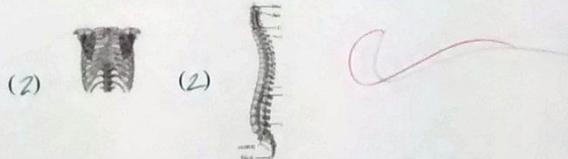


3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1



Semi-móvel-2



Móvel-3

4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPOSTA NO VERSO *Sim Foi ótima a aula vendo os*

A1.2

esses na tela ficou muito fácil a
destruição. do que seria mobil e
imóvel etc...

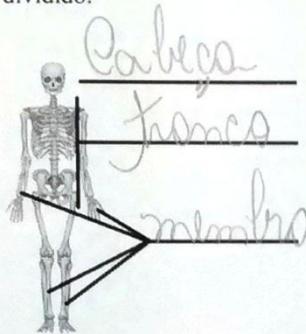
sem notamos a presença de nossa
colega "surda" na sala e de como
ela interagiu sem "NÃO" NENHUMA
DIFICULDADE.

Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

as principais funções são? locomoção, proteção

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.

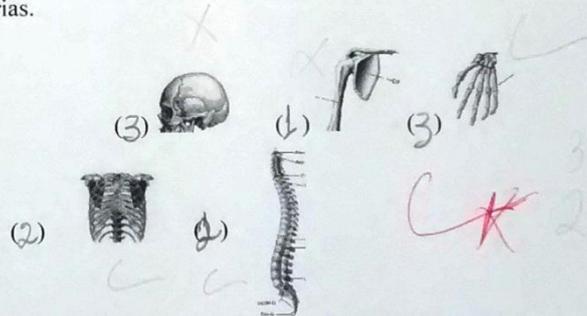


3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1

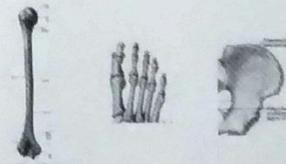
Semi-móvel-2

Móvel-3



4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

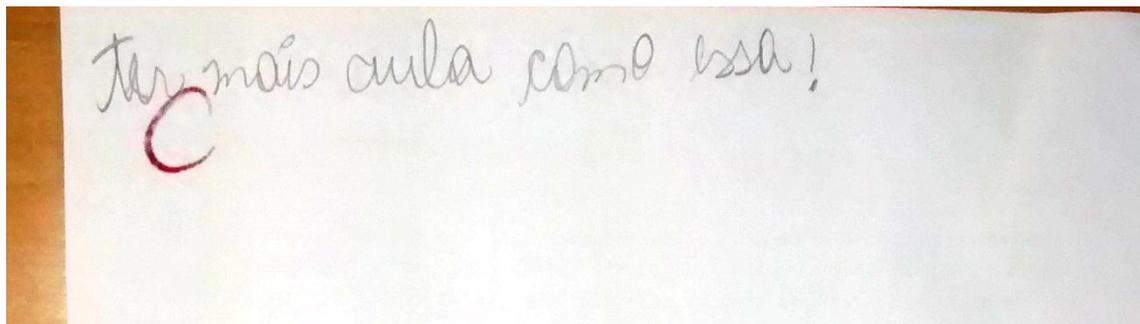
- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPOSTA NO VERSO *Ótimo, muito bom mesmo deveria*

A2.1

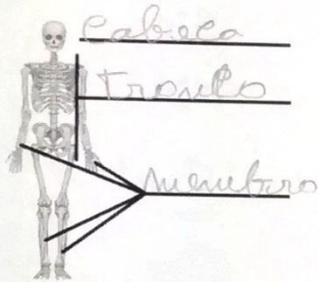


Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazermos parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

nosso equilíbrio

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.

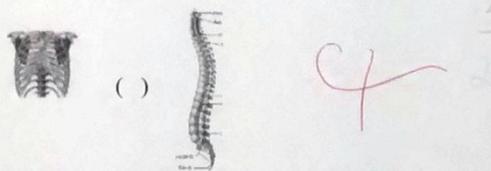


3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1 *Cabeça*



Semi-móvel-2

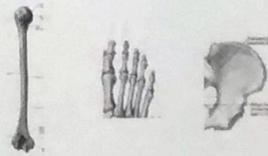


Móvel-3 *braço pernas mãos*



4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPOSTA NO VERSO ----->

A3.1

Na minha sala tem uma aluna com esta deficiência surda mais ela é muito inteligente Parece não ter dificuldade de aprender como eu tenho por isso eu acho muito interessante.

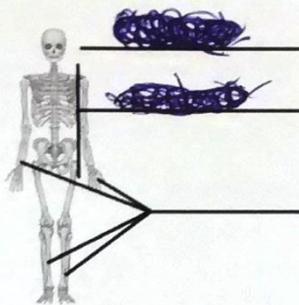
Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazermos parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

Respondeu

X

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.



nos Respondeu

X

3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1



3
2

Semi-móvel-2



Móvel-3

Handwritten scribble

4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPONDA NO VERSO ----->

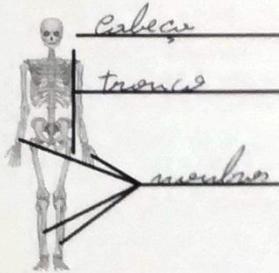
A4.1

5. Prima, in occhi molto legal, non a do paper di fronte .
○

Sistema Ósseo

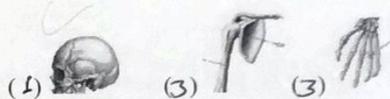
1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema? *A principal função do nosso sistema ósseo é a proteção e sustentação*

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.

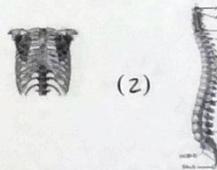


3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1



Semi-móvel-2



Móvel-3

(2) (2)

4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPOSTA NO VERSO ----->

A5.1

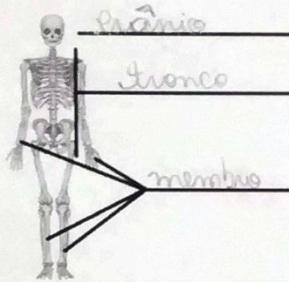
Sim, achei muito divertido e gostaria que isso acontecesse mais vezes.

A nossa colega surda (Jessica) está a tanto tempo com agendas que agente acaba até esquecendo que ela é surda.

Sistema Ósseo

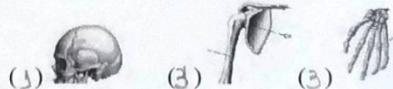
1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?
a principal função do sistema ósseo é proteger nosso corpo, nossos órgãos.

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.



3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1



Semi-móvel-2



Móvel-3

(2)

(2)



4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPOSTA NO VERSO ----->

A6.1

gostei muito da aula, e sim em todo momento lembrei da minha
esposa surda.

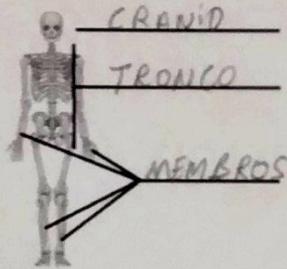
Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

A MOVIMENTAÇÃO AJUDA NOSSO DIA-DIA EM NOSSAS TAREFAS

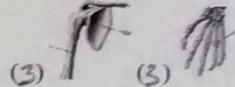


2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo está dividido.



3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1



Semi-móvel-2



Móvel-3

(2)

(2)

4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPOSTA NO VERSO AULA ESSENCIAL QUERENDO A ROTINA →
LEMBREI SIM

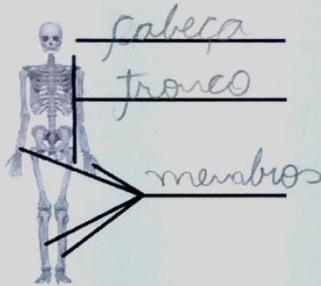
Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

Sustentar o nosso corpo e fazer a gente se movimentar.

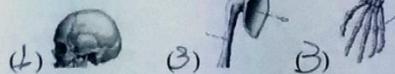


2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.



3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1



Semi-móvel-2

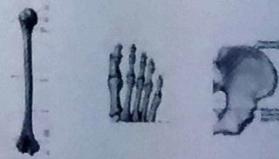


Móvel-3



4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPONDA NO VERSO ----->

A8.1

achei uma ideia muito boa pois
a gente nem sempre lembra de se
mover corretamente, pois pois
já acostumei de ver ela todos os dias
com a gente e pensei como ela sentia
a energia da música.

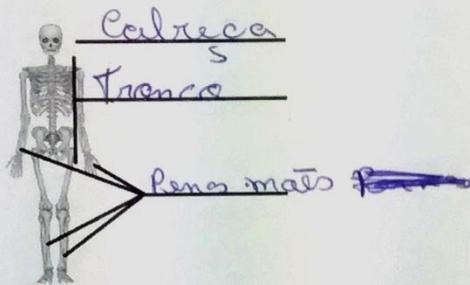
A9

Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

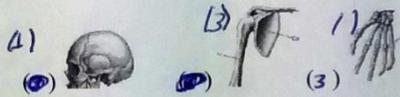
possamos realizar funções para refletir de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso entre outras

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.



3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

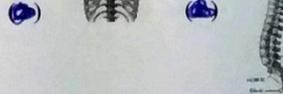
Imóvel-1



Semi-móvel-2



Móvel-3



4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPONDA NO VERSO ----->

A9.1

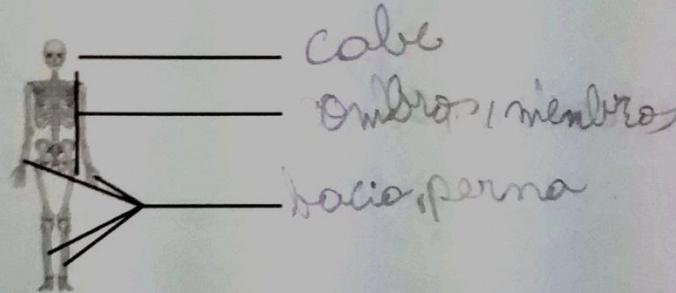
fui boa a aula sim ela senjiu os movi-
mentos sem sabe etc..

Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazermos parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

*Para o nosso dia a dia
Caminhar.*

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.



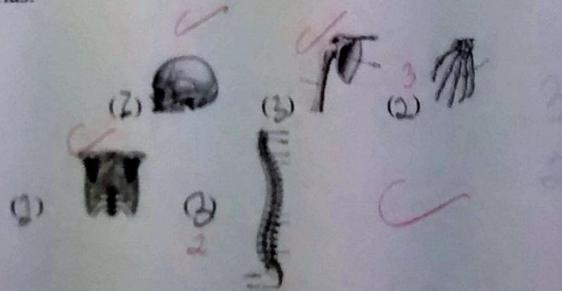
*ERROU
? O. o fígado
o confundi?*

3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1

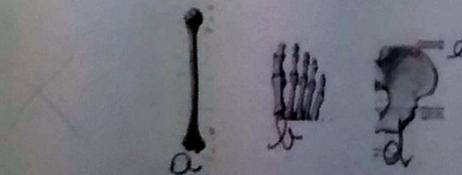
Semi-móvel-2

Móvel-3



4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



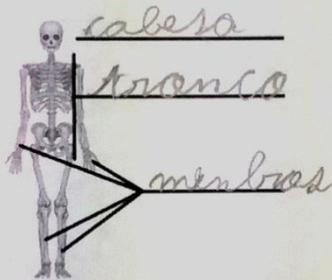
5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPONDA NO VERSO *Eu gostei, só na da dança*

Sistema Ósseo

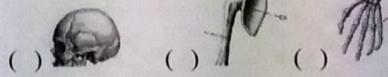
1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.

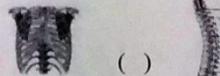


3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

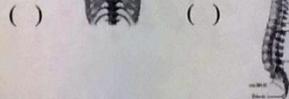
Imóvel-1



Semi-móvel-2



Móvel-3



nos Reprodutores

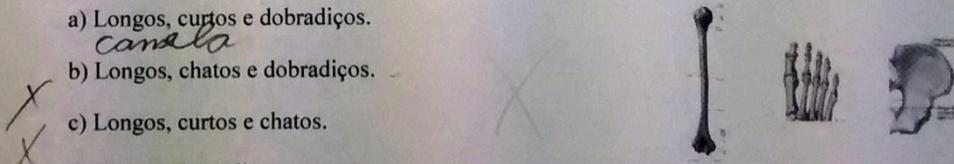
4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

a) Longos, curtos e dobradiços.

b) Longos, chatos e dobradiços.

c) Longos, curtos e chatos.

d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

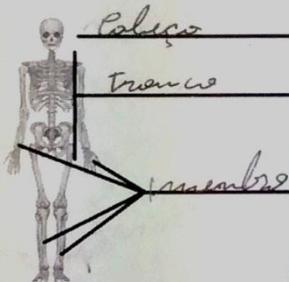
RESPOSTA NO VERSO ----->

Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema? *As principais funções são*

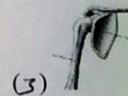
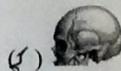
proteção e sustentação

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.

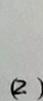


3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1



Semi-móvel-2



Móvel-3

(2)

(2)

4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPONDA NO VERSO ----->

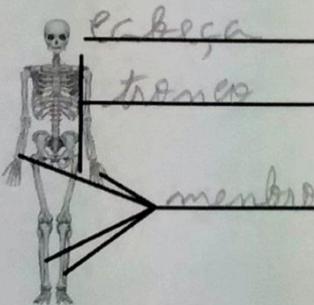
A13

Sistema Ósseo

A33

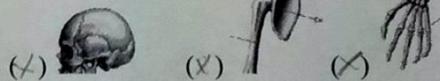
1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.



3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1



Semi-móvel-2



Móvel-3

(X)

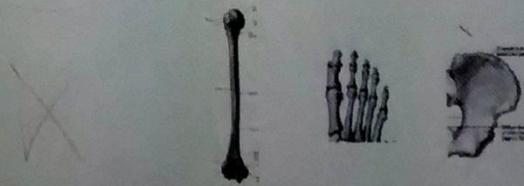


()



4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



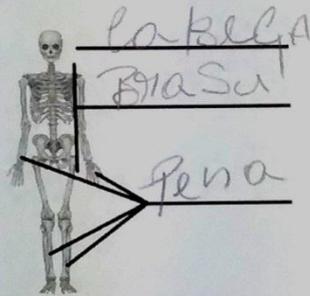
5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPOSTA NO VERSO

Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.

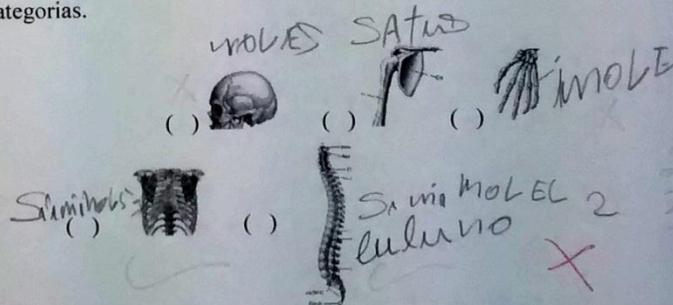


3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1

Semi-móvel-2

Móvel-3



4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

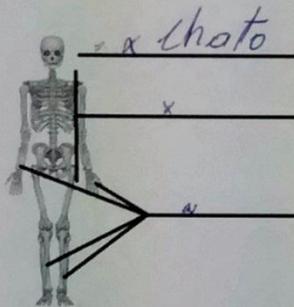
RESPOSTA NO VERSO →

Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema?

na resposta X ✓

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.



X
X ✓

3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

Imóvel-1



Semi-móvel-2



Móvel-3



na resposta

4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- ✓ c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



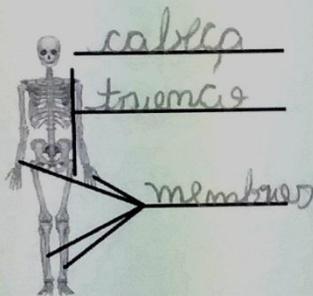
5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPONDA NO VERSO →

Sistema Ósseo

1) Diariamente executamos tarefas em nosso cotidiano que nem percebemos por fazerem parte de nossa rotina como andar, dançar, carregar peso, entre outras. Graças ao nosso sistema ósseo que contribui para que possamos realizar tais funções. Refletindo sobre as aulas anteriores sobre o sistema ósseo explique com suas palavras qual é a principal função desse sistema? *corpo para dançar*

2) Com relação ao sistema ósseo escreva o nome das três partes no qual o corpo esta dividido.



3) Com base na dinâmica inicial da aula numere os exemplos de articulações (ponto de contato entre ossos) nas três categorias.

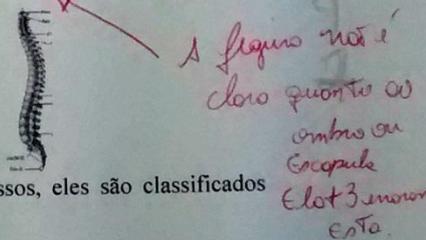
Imóvel-1



Semi-móvel-2

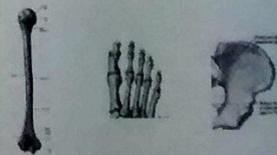


Móvel-3



4) Escolha a alternativa correta quanto ao formato dos ossos, eles são classificados como:

- a) Longos, curtos e dobradiços.
- b) Longos, chatos e dobradiços.
- c) Longos, curtos e chatos.
- d) Chatos, dobradiços e curtos.



5) Descreva o que você achou da aula de hoje e da utilização de uma dinâmica com dança para o ensino do sistema ósseo, em algum momento você lembrou que temos uma colega surda na aula?

RESPOSTA NO VERSO →